AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todas as pessoas, alunos e amigos, cujos estímulos e esforços contribuíram direta ou indiretamente para o sucesso do programa Expedições pelo Mundo da Cultura e cuja presença indelével está nas entrelinhas de cada parágrafo deste livro.

Agradecemos ao SESI, à ABRH, à Klabin, à Volvo e aos seus colaboradores não apenas pelo apoio material, mas pelo entusiasmo, envolvimento e dedicação com que nos acompanharam durante todo este processo.

Agradecemos a todos os que cederam materiais, se mobilizaram e trabalharam pelas transcrições, das mais variadas maneiras. Agradecemos a Bruno Floriani e a Pâmella Stadler pelo seu envolvimento direto com as transcrições. Registramos em especial nossa gratidão para com Andréa de Oliveira Jaques e para com Carlos Nadalin, sem os quais este esforço não teria sequer começado.

Agradecemos ainda aos amigos Carlos Jaime Loch e Paulo Briguet pelo tempo e talento a nós devotado.

Família Nasser

OS FILHOS DE MONIR

José Monir Nasser foi o pai intelectual de muita gente. Todos se tornavam alunos diante dele. Era um educador no sentido verdadeiro da palavra: ex ducare, conduzir para fora. Suas aulas sobre os grandes clássicos literalmente conduziam os ouvintes para fora da caverna da ignorância, mostrando-lhes a luz pura e espiritual do conhecimento. Virgílio de tantos pequenos Dantes, que antes de conhecê-lo não conheciam a comédia de erros das próprias vidas, ele comprovou que o mundo da criação literária e o mundo da criação de riquezas não estão separados, mas fazem parte de um mesmo princípio, essencialmente espiritual.

PAULO BRIGUET

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA VOLUME 10

PATROCÍNIO

LEI DE INCENTIVO À CULTURA · VOLVO · Klabin

REALIZAÇÃO

SESI · MINISTÉRIO DA CULTURA · BRASIL GOVERNO FEDERAL

O Processo Maurizius

Comentários sobre o Sermão da Montanha

ENCONTROS COM O PROFº JOSÉ MONIR NASSER

EXPEDIÇÕES PELO MUNDO DA CULTURA **VOLUME 10**

JOSÉ MONIR NASSER
(1957-2013)

Economista, escritor, editor e pintor, fundou a empresa de consultoria AVIA Internacional e a Tríade Editora. Foi consultor de estratégia em inúmeras organizações de porte nacional e consultor de desenvolvimento regional. Escreveu "A Economia do Mais" e "O Brasil que Deu Certo", ambos pela Tríade Editora.

O Processo Maurizius

Comentários sobre
o Sermão da Montanha

Escrever o Prefácio de Expedições pelo Mundo da Cultura não é somente escrever uma página para iniciar o livro e instigar sua leitura. É escrever sobre uma viagem por mundos a serem descobertos a cada volume, em cada história que se apresenta página após página, personagem a personagem, cenário após cenário. É escrever sobre uma viagem que permite nos transportarmos de espaços inusitados para o racional e o imaginário; que nos dá oportunidade de sair do lugar comum para lugares consagrados da literatura clássica.

Quando se busca o significado da palavra expedição, encontra-se como uma de suas definições: conjunto de pessoas que viajam para um determinado território, com o objetivo de analisá-lo. Foi isso que Monir Nasser nos proporcionou durante quatro anos de parceria entre ele, ilustre intelectual, e o Sesi Paraná. Momentos únicos nos quais conhecimentos foram compartilhados e viagens por destinos diversos foram realizadas, modificando o olhar que temos de nossa realidade, dando-nos condições de ampliar nossa visão de mundo.

Ao todo se somaram 92 possibilidades de expedições, mediadas por ele, que levaram os participantes dos encontros por um mundo indesvendável, por um universo cultural a ser desmistificado e descortinado aos poucos. Encontros nos quais já existia a expectativa para o próximo e que, por isso mesmo, não se conseguia parar. Os encontros possibilitaram atravessar a Ponte Rialto, em Veneza, por nosso imaginário e participar da negociação entre Antonio e Shylock. Encontrar Dom Quixote de La Mancha, cavaleiro medieval, em busca da sua amada Dulcinéia, sempre em companhia de seu cavalo Rocinante e seu fiel escudeiro Sancho Pança, pelos caminhos espanhóis. Navegar para a Índia, pela obra poética de Os Lusíadas, de Camões, compreendendo a história de Portugal. Entender a complexidade do Livro de Jó, com seus discursos e respostas para perguntas existenciais. Navegar em busca de Moby Dick, refletindo sobre os sentimentos humanos e tantas outras compreensões. Enfim, Monir nos traduziu obras de William Shakespeare, Tolstói, Miguel de Cervantes, Herman Melville, Camões, Aldous Huxley, Tolkien, Nicolai Gogol e livros bíblicos, aproximando-nos dos autores e de suas obras.

Certa vez, meu amigo Monir Nasser disse, durante o encontro que discutia a novela A Morte de Ivan Ilitch, que não adianta olhar para a morte a partir da vida, mas a única solução é olhar para a vida a partir da morte; não há outro jeito de orientarmos a vida.

Assim, devemos olhar para a vida com a possibilidade de continuarmos o legado de Monir, contribuindo com a sociedade e futuras gerações para a descoberta de novas possibilidades que se abrem quando se descortinam as histórias da humanidade.
Esta coletânea representa a existência que transcende a morte e permanece presente em nossos corações e mentes.

José Antonio Fares,

Superintendente Sesi Paraná.

Ele continua fazendo a diferença

Perdi a companhia do José Monir em 16 de março de 2013, depois de trinta anos de convivência. Para todos que o conheceram ou privaram de sua frondosa companhia foi uma perda irreparável. Foi um cometa que passou rápido, embora tenha brilhado intensamente.

Como professor conheci o José Monir em 1981 na turma de 'trainees' da Fininvest, um grupo de jovens que estava sendo preparado para implementar nos anos seguintes o Mercado Comunitário de Ações em Joinville (SC), onde moramos juntos uns três anos. Depois deste período seguimos caminhos diferentes, mas ficando sempre em contato; sua busca profissional levou-o a várias experiências. A partir dos anos 90 nós dois passamos a residir de novo em Curitiba; ele já atuava como consultor empresarial, caminho que também adotei, inclusive por influência dele.

Ao longo dessa caminhada pude conhecê-lo cada vez mais, tanto suas origens como sua obra. Seu brilhantismo era lastreado por uma formação clássica herdada. O pai, médico, cursara especialização em Paris como bolsista da Aliança Francesa, dirigida em Curitiba pelo casal Garfunkel; a mãe, secretária da Aliança Francesa até casar-se. O berço familiar transpirava atmosfera cultural. Quando o pai ia para o consultório à tarde, levava junto o filho adolescente para ficar na Biblioteca Pública do Paraná, na quadra vizinha, até o final de sua jornada. 'Lia de tudo', dizia; Roberto Campos o influenciaria com seu estilo polêmico e afiado. Frequentou também a Escolinha de Arte, da própria Biblioteca Pública. O José Monir falava e escrevia fluentemente francês, inglês e alemão; na juventude participou de programas de intercâmbio escolar nesses três países; ainda jovem chegou a morar por mais de um ano na Alemanha, vindo a trabalhar como operário numa fábrica, experiência marcante à qual se referia com frequência. Até o final do 2º Grau teve apenas formação clássica, isto é, de humanidades, sem direcionamento profissional, voltada apenas para o desenvolvimento da capacidade de expressão do espírito humano. Sua primeira faculdade foi em Letras, mas já no final desta resolveu cursar Economia, provavelmente em decorrência do clima político do país no final dos anos setenta. Discorria com domínio sobre os mais variados assuntos, indo de arte a filosofia, religião, ciência, literatura, economia e outros tantos. Teve forte influência de Virgílio Balestro, hoje com mais de 80 anos, Irmão Marista professor do colégio em que estudou; com ele tinha aulas particulares de latim e grego. Amadureceu profissionalmente entre seus vinte e cinco e trinta anos, sob a influência marcante de Rubens Portugal, nosso diretor e grande mentor. Mesmo tendo contato com gestão empresarial só nesta idade, o José Monir superou pelo caminho muitos que tinham se iniciado mais cedo.

Nesse tempo destacava-se por sua vivacidade intelectual e arguta capacidade de abordar as situações mais complexas no campo gerencial e econômico, de maneira inovadora. Recendia qualidade em tudo que fazia, desde clareza de raciocínio até redação densa, leve e comunicativa, recheada de vocabulário erudito sem ser pedante. Demonstrava prodigiosa versatilidade; ia direto ao ponto central dos assuntos; conseguia revelar relações incomuns entre fatos e situações aparentemente desco-

nexas. Sabia localizar o ouro. Ele fazia a diferença! Detestava autoridade imposta; pugnava pela autoridade interna da abordagem orgânica dos fatos e análises sobre a situação enfrentada. Irritava-se com mediocridade, e com burocracia em geral. Era hábil em desmascarar espertezas travestidas e agendas ocultas.

Interagia com todos os segmentos sociais, frequentando as mais diversas 'tribos' civilizadas. Gostava de merecer o prêmio e a vantagem, em vez de dar-se bem às custas alheias. Sua nobreza de caráter dispensava as competições predatórias; perder para ele era reconhecido como ganho até pelos adversários; nunca o vi tripudiar sobre alguém. Era dono de uma verve humorística ímpar: à sua volta sempre predominavam as satíricas risadas de um 'fair play'. Sabia portar-se com franqueza lhana; para ele a verdade podia ser dita sem precisar ferir. Era um 'curitibano da gema'; ainda não consegui encontrar alguém que superasse sua capacidade de entender a 'alma curitibana'. Dizia que em Curitiba não é bem assim para namorar uma moça de família: 'antes de pegar na mão, você tem que se apresentar, dar provas, frequentar e ... esperar ser convidado; ser 'entrão' pega mal; somos uma sociedade da serra, não da praia'. Sempre aproveitava as oportunidades de aprender quando reconhecia nas pessoas capacidades e experiências extraordinárias; hauriu muito da convivência com Rubens Portugal, com Professor Tsukamoto (de São Paulo) e Arthur Pereira e Oliveira Filho (do Rio).

Sua trajetória profissional foi intensa, árdua e cheia de iniciativas inovadoras, sempre trabalhando por conta própria. Nos anos noventa tornou-se um famoso consultor empresarial junto a grandes clientes do circuito São Paulo-Rio-Brasília. Teve um escritório de consultoria em Curitiba, AVIA Internacional, que editava uma 'letter', liderava um Programa de Análise Setorial (Papel/Celulose, Seguros, Bancos), desenvolvia projetos sobre as experiências internacionais de Jacksonville e Mondragon, dentre outros projetos. Nesse período dedicou-se à pintura com atelier próprio; frequentava aulas particulares e convivia no meio artístico local.

Desencantado com a inércia brasileira por ideias inovadoras, no início do novo milênio passou a dedicar-se ao projeto do Instituto Paraná Desenvolvimento (IPD), um centro de pensamento sob a liderança de Karlos Rischbieter. Nesse período participou com Olavo de Carvalho do Programa de Educação (Filosofia), patrocinado pelo IPD. Em 2002 fundou a Tríade Editora e escreveu os livros 'A Economia do Mais' sobre 'clusters', e o 'O Brasil Que Deu Certo', com o empresário Gilberto J. Zancopé, sobre a história da soja brasileira. Chegou a ter um programa de televisão em que corajosamente discutia temas quentes de forma crítica.

No final da primeira década dos anos 2000 imprimiu novo rumo a seu projeto profissional, lançando 'Expedições ao Mundo da Cultura'. Consistia numa engenhosa adaptação ao Brasil do trabalho do norte-americano Mortimer Adler, a leitura de cem obras clássicas básicas como programa de formação de um cidadão culto. 'Nada do que eu fiz na vida me deu tanto prazer quanto este trabalho', dizia. Em menos de um ano tinha grupos em Curitiba, São Paulo e algumas cidades do Paraná. Sua grande inovação foi fazer um resumo de cada obra, com vinte páginas em média, para contornar a dificuldade dos brasileiros em ler um livro a cada quinze dias. Os encon-

tros eram concorridos, animados e muito proveitosos no despertar os participantes para a dimensão cultural. Até que um AVC o abateu.

A semente da herança cultural cresceu, floresceu e frutificou. Seu grande legado é o exemplo de como a Cultura é próspera e construtiva, ao contrário do que se pensa neste país como apenas entretenimento. É exemplo de projeto educacional humanista clássico, ao contrário do que se faz hoje em se privilegiar precocemente a orientação profissional em detrimento da formação humana. É exemplo profissional de trabalhar por conta própria correndo riscos e dedicando-se de corpo e alma ao projeto em que acredita. É exemplo de modernidade inteligente, tanto na sua herança como na sua obra e no seu legado, fundados sobre a matriz cultural clássica no âmbito da família. O que a família não fizer dificilmente será recuperado pela escola e pela empresa. A volta desse cometa acontecerá sempre que se replicar essa proposta de formação.

A trajetória de vida corajosa e realizadora de José Monir (1957-2013) é orgulho para sua família e referência para os amigos e os que o conheceram. Ele continua vivendo em nós; ele continua fazendo a diferença!

Carlos Jaime Loch, Consultor de Gestão Empresarial.

Ao mestre, com carinho

José Monir Nasser costumava dizer que nós não explicamos os clássicos; eles é que nos explicam. Da mesma forma, podemos afirmar que qualquer tentativa de explicar o trabalho do professor Monir resultará em fracasso, pois toda explicação possível advém do próprio trabalho. É preciso dizer de uma vez por todas: ele é o professor e nós somos os alunos.

Aristóteles discordou de seu mestre Platão em muitas coisas, mas certa vez declarou: "Platão é tão grande que o homem mau não tem sequer o direito de elogiá-lo". Quem somos nós para elogiar ou explicar o mestre Monir? Ninguém. No entanto, tentaremos fazê-lo, do modo mais sucinto possível, para não tomar o tempo precioso do leitor.

Os textos reunidos nesta série são transcrições de aulas de José Monir Nasser sobre clássicos da literatura universal, dentro do programa Expedições pelo Mundo da Cultura, que funcionou entre 2006 e 2010. O objetivo era trazer para o conhecimento do público os temas que ocupavam o espírito dos grandes autores. São nomes e histórias que muitas vezes estão presentes na vida e na linguagem cotidiana – vide os adjetivos homérico, dantesco, quixotesco, kafkiano –, mas que em geral ficam adormecidos na poeira das estantes. A missão de Monir era trazer esses enredos e personagens clássicos para a luz do dia.

O foco das palestras de Monir não era a crítica literária ou a análise estilística, mas sim a discussão do conteúdo. Ele possuía uma verdadeira e sagrada obsessão por esclarecer mesmo as passagens mais difíceis das obras discutidas. Seu lema, repetido diversas vezes, era: "É proibido não entender!" Todos ficavam à vontade para interromper sua fala com perguntas, reflexões, ponderações, comentários. O objetivo não era transformar os alunos em eruditos, mas dar acesso a um conhecimento valioso, universal e atemporal, que pode fazer toda diferença na vida das pessoas. E fez. Monir pretendia fazer a leitura de 100 livros clássicos da literatura universal. Não foi possível: ele discutiu "apenas" 92. A lista inicial dos clássicos partiu da obra Como ler um livro, de Mortimer Adler e Charles Van Doren, sendo aperfeiçoada ao longo do tempo. Na presente seleção há dez obras: Gênesis e Jó (textos bíblicos), Fédon (de Platão), Os Lusíadas (de Camões), O Mercador de Veneza (de Shakespeare), O Inspetor Geral (de Gógol), A Morte de Ivan Ilitch (de Tolstói), Moby Dick (de Melville), O Senhor dos Anéis (de Tolkien) e Admirável Mundo Novo (de A. Huxley).

A ideia de trabalhar com os clássicos já havia sido colocada em prática por Monir e o filósofo Olavo de Carvalho, em um curso que ambos ministraram na Associação Comercial de Curitiba, patrocinado pelo IPD (Instituto Paraná de Desenvolvimento). O programa Expedições pelo Mundo da Cultura nasceu em 2006 e já no primeiro ano passou a contar com a parceria do SESI. De Curitiba, onde foram realizadas as primeiras aulas, o programa foi estendido a outras cidades paranaenses: Paranavaí, Londrina, Maringá, Toledo e Ponta Grossa. O programa também foi realizado em São Paulo a partir de 2007, desvinculado do SESI.

Em todas essas cidades, Monir fez alunos e amigos. Porque era quase impossível ouvi-lo sem considerar a sua maestria e o seu amor ao próximo. Os encontros duravam cerca de quatro horas, com um intervalo para café. Monir começava as palestras com uma apresentação genérica sobre o autor e a obra. Em seguida, havia a leitura de um resumo do livro, entremeado por observações de Monir. Esses comentários formavam um rio de ouro que conduzia o aluno pelas maravilhas da literatura universal. As quatro horas passavam com uma rapidez quase milagrosa – e você tem em mãos a oportunidade de comprovar essa afirmação.

Não bastassem a fluidez e a sutileza de suas observações, José Monir Nasser tinha a capacidade de enriquecê-las com um fino senso de humor, livre de qualquer pedantismo ou arrogância. Ao final das aulas, nota-se um inusitado clima de emoção entre os presentes. Algumas vezes, ao concluir seus pensamentos sobre a mensagem dos clássicos, Monir chegava às lágrimas, como testemunharam alguns de seus alunos e amigos.

Em cada cidade por onde Monir levou os clássicos, espalhou também as sementes do conhecimento, da cultura e dos valores eternos. Ele era um autêntico líder de primeira casta, um homem cujo sentido da vida era fazer o bem e elevar o espírito de seus semelhantes. Muito mais do que explicá-lo, cumpre agora ouvir a sua voz – nas páginas que se seguem. Jamais encontrei o professor Monir pessoalmente; mas, após ouvir as gravações e ler as transcrições de suas aulas, posso considerar-me, talvez, um aluno, um amigo, um leitor. Conheça você também o mestre Monir.

Paulo Briguet, jornalista e escritor.

Prefácio à segunda Edição

Reencontro com José Monir Nasser

Todo paranaense — todo brasileiro — interessado em alta cultura deveria agradecer a Deus pela vida e obra de José Monir Nasser. Durante uma trajetória de vida relativamente curta — apenas 56 anos — ele realizou trabalhos fundamentais nos campos da economia, do empreendedorismo, da editoração e da literatura. Mas, se precisássemos resumir numa palavra o perfil desse homem multifacetário, poderíamos dizer simplesmente: — Professor.

A biografia intelectual do professor Monir foi a realização integral de uma de suas mais famosas frases: "Uma sociedade não pode ser rica antes de ser inteligente". Grande divulgador do empreendedorismo cívico — tema de seu excepcional livro A Economia do Mais —, Monir dedicou grande parte dos seus últimos anos de vida ao projeto Expedições pelo Mundo da Cultura, com palestras luminares sobre obras literárias clássicas. Ele próprio tinha perfeita consciência do que esse trabalho representava: "O Expedições pelo Mundo da Cultura é um programa que tem por objetivo restaurar a verdadeira cultura brasileira, que nós de alguma maneira perdemos e que precisamos buscar a todo custo, porque é a única maneira pela qual nós conseguiremos sair da terrível e profunda crise civilizatória em que nós nos metemos". (Curitiba, 22/05/2010)

Este segundo box com palestras do professor Monir é apenas mais uma parte do imenso legado que ele deixou ao Brasil: uma enciclopédia educacional em que os clássicos da literatura são as bússolas que nos orientam no mar tenebroso da vida contemporânea. Nas palestras de Monir, a cultura não é sinônimo de belles-lettres ou pedantismo literário, mas uma força viva que nos orienta como indivíduos e permite a cada um ordenar a sua própria alma. Os dez livros aqui comentados não são vistos como meros registros históricos ou modelos estilísticos; constituem, muito mais do que isso, um "conjunto de intuições, formas e símbolos portadores de verdade e valores universais", para usar as palavras de um grande amigo e incentivador de Monir, o filósofo Olavo de Carvalho.

Os cinco volumes que você tem em mãos, caro leitor, são portais de sabedoria capazes de ampliar o horizonte intelectual de qualquer pessoa sinceramente interessada em fazê-lo. Ao promover um diálogo supratemporal com os gigantes da literatura, José Monir Nasser estende as possibilidades do futuro e enche os nossos corações de esperança pela felicidade definida por Aristóteles: a contemplação da verdade. Que este novo volume de sua admirável obra seja mais um passo rumo à consolação última imaginada por Boécio na prisão: a eternidade — "posse inteira e perfeita de uma vida ilimitada, tal como podemos concebê-la conforme ao que é temporal". Reencontrar Monir é reencontrar a nós mesmos.

Paulo Briguet é escritor em Londrina.

O Processo Maurizius

de Jakob Wasserman (1873 - 1934)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 08/05/2010[1]

1 Transcrição de Maria Cecília Noronha. Revisão da transcrição: Patrícia Nasser.

O Processo Maurizius

Nosso autor de hoje é um dos grandes escritores da história da humanidade. Há quem ache que Jakob Wassermann é o maior romancista em língua alemã de todos os tempos. É claro que há competidores muito fortes como Hermann Hesse, Thomas Mann ou até mesmo Goethe, que escreveu um grande romance, *Os Anos de Aprendizado de Wilhelm Meister*. É difícil saber quem é o maior escritor de todos os tempos, mas Jakob Wassermann estará entre os dez maiores.

Ele é judeu, desses que têm no judaísmo um problema. Há judeus para quem o judaísmo não é tão complicado, mas para este era. Não viveu muito – viveu antes do início da II Guerra Mundial, antes do afloramento total do nazismo – embora tenha já sofrido consequências, muito pequenas ainda, porque ele afinal morre em 1934. Hitler sobe ao poder em 1933, quando começa o nazismo tecnicamente falando. Ele já havia feito antes uma tentativa de golpe numa cervejaria em Munique. Não deu certo porque foi numa cervejaria; ninguém o levou muito a sério. Quando Hitler torna-se *Kanzler*

(chanceler)[2], na Alemanha havia a República de Weimar, a fórmula política inventada para tornar a Alemanha novamente um país após a derrota na I Guerra Mundial. É o interregno entre a I Guerra Mundial e a ascensão de Hitler. Com a ascensão de Hitler começa o III *Reich* (o Terceiro Reino), que vai de 1933 a 1944, quando há a derrota. Durou muito pouco, para um reino que pretendia durar mil anos.

Até a ascensão de Hitler, a Alemanha estava sob a República de Weimar, uma fórmula artificial imposta depois da I Guerra pelos aliados que venceram o país. Uma solução péssima, medonha, portadora do ovo da serpente que iria produzir Hitler e as suas barbaridades. Impôs-se à Alemanha um conjunto de exigências e compensações tão estupidamente fora de propósito que produziram uma adesão da população alemã a qualquer um que aparecesse com uma abordagem de recuperação da possibilidade de vida.

Lord Keynes, que não era um sujeito muito inteligente, mas tinha lá seus bons momentos, escreveu um livro após o final da I Guerra dizendo que dentro do Tratado de Versalhes, que estabeleceu as condições de rendição da Alemanha, estava a garantia da próxima guerra. No que ele tinha total e completa razão. Fizeram um conjunto de ações tão draconianas que a Alemanha tornou-se uma economia inflacionadíssima, como aqui não se viu. Nós tivemos uma inflação muito alta, mas como aqui havia a correção monetária, havia instrumentos de convívio com ela; então nós não sentimos nem de longe o que era a situação alemã, em que um sujeito vendia um piano de manhã pra comprar um pão à noite com o dinheiro que tinha

2 Nota do Professor Monir: Chanceler é o nome que damos no Brasil para o Ministro das Relações Exteriores, mas na Alemanha tem outro sentido.

obtido com a venda do piano. Era essa mais ou menos a situação que havia lá. Diziam que o Brecht, que era uma espécie de espertalhão, comia de graça porque entrava nos restaurantes com notas tão grandes, tão grandes que era impossível fisicamente dar troco para aquelas notas; então não tinham como cobrá-lo na prática. Esse clima extraordinário que deu origem à II Guerra Mundial é uma situação que não sabemos muito bem como foi; só é capaz de entender quem participou disso.

Eric Voegelin, um dos maiores cientistas políticos do século XX, diz que se você quiser entender o que aconteceu na Europa na preparação da II Guerra Mundial, não é para ler os historiadores. Leia esses grandes romancistas de língua alemã – alemães ou austríacos, basicamente (e Kafka, embora este seja tcheco e muito particular) – como Thomas Mann, Hermann Broch, Heimito von Doderer, Alfred Döblin; nomes que não estamos acostumados a ouvir por causa da nossa falta de cultura. Todo o mundo conhece Alfred Döblin por causa do livro e depois filme *Berlin Alexanderplatz,* que é uma prévia do *Ulisses* do James Joyce, embora Döblin não tenha ficado tão famoso quanto foi o Joyce. É um sujeito genial, escritor de primeiríssima qualidade. Aí vocês têm também Heimito von Doderer, austríaco, que escreveu um livro famosíssimo chamado *Os Demônios.* E Robert Musil, austríaco também, escreveu *O Homem sem Qualidades*, outro livro maravilhoso. A somatória desses livros é que explica de fato o que aconteceu no mundo no início do século XX, na Europa. É muito difícil entender o que aconteceu lá sem essa referência literária. Por mais que pareça estranho dizer isso a vocês, não houve ainda competência de historiografia à altura do que esses livros representam.

Entre esses grandes escritores está Jakob Wassermann, alemão que mais tarde irá se mudar para a Áustria, ficando entre os dois países. É preciso que vocês compreendam que a Alemanha e a Áustria não têm muita diferença, no fundo é a mesma sociedade, tanto que quando Hitler faz o *Anschluss*, a unificação da Alemanha e Áustria, não há muita resistência, porque de certa maneira os austríacos e os alemães são o mesmo povo. A diferença fundamental é que a Áustria é católica, como também é a Bavária, enquanto os prussianos, os alemães do Norte, são majoritariamente protestantes. Tirando essa conotação religiosa, o resto é muito parecido. Vamos falar claramente: a Áustria é como se fosse um país artificial; tem todas as características de um país que não teria sentido ser um país. Deveria ser um pedaço da Alemanha.

Nessa primavera literária que acontece no início do século XX, temos escritores austríacos e alemães, alguns judeus entre eles, que fazem em conjunto uma obra de uma significação tão extraordinária que ela é a única pista verdadeira para entender as coisas que aconteceram ali.

CRONOLOGIA DE JACOB WASSERMANN

1873 – **Nasce no dia 10 de março, em Fürth (perto de Nuremberg), na Alemanha, numa família judia. Seu pai era um pequeno comerciante que iria à falência. Ficaria órfão de mãe aos nove anos.**

1894 – Muda-se para Munique. Trabalha na redação da revista satírica *Simplicissimus.*

1896 - Publica seu primeiro romance, *Melusine.*

1897 – Publica *Die Juden von Zirndorf,* tratando da história de um falso messias aparecido, no século XVII, numa colônia judia da Francônia.

1898 – Muda-se para a Áustria e torna-se crítico de teatro em Viena.

1900 - Publica *Geschichte der Jungen Renate Fuchs*.

1901 – Casa-se com Julie Speyer, uma judia excêntrica nascida numa rica família vienense.

1908 – Publica *Caspar Hauser oder Drei Trägheit des Herzens*, base de um filme célebre de Werner Herzog.

1915 – Divorcia-se de Julie Speyer.
Publica *Das Gänsenmännchen*.

1919 – Publica *Christian Wahnschaffe*, história de um jovem rico que abandona tudo e vai viver com os pobres.

1921 – Publica *Mein Weg als Deutscher und Jude (Minha Vida como Alemão e Judeu)*, uma autobiografia.

1923 - Publica *Ulrike Woytich*.

1924 – Publica *Faber oder die Verlorene Jahre.*

1925 – Casa-se com Marta Karlweis.

1926 – Eleito para a Academia Prussiana de Artes.

1928 - Publica *Der Fall Maurizius (O Processo Maurizius)*, primeiro livro da trilogia que é seu maior feito literário.

1931 - Publica *Etzel Andergast,* continuação de *O Processo Maurizius*. A obra investiga a mentalidade da juventude alemã no pós-guerra.

1933 - Com a subida de Hitler à chancelaria, começa o III *Reich*, que duraria até 1945. Antes de ser destituído, Jakob Wassermann sai da Academia Prussiana de Artes. Os livros de Wassermann são proibidos na Alemanha.

1934 - **Morre em Alt-Aussee, na Áustria, no dia 1º. de janeiro.**

É publicado postumamente o romance *Joseph Kerkhovens dritte Existenz,* que encerra a trilogia.

Um dos maiores coadjuvantes nesse processo chama-se Jakob Wassermann, filho de um judeu de classe média baixa, um pequeno comerciante que acaba indo à falência. Não tinha vocação para nada a não ser para a literatura, embora tenha tentado fazer um curso de comércio, meio pressionado por seus pais, numa perspectiva de herança dos negócios da família. Mas acaba caindo no mundo intelectual, vai escrevendo livros aqui e acolá e escreve no final da vida três livros extraordinários, que fazem uma trilogia. O primeiro deles é o objeto da nossa análise, chamado *O Processo Maurizius (Der Fall Maurizius* em alemão, que deveria ter sido traduzido por *O Caso Maurizius)*. O segundo chama-se *Etzel Andergast,* que é o nome da personagem principal de *O Processo Maurizius*. O terceiro livro chama-se *Joseph Kerkhovens dritte Existenz,* ou seja, *A Terceira Existência de José Kerkhoven*, que é também uma personagem do segundo livro. Vocês o conhecerão apenas por mim, porque não é citado no primeiro livro, *O Processo Maurizius.*

O conjunto desses três livros dá uma ideia de como foi que o povo mais educado do mundo, o povo mais extraordinariamente sofisticado do mundo, que é o povo alemão, foi capaz de fazer aquela barbaridade chamada nazismo. É uma coisa tão extraordinária que isso tenha acontecido na Alemanha... Como foi que o povo que fez metade da filosofia, que escreveu 95% da música erudita, que fez contribuições civilizatórias tão grandes pôde cair numa coisa dessas? Agora – há pouquíssimo tempo, porque tudo isso aconteceu ontem, de uma perspectiva cronológica mais ampla – só se compreende isso através de enormes contribuições não especulativas, não

científicas, mas se tentando entender o conjunto de coisas que aconteceu – e ninguém explica melhor isso do que o Jakob Wassermann. Só que é preciso ler os três livros, ou pelo menos os dois primeiros. O terceiro é muito difícil, porque não há uma tradução em português. O primeiro livro tem uma tradução fácil de achar, vocês encontram aos borbotões nas livrarias – a editora Abril andou lançando isso muito barato. O segundo livro é dificílimo de achar. Há uma edição muito antiga, do jornal *A Noite*, do Rio de Janeiro, que imagino seja de 1950, embora não esteja datada. Embora tenha edição portuguesa, é inincontrável. Vocês verão ao longo da análise o quanto faz falta nós podermos ler os três livros na sequência certa.

Vamos ler o resumo da narrativa.

Resumo da Narrativa

Jakob Wassermann pertence ao notável grupo de escritores de língua alemã que transformaram o romance europeu do início do século XX. Entre eles contam-se Franz Kafka (que era tcheco, mas só escreveu em alemão), Robert Musil, Heimito Von Dodorer, Alfred Döblin e Hermann Broch. Com inovações estilísticas e um olhar agudo sobre a crise europeia do entreguerras, estes autores estabeleceram as bases do romance contemporâneo. Eric Voegelin dizia que quem quisesse entender a Europa entre as duas guerras não deveria procurar analistas políticos e historiadores, mas a obra desses escritores.

Jakob Wassermann é um grande escritor. Olavo de Carvalho diz dele tratar-se de um Dostoiévski do século XX. No entanto, por razões obscuras, Wassermann não tem a notoriedade a que faz jus.

O ponto máximo da obra de Wassermann é a trilogia O Processo Maurizius / Etzel Andergast / A Terceira Existência de José Kerkhoven. Deste último não há nem mesmo tradução no Brasil.

A trilogia é a mais aguda análise literária da Alemanha entre as duas guerras e a melhor interpretação do pensamento que produziria o engajamento da juventude alemã no hitlerismo. As três obras são densas, complexas e estilisticamente impecáveis. Seu excesso de veemência talvez seja a causa do seu baixo trânsito junto ao homem moderno.

A história passa-se sobretudo em Frankfurt e em Berlim e estamos por volta do ano de 1924.

PROF. MONIR: A Alemanha perde a guerra em 1917 e instala-se a República de Weimar. Dentro desta, por razões econômicas, sociais, políticas etc. vai havendo uma espécie de gestação do ovo da serpente – que aflorará em 1933 com a tomada do poder por Hitler; este em seis anos conduzirá a Alemanha para o abismo.

ALUNA: [*Pergunta sobre a República de Weimar.*]

PROF. MONIR: A República de Weimar é o nome que se dá ao sistema político alemão imposto pelos vencedores da I Guerra Mundial. A Alemanha teve a capital em Weimar, que é uma cidade histórica, muito importante por causa do Goethe. Foi a capital da Alemanha entre as duas grandes guerras, ou até antes (foi o Hitler quem devolveu a capital para Berlim).

ALUNA: [*Comenta sobre a relação entre Schiller e Goethe*.]

PROF. MONIR: O assunto é grande, mas foi Schiller que disse a Goethe para deixar de frescura e lançar *Fausto* de uma vez. Ele demorou setenta anos para fazer os dois Faustos. Como artista, diz Otto Maria Carpeaux que o maior dramaturgo alemão de todos os tempos chama-se Heinrich von Kleist, que escreveu *A Marquesa D'O* e *Michael Kolhaas*, a sua grande obra.

Goethe só escreveu duas grandes peças de teatro (as outras são medianas), que é *Fausto*. *Fausto* é tão grande, tão grande, tão grande que obscurece todas as outras obras. A grande obra de Schiller é *Guilherme Tell* – que antigamente se lia o tempo todo, e hoje ninguém mais dá atenção – e *Maria Stuart*. Eu diria que o peso específico maior é o de Goethe, por causa do Fausto. Aí você tem obviamente gênios, e gênios, e gênios. Há gente maravilhosa.

Enfim, nossa história começa e termina em Frankfurt; tem um pedaço em que nosso herói Etzel Andergast vai para Berlin. A história se passa em torno de um rapazinho de dezesseis anos, chamado Etzel Andergast. Ele é filho de um juiz, Wolf Andergast, um procurador geral do Estado – quase o maior de todos os funcionários do setor judiciário – que tem uma vida austera. É um homem completamente frio, com aparência de um funcionário público de grande integridade – e de fato é de grande integridade, honestíssimo. Quando começou sua carreira e ainda era juiz substituto, dezoito anos antes da história, ele cuidou de um caso rumorosíssimo em que um determinado Leonardo Maurizius acabou sendo condenado à morte e em seguida teve sua pena comutada para prisão perpétua. Leonardo Maurizius havia matado sua mulher, que era mais velha do que ele e que tinha alguma

riqueza, enquanto ele não tinha nada. Ele foi julgado culpado e encarcerado. Etzel ainda não existia. O juiz substituto fica notório com esse julgamento importantíssimo. Mais ou menos nessa época do julgamento ele conhece uma mulher chamada Sofia, que passará depois a ser sua mulher, e terá com ela um único filho, Etzel Andergast. O juiz vai crescendo na carreira judiciária até que descobre, aos quatro ou cinco anos de Etzel, que sua mulher Sofia tinha um amante constante.

Para evitar um escândalo, usa seus poderes de jurista para fazer um acordo com a mulher que desaparece, vai morar na Suíça, some de vista, e abdica de qualquer espécie de poder maternal sobre o menino. Faz o amante assinar um documento que na verdade era um falso testemunho, e por causa disso o sujeito queima tudo e se suicida. E aí quando a gente passa a conhecer esta história o juiz Andergast, que agora é procurador geral – está no momento mais alto da sua carreira – vive numa casa com seu filho Etzel de dezesseis anos, que nasceu dois anos depois dos acontecimentos ligados ao Caso Maurizius. E tem lá a governanta Rie, que cuida do menino e de Wolf Andergast. O juiz leva uma vida completamente metódica, cheia de regramentos: sai de manhã, vai para o tribunal, trabalha o dia inteiro, volta para casa à noite. Todos os dias à noite ele conversa duas horas com o filho. O filho vai para a escola. Essa conversa à noite não é amistosa, é uma conversa do tipo:

– O que você fez hoje, meu filho?
– Ah, eu estudei história.
– O que é que você estudou, lá?

É uma conversa mais ou menos formal, entre pai e filho, porque o barão Andergast tem uma atitude muito cuidadosa, com muita distância – o que não é incomum na Alemanha. O pessoal de fora que vem para Curitiba e acha os curitibanos frios não sabe o que é morar na Alemanha, morar nos países realmente frios, onde as pessoas não têm absolutamente nenhuma relação pessoal. Nenhuma, nenhuma. Ninguém quer saber da sua vida.

Quando Rie, a empregada, começou a trabalhar na casa, Sofia já tinha ido embora, mas de vez em quando vinha uma carta da ex-mulher para o barão. A empregada de alguma maneira assume o Etzel como filho – ele é um moleque, ela é uma senhora sem filhos que fica com o moleque em casa. E aí a história começa com a empregada dizendo para o Etzel que havia chegado uma carta da mãe dele da Suíça. Não há endereço nos envelopes, de modo que Etzel não tem nenhum contato com a mãe; ele não sabe como a mãe é, porque ele era muito pequeno quando a mãe foi embora, e ele não sabe onde ela mora, nem nunca escreveu para ela. E é essa a situação que nós vamos encontrar no início da história.

Primeira Parte – O Valor da Vida

Capítulo I

I

Antes mesmo do aparecimento do homem de gorro de marítimo, era visível que o jovem Etzel se agitava com vagos pressentimentos, oriundos talvez daquela carta selada da Suíça que, voltando do colégio,

vira sobre o aparador do vestíbulo. Apanhara-a e fixara-a atentamente com seus olhos míopes.

PROF. MONIR: Etzel tem notado frequentemente um homem, um senhor de idade que usa um gorro de marítimo, que o persegue na rua.

> *A letra o impressionara como uma coisa esquecida que não se consegue mais situar. Quanto mistério em uma carta fechada! Aquela trazia, em letra redonda e rápida, que parecia correr maravilhosamente, o endereço do barão Wolf de Andergast. "Rie, que poderá conter esta carta?" indagou, dirigindo-se à governanta que saía da cozinha. Chamava-a, desde os primeiros anos, de Madame Rie ou Rie, simplesmente. (pág. 7)*

Havia nove anos e meio que o barão de Andergast, pai de Etzel Andergast, se divorciara da mulher que, desde então, mudara-se para a Suíça, sem direito de ver ou escrever ao filho: "*Desse modo, aos dezesseis anos, o rapaz nada sabia da mãe*".

> *O espírito reinante na casa sufocara nele qualquer curiosidade a respeito. A única coisa que lhe haviam dito, incidentemente, e fazia já há muito tempo, como se se tratasse de pessoa estranha e indiferente, era que ela vivia em Genebra e que, por razões que saberia quando fosse homem, não podia vir visitá-lo. (pág. 7)*

Etzel interroga a empregada sobre a frequência das cartas de sua mãe, Sofia Andergast. Ela dá informações vagas. Com a mudança da mãe para a Suíça, Rie havia assumido o rapaz como seu próprio filho: "*Este erro constituía a sua felicidade*".

PROF. MONIR: Este escritor aí é de primeiríssima qualidade. O escritor é extraordinário, um dos melhores escritores que eu já conheci.

II

A residência Andergast era austera e funcionava sob a "coação moral" que o barão Andergast, um importante procurador, exercia sobre todos. As relações pessoais na casa de Andergast eram estritamente formais, logo distantes: "*Cedo, Etzel familiarizara com esta noção de distância, embora sua natureza, inversa à do pai, o levasse a se aproximar dos outros, tendência aliás que a sua miopia parecia acentuar exteriormente*".

PROF. MONIR: Esse é um dado importante da história: Etzel Andergast é míope grave. É uma coisa importante, depois vocês saberão por quê. É importante que esse dado não seja desconsiderado por vocês na hora da análise.

III

Etzel Andergast tinha um melhor amigo, Roberto Thielemann, "*um espírito agitado, de opiniões radicais*". Entre eles havia relações fundadas "*sobre o princípio das compensações, em que o grande e o pequeno, a lentidão de um e a vivacidade do outro, a rudeza de uma parte, a delicadeza de outra parte, completavam-se pelo próprio contraste*". Etzel desejava muito falar a Roberto sobre as aparições do homem de gorro de marítimo que "*ocupava e obscurecia, sem descanso, seus pensamentos*". Segundo Etzel, esta estranha personagem também seguia seu pai, gerando nele (Etzel) um estado de "*desconfiança nervosa*":

Com períodos de descanso mais ou menos longos, esse estado de expectativa durou até o dia em que, entre os autos do pai, Etzel pôs a mão no documento que teve sobre seu destino influência decisiva. (pág. 13)

IV

No que diz respeito ao homem de gorro de marítimo, tratava-se de um "*velhinho seco*", com alguma coisa como setenta anos, de "*aspecto vigoroso*". Etzel o vira pela primeira vez na ponte inferior do Meno[3], logo após o rapaz, distraído, quase ter sido atropelado por um caminhão.

V

Na segunda vez em que Etzel encontrara o homem com gorro de marítimo, "*aquela repetição tinha, em si, alguma coisa de ameaçadora e de inevitável*". Etzel, desta vez, foi capaz de distinguir "*o pardo amarelado dos olhos e mesmo os botões de pano, já gastos, de seu jaquetão*". O homem desconhecido seguiu Etzel, que caminhava com seu amigo Henrique Ellners na direção do gabinete do barão na Procuradoria. No alto da escada, encontram-se todos juntos – o barão, Etzel, Ellners e o desconhecido que se apresenta: "*Eu me chamo Maurizius*".

PROF. MONIR: Etzel não tem a menor ideia de quem seja Maurizius, embora o pai dele saiba quem é. Esse Maurizius aí está associado ao tal do processo em torno do qual foi feita a carreira de Wolf Andergast.

---

3 Nota do resumidor – Rio que banha, entre outras cidades, Francoforte-sobre-o-Meno (Frankfurt-am-Main), palco inicial da história.

O barão apressa o passo e segue o seu caminho:

> *Os modos e o traje do homem de gorro de marítimo, embora à primeira vista fossem comuns, tinham, no entanto, alguma coisa de fantasmal, quando mais não fosse pelo olhar inquiridor com que examinou o rapaz desde o primeiro encontro, pela obstinação com que o seguiu passo a passo, tentando deixá-lo atrás e fixando-o à passagem, depois pela rapidez da sua desaparição, tão súbita quanto seu aparecimento. (pág. 13)*
>
> *(...)*
>
> *Tudo isso não durou mais de um minuto e meio, mas Etzel tem agora a certeza de que seu pai, também ele, conhece o homem de gorro de marítimo e não foi naquela escada que o viu pela primeira vez. Adivinha tudo pela expressão do pai, pelo sinal de mau humor, pelo movimento das costas e pela maneira como desce agora a escada, degrau por degrau, enquanto Maurizius, ainda de pé, contra a parede, tem os olhos fixos na penumbra da escada. (págs. 16-17)*

VI

"*Etzel acertara. O barão Andergast vira muitas vezes o velho surgir em sua frente com a calma plácida e persistência de um homem à espreita.*" Em todas as outras vezes, o Barão Andergast havia evitado o contato. Como o procurador ia todos os dias para casa a pé, vários encontros nas ruas haviam ocorrido.

PROF. MONIR: A cidade tem uns 200 mil habitantes, segundo informações do próprio livro. Dá para imaginar que Frankfurt, em 1924, tivesse 200 mil habitantes; parece razoável.

"Talvez fosse um louco, um desses numerosos demandistas, muito conhecidos da justiça e da polícia, que trazem sempre consigo um requerimento não deferido, tentando com isso impressionar as autoridades". No entanto, daquela vez, no alto das escadarias, o encontro havia tido uma natureza acintosa.

No dia seguinte, um requerimento apresentado à procuradoria explicaria ao magistrado a atitude audaciosa do desconhecido.

Capítulo II

I

"No espírito de Etzel, a aparição do homem de gorro de marítimo – em particular, seu encontro imprevisto com o pai, na escada – permanecia indissoluvelmente ligada à imagem da carta selada da Suíça, cuja letra lhe falava uma linguagem familiar."

PROF. MONIR: Na verdade não há nenhuma ligação entre essas duas coisas, mas o menino que não sabe onde anda a mãe, que tem com relação à mãe os maiores mistérios, acha que esses dois mistérios estão associados.

No dia seguinte, Edzel Andergast, no lugar de ir ao liceu, pega um trem para os subúrbios. Desce em Oberursel e toma o caminho das ruínas de Saalburg. *"Caminhava, tendo, aparentemente, ar sonhador".*

> *Aparentemente, sim, porque nada temos a ver com um sonhador – e este é um fato que precisamos estabelecer antes de mais nada. Etzel sabia o que fazia, discernia as coisas perfeitamente, não se deixava enganar e sabia exatamente onde tinha o nariz: a prova disso é que, à uma hora e quinze,*

apresentou-se para o almoço, pontual como sempre e tendo antes mudado de roupa. Deslindar um problema (e isso com o auxílio exclusivo de sua inteligência), não se enganar sobre si mesmo, perceber de relance a causa e as consequências, poder concluir, tal era sua ambição e nisso se exercitava a cada oportunidade. (pág. 19)

PROF. MONIR: O que o autor está nos contando é que Etzel Andergast não é um menino romântico, com uma atitude emocional pura e simples; não é um menino movimentado apenas pelas suas emoções. Etzel tinha uma atitude racional permanente com relação às coisas. Olhem, pessoal, como isso é interessante: não é possível explicar a juventude hitlerista apenas pelos critérios emocionais. Não estou dizendo que Etzel fundou a juventude hitlerista. Mas o autor aqui faz questão de nos dizer que em Etzel Andergast há alguma racionalidade, uma ligação com o raciocínio. Não é apenas de um jovem romântico que nós estamos falando aqui.

II

O Barão Andergast, "*excessivamente absorvido pelo trabalho da sua profissão*", não tinha vida social e não gostava de aparecer em público. "*Não tinha a menor necessidade de estar com os outros*". Uma vez por mês ia ver sua mãe, a generala[4], na sua casa de campo em Eschersheim.

PROF. MONIR: Tanto na Alemanha quanto na Rússia a mulher do militar também é chamada pela patente do militar: generala, coronela.... Sabemos portanto que o pai do Wolf Andergast era general: um general que dá origem a um funcionário público de alto calibre.

4 Nota do resumidor – Generala porque havia sido casada com um general.

Mas o barão passava duas horas por dia, à noite, com Etzel, compromisso que "*entrava no plano de sua vida do mesmo modo como o estudo dos autos*".

PROF. MONIR: Eu não sei se isso não é um pouco de ironia do autor, o autor querendo deixar ambíguo se o barão achava que isso era importante para a educação do menino, ou se era uma obrigação que ele cumpria mecanicamente como todas as outras, como homem absolutamente disciplinado que era.

A conversa começava sempre com *"perguntas inofensivas"* e acabava com altos debates. Para Etzel, aquilo parecia sempre um jogo.

> *No seu ardor juvenil e ingênuo, chegava sempre às opiniões extremas que só se pode sustentar com paradoxos, e lançava-se nelas com uma louca temeridade, enquanto seu adversário, conhecedor de mil golpes, abundava em lamentações jesuíticas. (pág. 22)*

PROF. MONIR: O *"conhecedor de mil golpes"* é o Wolf Andergast. Há uma conotação negativa ligada à palavra "jesuíta". Os jesuítas sempre foram muito malvistos pela comunidade internacional; há uma tese de que são eles que dirigem a Igreja. Existiria um papa, chamado Papa Negro, que seria o papa verdadeiro e o superior dos jesuítas. Entre as suspeitas sobre os jesuítas, está a de que teriam sido eles que afundaram o *Titanic*.

ALUNOS: [*risos*]

> *'Você não é apenas batalhador', dizia o barão Andergast olhando o seu relógio de ouro, 'mas abusa de fintas e rodeios com os quais é preciso tomar cuidado'. Então Etzel o olhava boquiaberto, o ar surpreso e desconfiado, porque seguramente não era aquele elogio que julgava haver merecido. (pág. 22)*

Todas as noites, às nove e meia, quando Etzel deixava o escritório do seu pai, *"sentia-se despedido como depois de uma repreensão do diretor do liceu".*

PROF. MONIR: Aquela conversa gerava no menino a sensação de que acabara de levar uma bronca. Todos os dias tomava uma bronca do pai, quando na verdade era para ser uma conversa. Ele saía de lá sempre meio desmoralizado, achando que a conversa tinha sido só para implicar com ele.

Etzel e o barão mantinham controlada distância um do outro, alimentada pelo fato de o rapaz o ver *"como uma torre inacessível, sem portas nem janelas, que se ergue bem alto, poderosa, e que, da base ao topo, guarda inúmeros segredos".*

PROF. MONIR: Uma coisa dessas devia ser comum entre pais e filhos, mesmo aqui.

> *Havia muito tempo que Etzel conhecia a sua fama de severidade, de implacabilidade, de inflexibilidade de princípios. Não chamavam seu pai de Andergast o sanguinário? Injustamente, por certo, porque se deixara penetrar até o âmago pela consciência da nobreza superior do seu dever e do seu ministério. (pág. 23)*

PROF. MONIR: Temos aí um mistério: Quem é Maurizius? Temos uma mãe desaparecida. Temos um homem muito duro, implacável, que tem a rigidez de convocar o filho para reuniões diárias de duas horas. O que não é pouco. Das 7:30 às 9:30 todos os dias os dois conversam, porém mantendo uma certa distância promovida pela natureza do pai, uma natureza inacessível.

III

Um advogado amigo do barão vira Etzel na véspera na estação de Oberursel e havia comentado com o procurador o fato inusitado de o rapaz andar por ali sozinho na hora da escola. O barão Andergast sabia, portanto, das aventuras do filho, mas a conversa daquela noite versava sobre o assunto da noite anterior, quando Etzel *"ousara por em dúvida a legitimidade de um julgamento em um processo político, audácia espantosa, verdadeira ruptura do cerimonial consagrado".*

PROF. MONIR: Vocês não acham que um menino de dezesseis anos, entrar no mérito de um julgamento político... O barão ficou meio escandalizado com a audácia do menino. Com dezesseis anos você não sabe quase nada da vida. É muito difícil achar alguém maduro com essa idade. Um menino de dezesseis anos que tem opiniões muito fortes sobre assuntos que estão muito, muito além da sua compreensão... parece um pouco fora de propósito. Os meninos de hoje têm opiniões aos dezesseis anos porque foram ensinados pela "Escolinha Walita"[5] que ser um bom aluno é ter pensamento crítico.

5 Nota da revisora de transcrição – Nos anos de 1960 a Walita, empresa de eletrodomésticos, com o objetivo de se introduzir no mercado consumidor brasileiro – que até então desconhecia a utilidade dos eletrodomésticos – bolou uma estratégia para difundir os benefícios e ensinar o funcionamento de seus eletrodomésticos (no início batedeiras e liquidificadores) para quem os comprava – em geral as donas de casa. Desta forma, a Escolinha Walita era utilizada para

Então o sujeito acha que vale pela quantidade de perguntas e contestações cretinas que faz ao professor, mesmo que não tenha a menor ideia do que está falando. Basta contestar por contestar. Isso é um dos defeitos do ensino contemporâneo, que criou esses monstrinhos.

Como o caso havia ganhado as ruas, o barão lamentou-se:

> *'Coisa deplorável', dizia ele, 'que um caso de justiça se transformasse em palestra leviana de rua; jogo perigoso, aquela contaminação da justiça pelo sentimento, que redundava em subordinar o absoluto ao relativo. O direito', continuava, 'é uma ideia, não uma questão de coração. O direito não é um compromisso arbitrariamente estabelecido entre as partes, mas uma instituição sagrada e eterna, verdadeira e de valor intangível desde que existem juízes que condenam os culpados e códigos que classificam os delitos por artigos.' (pág. 26)*

PROF. MONIR: Isso em alemão chama-se "*recht ist recht*" ("o certo é certo"). O barão, que tem uma visão absolutista do direito – de que o direito é absoluto e não relativo, acha que não é para contaminá-lo com questões de natureza sentimental. De certo modo ele tem razão; basta você colocar sentimentalismo na história que já não tem mais direito nenhum. Quando acontece um assassinato muito chocante, no dia seguinte todos os apresentadores de televisão ficam perguntando como um advogado tem coragem de defender tal monstro. Ora, se não houver a defesa do maior monstro que seja, acabou o Direito. Alguém tem que ir lá defender, mesmo que o sujeito não esteja muito feliz em fazer isso. A existência da justiça

criar novos hábitos de consumo. (Fonte: http://www.anosdourados.blog.br/2010/06/imagens-velharia-escolinha-walita.htm)

pressupõe o contraditório, portanto não se pode sair linchando as pessoas a partir da opinião dos apresentadores de televisão. Por isso é que a justiça tem obrigação de ser cuidadosa, ponderada, deixar as coisas esfriarem. Em muitos lugares do mundo, quando há um crime muito chocante, o julgamento nunca é feito na comarca onde houve o crime, para que não se contamine o julgamento com os ódios envolvidos.

Aqui nasce uma contradição. O menino tem um discurso de um sujeito racional que está olhando para as coisas sob o ponto de vista objetivo. No entanto, critica-se nele todas as vezes um demasiado envolvimento emocional com o problema. O fato de haver essa contradição – não é uma contradição da história em si - pode representar que o menino no fundo não percebe que se envolve emocionalmente com o problema.

IV

Naquela noite, deixando o gabinete, como sempre, às nove e meia, Etzel vira-se e pergunta: "*Quem é esse Maurizius, meu pai?*" Antes disso, interrogara Rie sem sucesso. O barão diz não se tratar de assunto de que podem falar um com o outro. Etzel resolve escrever uma carta para sua mãe em que se queixa de, naquela idade, "*ter os pés e os punhos atados*". Lamenta-se na carta:

> *Talvez que, uma vez desfeitos os laços, se esteja para sempre subjugado e paralisado. É isso, sem dúvida, o que eles querem. É indispensável que se seja dominado. A você, também dominaram? Não quererá dizer-me o que devo fazer para que nos possamos encontrar? Farei o que quiser, mas é preciso guardar segredo. Você deve compreender por quê. Ele sempre sabe de tudo. É imprescindível que esta carta permaneça secreta. Ficarei adulto com o tempo,*

mas isso vem vindo com uma lentidão desesperadora! Não conseguirão subjugar-me. Você pode acreditar: quando vi a carta no vestíbulo, foi como se um raio caísse no meu cérebro. Gostaria de saber o que aconteceu. Você me compreende, não? Sinto que foram injustos para com você. É verdade? Há ainda alguma coisa de que preciso falar – é da abominável quantidade de injustiças que chegam todos os dias aos nossos ouvidos. É necessário que você saiba que, de todas as coisas do mundo, a injustiça é a que me causa mais horror. (pág. 28)

PROF. MONIR: Vocês entenderam quem é Etzel Andergast? Etzel Andergast é um menino de dezesseis anos revoltado com as injustiças do mundo.

O rapaz dá-se conta de que não tem nem mesmo o endereço para enviar a carta à Suíça e, além disso, teme o pai: "*Criança, imaginava o pai residindo no centro do universo, inscrevendo as faltas e os crimes de todas as pessoas da cidade em uma mesa de mármore, com um estilete também de mármore*". Acabou fechando a carta sobrescritando o envelope: "*À minha mãe, não sei onde*".

Etzel Andergast era admirador do escritor Melchior Ghisels, de quem havia recebido duas cartas: "*Melchior Ghisels era um deus para Etzel. Cada frase dos seus livros constituía uma revelação. Somente os jovens de dezessseis anos podem ressentir uma tal veneração por um autor. E unicamente um espírito cujo ardor ainda está inteiramente concentrado é capaz de guardar um fogo tão puro*". Naquela noite, antes de dormir, Etzel pegou um dos livros dos Ghisels para ler.

PROF. MONIR: O menino aos pouquinhos está entrando no conhecimento de que houve uma injustiça nesse assunto Maurizius. Sendo o menino como

é, vocês devem imaginar aonde isso vai nos levar – a uma rebelião absoluta que ele fará contra o próprio pai.

V

"A generala Andergast pertencia a um desses tipos de mulher que está a caminho de desaparecer." Tinha a voz "*clara e fresca*" como a de uma moça. Depois da morte do marido, que fora "mau, tirânico e hipocondríaco", começara a viver e fizera grandes viagens. Ocupava-se com a pintura. "*Não se entendia com o filho, procurador geral. A seu ver, ele era muito autoritário e a fazia lembrar-se do marido morto..." "A mãe não lhe perdoava a dureza com que condenara a mulher ao exílio".*

"Etzel achava a vó encantadora. Sozinha, continha mais mistérios que a maior parte das pessoas com as quais tinha contato".

PROF. MONIR: A avó Cecília passava o dia inteiro pintando na sua propriedade numa cidadezinha ao lado de Frankfurt, e era o contrário de seu filho – o que o filho tinha de rígido, ela tinha de complacente, flexível.

VI

Etzel almoça com a avó. Pergunta-lhe sobre o nome Maurizius. A avó fica paralisada com a pergunta.

> *Era um nome do qual se exalavam trevas. Pronunciando-o, ou ouvindo-o, vinha à face um sopro gelado e um odor de mofo, como se se abrisse a porta de um porão. Recordações de catástrofes surgiam na memória, visões*

desaparecidas retomavam forma e automaticamente suscitavam o horror que antigamente traziam à cidade, à região e mesmo ao país inteiro. (pág. 33)

A velha senhora não quer retomar uma história que, segundo ela, havia acontecido dezoito anos antes, dois anos antes do nascimento do neto. O processo havia posto o Barão Andergast, na época apenas juiz substituto, em evidência. Sem a atuação do barão, "*Maurizius teria sido finalmente absolvido*". A avó começa a recuperar a memória do crime, enfatizando que havia sido "*um caso terrível*", que havia mobilizado a opinião pública: "*Durante semanas só de falou nisso.*" Embora condenado, Maurizius havia afirmado sua inocência até o fim. Embora jovem, então com vinte e seis anos, Maurizius "*possuía posição social e autoridade como historiador de arte*", tendo escrito um ensaio importante – "*Da influência da religião sobre as artes plásticas do século dezenove*". A avó continua:

Na época, tudo isso me interessou muito: a arte, a religião, eram assuntos apreciados em salões. Quem tomaria semelhante homem por um assassino? Em verdade, nunca pude acreditar que tivesse assassinado. Matar a própria mulher, e de surpresa! E em que circunstâncias! É uma história muito atrapalhada. Uma história diabólica, uma história lamentável, de que naturalmente não retive um só fato. Sei apenas que ele teve tudo contra si, homens e coisas, espaço e tempo. Todos testemunhavam contra ele. Era um encadeamento impecável de presunções, como dizem os juristas. E o mérito do seu pai foi, ainda me lembro, estabelecer e fazer sobressair esse encadeamento. (págs. 34-35)

Etzel está agora mais perplexo com a aparição do homem de gorro de marinheiro. Quem seria ele? Que desejava?

Antes de sair, Etzel pergunta pela mãe dele. A generala desconversa.

Capítulo 3

I

O doutor Camilo Raff, professor de Etzel, queixa-se a Roberto Thielemann: "*Que tem ele? Você sabe?*" Raff pede a Thielemann que investigue Etzel Andergast.

PROF. MONIR: Alguma coisa está acontecendo com este menino, porque o professor também notou que ele está mudando o seu comportamento. O professor pediu que um colega de Etzel fizesse uma investigação.

II

Etzel descobriu no gabinete de seu pai um requerimento de indulto constituído por Pedro Paulo Maurizius em favor de seu filho Oto Leonardo Maurizius, há dezoito anos e cinco meses detido na prisão de Kressa.

PROF. MONIR: Pedro Paulo Maurizius é o velho com gorro de marinheiro. Depois daquele encontro na escada, o velho entregou ao juiz um pedido de indulto para seu filho, Leonardo Maurizius, cujas razões estão arroladas nesse requerimento.

Etzel, reconhecendo que utilizou meios condenáveis para obter a informação, *"justifica-se invocando as circunstâncias que não lhe permitiram escolha".*

PROF. MONIR: *"Meios condenáveis"* é ficar lá mexendo na gaveta do pai.

Pensa em fazer o mesmo com a carta de sua mãe, que supõe estar trancada em uma das gavetas. Etzel distrai Rie pedindo-lhe que lhe faça sonhos recheados e mergulha na leitura do pedido de indulto.

PROF. MONIR: A Rie ficou lá três horas fazendo os sonhos, enquanto isso ele ficou três horas bisbilhotando os documentos do pai.

Em dois lugares consta o nome de Gregório Waremme, que parecia ter sido uma das principais testemunhas. O autor do requerimento parece acusá-lo de falso testemunho. O paradeiro de Waremme era dado por desconhecido.

III

Nos feriados de Páscoa que se seguem, Etzel disfarça seu verdadeiro estado de espírito, dando a impressão que estava de bom humor e alegre: *"Como supor que escondesse intenções tão opostas às do rapaz gentil, do filho modelo que hipocritamente representava?"*

> *Por enquanto, porém, tudo ainda estava em germe. Talvez mesmo o rapaz não soubesse muita coisa do que com ele se passava. É isso que eu acabo de chamar hipocrisia, fosse simplesmente o fruto da resolução tomada de resolver tudo por si mesmo, de esclarecer unicamente com a própria inteligência o que permanecia obscuro e não se deixar levar por nenhuma divagação sentimental, por nenhum inútil devaneio. (pág. 42)*

(...)

Calcula que dezoito anos e cinco meses são duzentos e vinte e um meses ou, aproximadamente, seis mil seiscentos e trinta dias. Atenção: seis mil seiscentos e trinta dias e seis mil seiscentas e trinta noites porque, é preciso distinguir, os dias e as noites são coisas diferentes. (pág. 43)

PROF. MONIR: Que tempo é esse? O tempo em que Leonardo Maurizius está preso.

E veio-lhe o sentimento do que devia ter-se passado com o outro, durante aquele tempo: enquanto dormia e lia, ia à escola e brincava, conversava e fazia projetos, enquanto vinha o inverno e depois a primavera, e o sol brilhava e a chuva caía, nascendo a manhã e caindo depois a noite, enquanto tudo isso acontecia, o outro estava na prisão, exatamente durante o mesmo número de horas e durante as mesmas horas, e sempre, e sempre, na prisão! (págs. 43-44)

PROF. MONIR: Quem de vocês nunca se sentiu assim? Não se lembram de terem ficado indignados com a injustiça do mundo? Nunca se depararam com uma situação em que claramente havia uma injustiça que os encheram de mágoas e angústias, por estar produzindo um malefício tão grave para alguém, a ponto de permitir que vocês se revoltassem? É a coisa mais normal do mundo sentir-se assim. Todos nós sentimos, quando temos dezesseis anos.

No dia seguinte, às quatro horas da tarde, Etzel visita de imprevisto seu amigo Robert Thielemann, cujos pais, como sempre, estavam brigados e ele, consequentemente, constrangido: "*Que fatalidade fizera com que Andergast viesse precisamente naquele dia*!" Etzel diz ao amigo que não gostava de falar

de assuntos de família ("*assunto próprio de moças*"), mas não tinha outro amigo. Expõe a Roberto a situação de sua mãe, dizendo não poder obter nada de Rie, de sua avó ou de seu pai: "... *meu pai deve estar envolvido nisso*". Etzel diz estar diante de uma verdadeira conspiração, de um verdadeiro complô: "*No coração desta conspiração ou no centro desta aliança, pouco importa, está meu pai*".

PROF. MONIR: Não há muita possibilidade de leitura simbólica numa obra assim tão contemporânea, mas aí dá para desconfiar de que quando Etzel atribui ao pai o coração de todas as conspirações do mundo, há uma certa revolta contra o espírito. É como aquele sujeito que diz: *"Como Deus é mau, como fez tudo errado, como Deus está equivocado, como é incompetente".* É Ivan Karamazov dizendo que não tem nada contra Deus, mas contra a obra Dele.

ALUNA: [*Faz pergunta sobre René Descartes.*]

PROF. MONIR: Descartes era uma espécie de santarrão, era coroinha. Era um sujeito absolutamente crente, no sentido católico da palavra, temente a Deus. Só que ele produz uma filosofia que logo de início destrói a existência do espírito como mediador da realidade. Portanto ele faz uma coisa incrível: apesar de ser um sujeito de confissão católica, muito rigoroso, ele faz uma filosofia tão absolutamente laica, tão materialista, que é um dos pináculos de sustentação da filosofia contemporânea, completamente material. É uma das contradições mais interessantes que há – assunto para psicanalista tentar descobrir: como se produz uma contradição desse tamanho entre a carolice verdadeira e sua absoluta materialidade filosófica.

Foi ele quem tomou as medidas, é ele quem tem todos os fios nas mãos. Tudo o que o embaraça, ele o exclui: qualquer curiosidade ou reclamação, qualquer espírito de pesquisa. As coisas sucedem assim e ele quer que sucedam assim. E, como é todo poderoso, as coisas realmente sucedem assim... (pág. 47)

PROF. MONIR: Tá vendo? É a descrição de Deus propriamente dita. Estão reparando que isso aqui é uma arenga contra Deus, um discurso anti-Deus?

Etzel sente tudo isso como uma injustiça. Pergunta a si mesmo se deve continuar a se submeter. (pág. 47)

Etzel pergunta a Thielemann o que deve fazer. Se deve deixar o seu pai conduzir a sua vida ou firmar-se *"sobre os seus dois pés e fazer... o que é preciso fazer".*

PROF. MONIR: Pronto. Essa é a pergunta existencialista, de todos os existencialismos que virão depois no século XX. É a ideia de que eu sou mais eu, que a vida é minha – então faço o que eu quiser, independentemente do que Deus queira que eu faça.

Essa exposição luminosa, medida e eloquente, refletia toda a limpidez de espírito, toda a audácia, toda a sinceridade de um rapaz que não admitia vacilações quando se tratava das suas convicções morais. (pág. 48)

Thielemann começa a ponderar, mas Etzel pensa consigo mesmo: *"Desde que alguém me diz 'mas', não me serve mais"* e distrai-se desenhando um cavalo com chifres de veado.

PROF. MONIR: Vejam que interessante. O sujeito começa a dizer assim: *"Tem isso aqui, **no entanto**..."* – então já não dá mais. Tinha um presidente americano, acho que era o Truman, que dizia que queria um economista maneta, porque os economistas que questionava diziam assim: *"On one hand..., on the other hand..."*[6]. [*risos*] Algumas personagens não conseguem lidar com a dúvida, com o contraditório. O amigo de Etzel, quando começava a ponderar, a estabelecer situações do tipo "*contudo*" e "*no entanto*" – assim como qualquer outra pessoa que lhe falasse assim – já não interessava mais. Porque a Etzel esta parecia uma pessoa fraca, indecisa, com pequenas convicções. Etzel está numa época de vida em que tem de ter grandes convicções e não quer os indecisos ao lado dele, por isso despreza o que lhe diz Thielemann.

Thielemann insiste em que o "*sistema é fétido*" porque os pais controlam os filhos ao dar-lhes de comer.

PROF. MONIR: Não é o cúmulo da argumentação infanto-juvenil?

Neste momento da conversa, começa na casa uma briga do casal Thielemann. Deixando a casa do amigo humilhado, Etzel decide: *"Tudo isso não serve de nada, não conseguirei paz enquanto não for encontrar aquele velho lá, em Hanau".*

6 Nota da revisora de transcrição - Truman fez um trocadilho com esta expressão idiomática, cuja tradução é "Por um lado..., por outro lado...". No entanto, a palavra "hand" também pode ser traduzida literalmente por "mão", e neste caso a tradução fica assim: "Em uma mão..., na outra mão..." Nas palavras do Professor José Monir: "Nesse episódio do Truman, a expressão idiomática inglesa quer dizer que não há nenhuma solução fácil para a economia. Se eu subir a taxa de juros, por um lado vou reduzir o consumo e a inflação, mas em compensação, por outro lado eu vou quebrar milhares de pequenas empresas. É um raciocínio típico de economista."

V

Na sexta-feira arrumou uma desculpa e foi procurar o velho Maurizius em Hanau. Na casa do homem do gorro marítimo, jornais da época dos acontecimentos[7] e documentos jurídicos,

PROF. MONIR: É quando você soma os dezoito anos e meio que se haviam passado. Daí temos a data da história – 1924.

"...uma coleção de impressos que diziam respeito ao crime e ao processo de seu filho." Pedro Paulo Maurizius vê com desconfiança a presença ali do rapaz, enfatizando que ele era muito jovem. *"Etzel concordou ser realmente moço, disse sua idade e acrescentou uma observação um pouco audaciosa: não pudera convencer-se, até então, de que o número de anos bastasse para preservar o mundo da tolice e da vulgaridade."*

PROF. MONIR: É, a observação não é audaciosa, é malcriada. Ele quis dizer: "Eu sou jovem, mas não vulgar e tolo como o senhor". Nada diferente dos adolescentes modernos.

VI

O velho Maurizius havia ganhado a vida cultivando vinhedos perto de Gelnhansen. Em 1904 uma epidemia de tifo lhe havia levado a mulher, a menina e dois de seus filhos homens. Sobrara-lhe Leonardo, com vinte anos, que estudava em Bonn. Leonardo já era o filho predileto do pai e, com a morte dos

7 Nota do resumidor – São jornais de 1905-1906-1907, indicando que a história acontece então por volta de 1924.

outros, transformou-se em ídolo. O pai tudo fazia por ele, mesmo coisas acima de sua capacidade econômica.

Leonardo, com vinte e dois anos, havia se casado com Eli Hensolt (Eli Jahn quando solteira), viúva de um rico fabricante de papel, sem avisar o pai que o soube a posteriori *"por intermédio de umas poucas linhas lacônicas"*. O velho ficou magoado e na despedida do casal não cumprimentou o filho, que também se ofendeu.

PROF. MONIR: Reparem. O pai fez tudo para que o filho desse certo. De todos os filhos que ele tinha só sobrou esse filho, o Leonardo. Daí o filho casa sem avisá-lo, sem falar com ele antes... E ele depois só comunica ao pai que tinha casado com essa Eli. Acho que o incômodo do velho é justificado, há um pouco de desconsideração.

> *Aproveitando a ocasião para se proclamar ofendido, Leonardo se afastou, fingindo não observar a decepção e a mágoa do pai. Na realidade, aquela afetuosa tirania há muito tempo lhe pesava. Depois, sentia vergonha do pai, das suas maneiras, da sua rudeza, da sua falta de educação. Por esnobismo burguês, e de boa vontade, lançava discreto véu sobre sua origem. É que não necessitava mais do velho: sua mulher trouxera um dote de oitenta mil marcos – fortuna que herdara do marido, não lhe tendo dado nenhum filho. (pág. 53)*

PROF. MONIR: Não é muito dinheiro, não. No entanto, na hora que Leonardo viu que tinha casado com uma mulher que tinha algum dote, ele deixou o pai de lado, o que indica que ele via o pai como uma fonte provedora, apenas. Não tinha pelo pai grandes sentimentos.

O velho não gostava da nora por ela ser de família católica e não ter atrativos físicos à altura de seu filho, segundo seu modo de ver. Mesmo o dote de oitenta mil marcos lhe parecia pequeno: *"Uma miséria, comparado com o valor de Leonardo, dado seu futuro e o que ele prometia!"* Além disso, ela era quinze anos mais velha.

PROF. MONIR: Não há nesse casamento uma conotação muito clara de um casamento por interesse? Ela tem quinze anos a mais do que ele e oitenta mil marcos. Ele está no auge da sua carreira universitária. Ele casa sem falar com o pai – que é também para não ouvir do pai restrições contra o plano. Parece casamento por interesse. E isso não legitima uma possível acusação de homicídio por interesse econômico? Começa então toda a desgraça de Leonardo Maurizius, no momento em que ele casa com Eli.

VII

Os dois primeiros anos de casados de Eli e Leonardo correram muito bem. O controle que Eli exercia sobre um marido muito mais jovem, segundo amigos, parecia fazer bem ao rapaz, um "*eterno indeciso, tão fácil de extraviar...*" No entanto, a relação se modificou quando Eli ficou sabendo de antiga ligação de Leonardo com uma dançarina, com que ele tivera um caso e uma menina, um ano antes do casamento.

PROF. MONIR: Ele não teve esse caso durante o casamento. *Antes* do casamento ele havia tido um caso com uma bailarina e deste caso nasceu uma menina. E esses fatos só vieram ao conhecimento da Eli depois de eles casarem.

A mãe da criança, doente, reaparecera para cobrar do rapaz suas obrigações paternas.

No primeiro momento, Leonardo não contou nada à mulher, mas apenas para a cunhada, Ana Jahn, que levou a menina de dois anos, Hildegarda Koerner, para a Inglaterra, onde a deixou aos cuidados de uma parente afastada. (Gertrude Koerner morreria de tuberculose algum tempo depois.) Eli ficou sabendo do caso por carta anônima e pela confissão tardia do marido.

Diferentemente de Eli, Ana Jahn era de "*extraordinária beleza*". Leonardo achou-a antipática no início porque ela ironizava o controle que sua irmã exercia sobre ele, como se Leonardo fosse um colegial "*sob a vigilância de uma aia severa*". De fato, por causa deste excessivo controle, "*cedo o abismo entre os dois esposos se tornou visível. Fora a natureza que o criara e o ampliava*".

PROF. MONIR: *"Fora a natureza que o criara"*. Isso significa: "Fora a diferença de idade entre os dois".

> *Eli controlava todos os passos do marido, vigiava tudo: encontros, horas de trabalho, leituras, correspondência, conversas, despesas. Não era avarenta, dava-lhe mesmo presentes caros, mas nunca o deixava dispor de somas importantes; era muito inteligente para não ver o erro que cometia agindo assim, mas um instinto mais forte que tudo a forçava a mantê-lo subjugado durante o máximo de tempo possível. (pág. 56)*

PROF. MONIR: Tem cara de que vai dar certo este casamento? Ela é mais velha do que ele, não é bonita. Ela usa a diferença de idade e o fato de que é a dona do dinheiro para controlar o marido. E o marido submete-se e é

controlado. Aí aparece Ana Jahn, que é irmã dela e muito bonita. Não parece que esse negócio não vai dar certo? Continuamos.

VIII

O velho Maurizius, quando soube da existência de Hildegarda, lutou sem sucesso para apoderar-se da menina. Certo dia, três anos e meio depois da visita pós-núpcias, Leonardo foi despedir-se do pai "*antes de partir para longa viagem*". Pede-lhe dinheiro. Com a frieza do pai, ainda magoado, Leonardo parte de mãos vazias. (O velho, após vender as propriedades, tinha trinta e cinco mil marcos, mais que suficientes para sua vida frugal.)

PROF. MONIR: Aí vocês veem que oitenta mil marcos não é muito dinheiro. O velho tinha quase metade do que tinha a mulher do filho.

IX

Aos poucos, com o convívio, o velho Maurizius passou a ver em Etzel "*uma espécie de mensageiro divino*" e ia mostrando ao rapaz, aos poucos, a extensa documentação que reunira sobre o caso do filho. O velho contesta as testemunhas, apontando suas contradições, sobretudo no depoimento de Waremme. Depois de sua longa exposição em defesa do filho, o velho Maurizius, perguntado por Etzel, declara que Leonardo nunca havia denunciado o verdadeiro assassino.

Após os acontecimentos, Ana Jahn havia adoecido gravemente e estivera à morte durante seis semanas. Quando pôde enfim depor, havia sido tratada com condescendência, como "*uma vítima daquele monstro, a virgem pura, imolada por*

aquele infame sedutor". O depoimento crucial contra Leonardo tinha sido o de Waremme.

PROF. MONIR: Sabemos uma porção de coisas agora. Sabemos que a Ana Jahn ficou doente, que o Leonardo Maurizius, embora negasse a autoria, nunca disse quem tinha sido o autor do crime e sabemos que a pessoa-chave, cujo depoimento produziu a sua condenação, é Gregório Waremme.

Capítulo 4

I

Etzel passa uma tarde e duas noites estudando os documentos do velho Maurizius. Consegue também especular sobre o destino de Ana Jahn com Distelmayer, um conselheiro aposentado amigo de Rie. Descobre que Ana havia casado em 1913 com o diretor de uma grande fábrica de tijolos "*que estava em ótima situação*", havia morado no estrangeiro e desaparecido. Com a morte de Eli, a fortuna de Eli havia passado para ela, mas quando a herdeira havia voltado do estrangeiro "*não possuía mais nada*", segundo o depoimento de uma amiga.

> *Ana Jahn, havia mais de doze anos, chegara em casa dessa mulher numa noite de inverno, o corpo e a alma despedaçados, num estado de indizível lassidão, com uma pequena valise, tal como uma criada desempregada, solitária, muda, pobre. Não disse de onde vinha, nada contou de sua vida anterior. Sentia um terror louco à simples ideia de encontrar os conhecidos de antigamente. Logo se verificou que estava seriamente atingida; um dia, como uma convidada de sua amiga falasse, sem refletir, em Leonardo Maurizius e no seu caso – em sua opinião, ainda não esclarecido – tornou-se*

lívida, pôs-se a tremer e caiu no chão com convulsões que duraram horas. Depois, mergulhou num estado de depressão doentia. (págs. 66-67)

PROF. MONIR: Depois que acontece o crime, Ana Jahn some. Quando volta tenta evitar todas as pessoas que havia conhecido antes e, nesse episódio contado aqui, ela tem um ataque epilético quando alguém menciona Leonardo Maurizius e a possibilidade de o crime não estar esclarecido. O que vocês acham disso? Podemos concluir que Ana Jahn tem algum envolvimento nesse mistério do crime? É possível.

Mais tarde, já refeita, teria se casado com um alsaciano, com quem viveria nos arredores de Treves[8], cuidando de dois filhos, como se tivesse *"totalmente esquecido o passado tão sinistro e tão tragicamente movimentado"*.

II

O prosseguimento da investigação de Etzel traz à superfície os mais diversos aspectos do caso, delimitando melhor a participação do Barão Andergast no episódio e estabelecendo cada vez mais sua importância.

III

Etzel decide investigar junto ao velho Maurizius o paradeiro de Waremme, mas sem achar meio de fazer a pergunta, acaba conversando sobre os últimos momentos vividos pelo velho antes de receber a notícia da sentença de morte para o filho.

---

8 Nota do resumidor – Treves é o nome português para *Trier*, na Alemanha.

IV

Waremme havia sido visto com Ana Jahn em Deauville, em 1908. Dele, o velho diz que "*só o diabo sabe o que é preciso fazer para poder retratá-lo*", mas dá um quadro aproximado.

> *Waremme apareceu na cidade dois anos antes da desgraça (a 'desgraça' era o eixo, o ponto central dos acontecimentos) e, imediatamente, pôs toda a Universidade no bolso. Quem era ele? Pouco importa fosse ele um filósofo ou alguma coisa semelhante, um escritor, um erudito... Não aceitou nenhum posto; talvez não tivessem oferecido, mas, em todo caso, prevaleceu-se da sua independência. Frequentemente pronunciava conferências. Vinham pessoas de muito longe para ouvi-lo. Os professores estavam entusiasmados, referindo-se a ele como a um fenômeno. Homens e mulheres o cercavam quando aparecia em uma reunião, completamente enfeitiçados pelas suas opiniões. (pág. 73)*

Apesar disso, muitas dúvidas pairavam sobre a real identidade de Waremme: *"Nunca se soube ao certo de onde ele veio"*[9].

PROF. MONIR: Os ocultistas que serviram de inspiração para a personagem Waremme – Saint-Germain, Cagliostro, Helena Blavatski e Gurdieff - eram vigaristas. No entanto, justamente porque eram picaretas muito competentes, foram a origem de movimentos esotéricos. O Conde Saint-

9 Nota do resumidor – Há vários ocultistas com este mesmo quadro de mistério, como o conde de Saint-Germain (1707-1784) e seu seguidor Cagliostro (1743-1795). Mais recentemente, há também o caso de Helena Blavatski (1831-1891) e de Gurdieff (1872-1949), cuja origem é até hoje duvidosa.

Germain era o picareta dos picaretas, conviveu com todas as cortes da Europa dizendo que era imortal; Cagliostro ficou famosíssimo por causa do episódio – que aparentemente ele mesmo organizou – do colar de diamantes da rainha Maria Antonieta, que acabou deflagrando o desprestígio da casa real francesa e permitiu que houvesse a deposição de Luís XVI. Essa gente não diz de onde vem, você nunca sabe onde é que eles nasceram. Há várias teorias sobre qual é a origem deles. São de origem desconhecida e passado inabarcável. Ninguém nunca sabe o que eles fizeram antes. Têm dotes e competências artísticas extremas, tocam instrumentos muito bem, cantam muito bem, são bons discursadores, trazem a ideia de que são portadores de segredos que ninguém mais conhece – é a fórmula do grande picareta esotérico. No século XX temos a Madame Blavatski, que fundou a teosofia, e o Gurdjieff, talvez o maior picareta de todos.

ALUNO: E Rasputin?

PROF. MONIR: Rasputin não era dessa turma, era somente um curandeiro. Ele não tinha adeptos; era um monge que tinha poderes de cura com as mãos e cuidava do filho hemofílico dos Romanov. Não fazia proselitismo. Esses quatro fundaram organizações – até hoje há adeptos do Conde de Saint-Germain, de Cagliostro e da Blavatski. O que é esse Instituto Nova Acrópole, que tem no mundo inteiro? É uma instituição teosófica fantasiada de escola de filosofia, para vocês verem como isso é forte e poderoso.

ALUNA: [*Pergunta sobre o colar da Rainha.*]

PROF. MONIR: A ideia é de que ouve uma conspiração maçônica para derrubar a monarquia francesa, e para isso precisavam desmoralizar a família

real. Havia determinado prelado que, como os prelados da época, levava uma vida muito mundana. Convenceram o prelado de que a rainha sentiria muita gratidão por quem conseguisse dar a ela um colar de diamantes que ela queria muito comprar, mas que era caríssimo, pelo qual Luis XVI havia dito que não pagaria. Interessado nela, o prelado resolveu comprar o colar com dinheiro emprestado de outros. Mas como entregar o colar para a rainha? Ela não poderia receber o presente em público. Arrumaram então uma sósia para substituir Maria Antonieta. Disseram para o prelado que a rainha iria se encontrar com ele no *Bois de Boulogne*, à noite, com véu, para não ser reconhecida. O prelado vai lá e entrega o colar para a pretensa rainha. A sósia e o marido fogem para a Inglaterra com o colar, que valia uma fortuna – era a melhor peça de ourivesaria da Europa. O colar deveria ser pago em prestações para o joalheiro, que um belo dia não é pago e vai falar com a rainha, que não sabia nada da transação do colar. Resultado: pegaram os picaretas, inclusive a sósia, que tomou uma surra de chicote numa praça de Paris, sem roupa. Foi marcada com ferro como ladra (com um "v" de "*voleuse*"). Seu marido conseguiu escapar e foi para a Inglaterra. Quase mandaram matar o padre. Depois foi colocado para ser cura no fim do fim do mundo. O resultado disso é que pareceu aos olhos da população que a Maria Antonieta havia gastado dinheiro para comprar joias. A sua imagem pública, que até então era boa, foi destruída. E esse Cagliostro era a personalidade que estava por trás dessa história. Que era um picareta que tinha boas ligações.

Vejam o Conde de Saint-Germain. Quem ele usa para se introduzir na corte de Luís XIV? Madame de Pompadour, a predileta do rei, a amante nº 1 – que não era escondida, mas completamente pública. Ele faz com que ela se apaixone por ele e recebe um cargo de diplomata na Inglaterra. Tenta fazer

uma negociata em proveito próprio, cria um incidente diplomático terrível, foge para a Holanda e lá muda de nome. Usando desses estratagemas, esses picaretas vão se mantendo. São sempre misteriosos. É uma fórmula, isso. Ninguém sabe de onde vieram, qual é o seu verdadeiro nome, que idade têm. E criam-se factoides a respeito deles – por exemplo, alguém ligado à Madame Blavatski disse ter encontrado o Conde de Saint-Germain em Paris em 1925, e que ele estava ainda com 42 anos. Basta espalhar essa mentira que sempre haverá um grupo de crédulos achando que esse homem é excepcional.

O episódio do colar de Maria Antonieta foi muito bem urdido e é central no processo da Revolução Francesa. E Cagliostro estava envolvido até o pescoço nisso. Ela passou para a história como sendo uma mulher fútil, má, que teria dito: "Quem não tiver pão, que coma brioches." Coisa, aliás, que ela nunca teria dito.

Esse Waremme se parece com esses trapaceiros históricos de conotação esotérica, como os quatro explicados aqui.

ALUNA: [*Pergunta sobre os reis franceses.*]

PROF. MONIR: Os Luíses fizeram o momento mais imperial da história da França. São todos Bourbons e entre eles há Luís IX, que é santo. São Luís é medieval, construiu a Sainte-Chapelle, em Paris. Dos reinados deste trio de reis modernos nasceu uma França imperialíssima, que se constituiu em torno do Palácio de Versalhes.

Durante o reinado de Luís XIV houve um grande distúrbio chamado a Fronda, uma rebelião de nobres contra o governo. O governo na prática era de Richelieu, porque Luís XIV ainda não tinha idade para governar. Quando Richelieu morre, quem assume o governo é o Cardeal Mazarin, que domina a França por muito tempo. Ele faz uma tentativa de conter os nobres, que se rebelam, e armam a confusão chamada *La Fronde*. Quando Luis XIV finalmente assume o poder, ele coloca todos os nobres para morar no palácio. Esse é o conceito do Palácio de Versalhes. Era o modo que o rei tinha para aprisionar os nobres todos no campo, de modo que não ficassem conspirando em Paris. Todo o mundo morava lá naquele palácio gigantesco e esplendoroso. Daí todo o dia tinha uma peça de teatro, um concerto... É nesse tempo que a casa real francesa foi patrocinadora de todas as artes: Molière, Corneille, Racine, Lully...

Luís XV usufruiu desse ambiente criado pelo seu antecessor. Luís XVI é quem pagará todo o preço do fausto e da riqueza dos governos anteriores. Luís XVI tem um filho – Luís XVII, o Delfim, que desaparece na Revolução Francesa; tiram-no da mãe. A versão mais leve conta que o menino foi posto numa sala escura e deixado lá meses, e meses, e meses. Depois foi levado para o sol e cegado pela agressividade da luz. Luis XVII desapareceu. Mais tarde apareceram inúmeros candidatos a Luís XVII, como no caso de Anastásia, a filha perdida dos Romanov. Quando há a Restauração na França, sobe ao poder Luís XVIII, o irmão mais novo de Luís XVI, que reinará por uns quinze anos e será substituído por Carlos X, que também era irmão, porém não tinha o nome da sequência. Com a destituição de Carlos X, em 1830, a dinastia Bourbon chega ao final. Continuamos?

Todas as pesquisas do velho sobre a identidade do forasteiro haviam acabado em becos sem saída.

Em torno da personagem perduravam mistérios financeiros e havia nebuloso caso de suicídio de sua noiva, Lili Quaestor: "*Um belo dia a moça se matou sem que ninguém soubesse por quê*". Pressionado, o velho Maurizius acaba contando a Etzel, sob promessa de sigilo, que Waremme estava em Berlim, vivendo sob nome falso de George Warschauer, coisa que descobrira por meio de um detetive astuto. Waremme havia também morado em Chicago entre 1910 e 1921 e fora daí que a pista havia sido seguida. Em Berlim, Waremme (ou Warschauer) vivia de dar aulas de inglês, morando na esquina da rua Usedom com a Jasmund, num terceiro andar na casa de cômodos de Madame Bobike, cujas filhas ele ensinava pelo valor do aluguel. O velho Maurizius havia ido vê-lo, mas desistiu de lhe falar na última hora: "*Como entrar no assunto? Por onde começar? E se ele me atirasse pela escada?*"

Naquele momento, Etzel Andergast tomou a decisão de ir a Berlim. Mesmo o fato de Rie lhe contar que sua mãe estava agora morando em Paris não o retirou daquele transe.

PROF. MONIR: Nesse momento em que ele descobre o endereço em Berlim do Waremme, que agora se chama Warschauer, esse menino resolve largar tudo e ir atrás da testemunha-chave na incriminação do Maurizius. Não se importa de saber que a mãe estava morando em Paris, onde ficaria mais fácil de ir, porque ele agora tem uma ideia única na mente, que é perseguir a justiça no caso do Maurizius.

V

Etzel vai se aconselhar com o doutor Camilo Raff, professor carismático que mantinha um pequeno grupo de estudantes sob sua orientação. Certa vez Etzel se surpreendera ao ouvir de Raff, com relação a certo incidente que acabara na expulsão de um aluno, que *"o sentimento é um rolo compressor, alarga e amolece tudo"*. Ficou muito surpreendido, porque lhe pareceu estar ouvindo seu pai.

PROF. MONIR: O seu pai, que está o tempo todo discursando contra os sentimentos. E Etzel está horrorizado por achar que o professor Camilo Raff pensa que isso é o que pensa Etzel. O professor acha que ele é um menino sentimental, mas Etzel se tem em conta de um sujeito racional e objetivo, e não é nada disso.

Etzel sentiu que *"o desconheciam por completo"*.

Camilo Raff explora as opiniões do rapaz, preocupado que estava com a mudança de comportamento que Etzel vinha demonstrando claramente.

> *Mas, que se passara com ele? Não era coisa cômoda sondá-lo. Era astucioso e reservado. Camilo Raff não o quer assustar e avança tateando como sobre uma superfície escorregadia. Quando, afinal, graças às afirmações socráticas do mestre, o rapaz se decide a fazer algumas afirmações, evita desaprová-lo ou refreá-lo, por exemplo: 'É indispensável que o espírito esclareça as coisas', diz Etzel, 'é preciso tomar posição, deliberar, pesar. Ao agir, é pela inteligência que devemos compreender as coisas. (pág. 79)*

PROF. MONIR: O discurso que Etzel tem é o discurso da racionalidade, do esclarecimento...

'É indispensável que o espírito proceda lenta e metodicamente'. 'Sim, sem dúvida', diz Camilo Raff escondendo um movimento de ironia, 'certamente'. (pág. 79)

PROF. MONIR: O professor ouve ele falar assim e diz que está entendendo, achando que o menino obviamente está dizendo tudo ao contrário do que ele é. O menino tem um discurso de racionalidade, de objetividade, mas no fundo é apenas um sentimental. É isso que o professor está querendo dizer.

Nesse momento, tergiversa, ainda quase sem esperança. 'Impossível atingir-se um fim determinado, se não se é capaz de excluir a paixão', diz Etzel com a expressão de um analista fortalecido pelos tormentos do pensamento. (pág. 79)

O professor, que vê o discurso de Andergast com ironia, conclui que questões de consciência moral são "*insondáveis poços de minas*". Raff dá-se conta de que a geração de Etzel ostenta a bandeira de viver pelo cérebro:

PROF. MONIR: "Ostenta a bandeira", quer dizer, **aparenta** viver pelo cérebro.

"E, sem dúvida, foi por isso que Etzel ultimamente se melindrou tanto comigo ao ver que eu censurava nele um excesso de sentimento".

PROF. MONIR: Ele acha que entendeu agora porque é que Etzel está mudado.

> *Eis a chave do enigma. Bem! Bem! Bem! Em todo caso, isso ainda é melhor do que viver sem contar com o cérebro, esbanjando sentimentos, pura atitude literária com a qual os da minha geração pensavam concorrer para o avanço do mundo. (pág. 80)*

PROF. MONIR: A geração romântica, do final do século XIX. O espírito de Werther que invade a segunda metade do século XIX, mesmo que Goethe tenha morrido na primeira. O romantismo *Sturm und Drang* alemão. Toda a música erudita romântica é da segunda metade do século XIX. Wagner.

> *É verdade: não fomos muito longe com essa política do coração. Isso a que se chama coração tornou-se o eterno devedor. Essa mocidade com o seu método, suas análises intelectuais, seu hábito de tomar posição – termo abominável! – superou-nos, como eles dizem, e devemos considerar-nos felizes com o ato de aceitarem ainda de nós um pedaço de pão. E não sei se nos ficam agradecidos... (pág. 80)*

Etzel entra no assunto: *"Há conflito de deveres ou existe um só e único dever?"*

PROF. MONIR: Olhem a pergunta que ele faz para o professor dele: *"Há conflito de deveres ou há apenas um só dever?"* Etzel não aceita nenhuma espécie de conjunção adversativa: mas, no entanto, contudo. Ele no fundo quer que digam para ele: "Só tem uma coisa para você fazer na sua vida, que é isso". Ele não admite o contraditório, de modo nenhum.

O rapaz explica melhor:

> *'Responda à seguinte pergunta', prosseguiu Etzel e, no seu ardor, agarrou, como recentemente fizera com o velho Maurizius, Camilo Raff pela manga do paletó. 'Só me responda a isso: um homem está preso há muitos anos, é possível que seja um inocente, é possível mesmo que se possa provar sua inocência. Temos o direito de nos deixar desviar desse fim por um motivo qualquer? Temos o direito de tardar ou de refletir? Existirá um outro dever a ser levado em consideração? Diga-me, sim ou não?' (pág. 81)*

O professor, meio constrangido, diz que ele tem o direito, ou talvez o dever. Depois que se separam, Raff cogita se deveria ou não informar o pai sobre a crise de Etzel.

VI

Etzel pede a avó trezentos marcos emprestados. Apesar do choque inicial e o desconhecimento dos motivos do pedido, Cecília Andergast acaba dando ao neto o dinheiro, mais da metade de *"todo o dinheiro do mês".*

PROF. MONIR: Este menino agora já está financiado em trezentos marcos. Ele vai dar um jeito de ir para Berlim procurar o Waremme e ir investigar afinal de contas quem matou Eli Maurizius para poder com isso tirar o pobre Leonardo da cadeia.

****

INTERVALO

****

PROF. MONIR: Quando deixamos Etzel Andergast, ele estava se preparando para fazer um ato de heroísmo adolescente. Ele resolveu ir para Berlim procurar Georg Waremme, a principal testemunha incriminadora de Leonardo Maurizius. Agora começa a verdadeira trama.

Capítulo 5

I

Três dias depois da visita à avó, Etzel deixou a casa paterna e a cidade, pretextando uma excursão a Hohen Kanzel com uns amigos. Rie estranha quando o rapaz parte carregando um fardo com dificuldade. Etzel atribui o peso a livros que iria devolver: *"Rie sabia que ele mentia, mas não supôs nada de mais e ficou mesmo comovida quando o viu censurar-lhe por haver se levantado tão cedo".* O rapaz parte. O barão viajando, Rie se inquieta com a demora da volta de Etzel, que não aparece no dia seguinte. Após pesquisa, a história da excursão é imediatamente desmentida pelos supostos companheiros de excursão. Quando o barão chega, não encontra o filho, mas uma carta esperando por ele.

II

O Barão de Andergast lê a carta e sua fisionomia não muda. Rie não consegue obter dele nenhuma informação: "*O barão parecia insensível, exatamente como os outros dias, absorvido unicamente pelos seus pensamentos*". Finalmente Wolf Andergast, agastado com a falta de atenção de Rie, pede-lhe uma lista de tudo que ele havia levado e vai procurar o delegado de Atschul, a quem pede discrição, sobretudo "*no que se referir aos comunicados à imprensa*". Perguntado das razões da fuga, o barão Andergast atribui o fato a "*uma travessura do menino*".

Embora fossem tomadas as medidas policiais de praxe, "*dir-se-ia que o rapaz desaparecera da superfície da terra*".

III

Como o barão iludira-se ao ponto de considerar-se "*amigo do filho*", estava profundamente ferido pessoalmente e em sua autoridade. Repassa sobretudo trechos da carta: "*não posso dizer o que nos separa, porque tudo nos separa" e "não tenho mais repouso desde que conheci o destino e o processo de Leonardo Maurizius e o papel que você desempenhou na sua condenação. É preciso que a verdade apareça, quero descobrir a verdade*". O Barão Wolf Andergast concluiu que é preciso que ele se habitue "*com a ideia de ter sido enganado por um fedelho*".

IV

Wolf Andergast logo desconfia da origem do financiamento da aventura de Etzel. Sua mãe confirma que havia dado dinheiro ao neto. Enquanto ouvia Cecília Andergast, o barão exprimia pelo silêncio "*tudo o que desdenhava dizer em palavras"*. Pressionada pela frieza do filho, a generala explode e o acusa de ser o culpado de tudo, ele e o "*seu sistema de caserna"* e que o menino deve ter fugido para procurar a mãe. Acusa Wolf de ter "*caçado*" implacavelmente a ex-mulher e, forçando o amante dela a jurar falso, em consequência, o teria induzido a meter uma bala na cabeça. O barão a ouve lívido e despede-se dizendo: "*Está certo, mamãe, não tenciono ajustar as suas visões romanescas. No futuro, se você quiser manter as nossas relações, espero que tenha a bondade de evitar qualquer alusão à minha pessoa e a meu passado*".

De volta a casa, o barão pressiona Rie e fica sabendo que ela havia informado Etzel sobre a mudança da mãe para a França, *"ainda que sem má intenção".*

PROF. MONIR: O barão sabe que seu filho não foi atrás da mãe, mas sim atrás do caso Maurizius.

V

O barão vai visitar o professor Camilo Raff. Wolf Andergast não tinha estima por educadores em geral. Aparentando grande cordialidade, o barão investiga, na verdade, a possível participação de Raff naquela fuga. O professor traça um perfil de Etzel como "justiceiro", provando com o relato de um caso quando uma injustiça havia sido praticada:

> *'Tive dificuldade em impedir que ele saltasse sobre mim com a sua cômica indignação, com a sua fria audácia, exigindo das pessoas o que deveriam fazer por si mesmas em bem da justiça e da razão e para que a desordem e a miséria não irrompam incessantemente no mundo.' Disse Camilo Raff: 'Era mais ou menos esse o sentido; reproduzo-o talvez de um modo um pouco menos complicado, mas era esse mesmo; as pessoas devem ser consequentes nos seus atos, quem tem um negócio deve conhecer o seu negócio, um juiz só deve julgar quando não existe mais sombra de dúvida sobre um crime... Eu me senti na obrigação de replicar: 'Meu caro, todas estas coisas são muito naturais, mas foi para assegurá-las que os heróis e os santos derramaram frequentemente seu sangue'. (pág. 96)*

VI

Como o professor Raff não compreendia "*absolutamente a verdadeira natureza daquele homem, sua soberbia glacial – a rigidez de seu espírito*", continuou ingenuamente a explicar-lhe o caráter do menino, contando o caso do judeu Rosenau, que fora incriminado por Eric Fenchel, um antissemita, e salvo pela diligente investigação que Etzel fez, desmascarando o caluniador. O barão, impassível ao relato, acusa Camilo Raff de saber da fuga e de não avisá-lo. O professor responde que não sabia exatamente o que ele pretendia, mas que havia reconhecido o direito do rapaz de "seguir sua inspiração". "*Eu não o nego – e falo sempre daquele momento – nunca o desviei da resolução que a ele se impunha naquela trágica luta interior*", por não querer "*derrubar água naquele vinho*". Quando o barão fala em questões de direito, o professor argumenta: "*Este não basta, barão. Existe um mais alto*".

PROF. MONIR: O barão diz: "Você tem consciência de que você incentivou um menor de idade a fugir de casa?", coisas deste gênero. Daí diz o Camilo Raff: "Olha, existem leis mais altas do que essa que senhor está mencionando, que impedem que alguém incentive um menor a fugir de casa".

No dia seguinte, o barão envia à administração do liceu um pedido de instauração de inquérito disciplinar contra o professor Camilo Raff, que acabou suspenso durante dois meses e foi depois enviado para "*um buraco na província de Hesse*", o que constituiu para ele, que já se sentia asfixiado, uma catástrofe física e moral.

PROF. MONIR: Há mais ou menos a destruição de Camilo Raff com essa medida do barão.

VII

O barão Andergast convida o presidente Sydow, seu único amigo, para jantar. Sydow era considerado um "bom juiz" e pensava muito diferentemente do barão sobre justiça. Engraçado e alegre, lamentava a "*lentidão da máquina jurídica*" e "*considerava o veredicto dos júris como ridículas farsas*". Depois que Sydow parte, o barão começa a folhear processos e, sem querer, anota o nome Maurizius. "*Amarfanhou a folha de papel, atirou-a na cesta, jogou o lápis sobre a mesa e levantou-se, descontente*". O barão vai visitar o quarto de seu filho. No dia seguinte, sem se interessar por nenhum outro assunto do expediente, pede que enviem o calhamaço de duas mil e setecentas páginas do processo Maurizius para a sua casa.

PROF. MONIR: A primeira reação do barão é revoltar-se contra a situação e perseguir o professor como sendo incentivador daquela fuga. Briga com a mãe, porque ela deu dinheiro para a fuga. Mas, nesse momento da história, ele começa a pensar assim: "Acho que devia dar uma olhadinha naquele processo de novo". Começa a haver agora alguma coisa que transforma também o Barão Andergast. Ele está deixando de ter aquela rigidez toda, aquela peremptoriedade toda para tentar lidar com o assunto. Há um início de transformação positiva no barão.

VIII

Começa a ler o processo na mesma noite: "*Sabia de antemão que penetrar naquelas catacumbas não seria coisa divertida e iria submeter sua paciência a dura prova*". Depois que fecha o dossiê, volta a pensar em Etzel e no que havia dado errado. Está cheio de dúvidas:

'Sempre lhe concedi a liberdade necessária. De que podia queixar-se? Em qualquer dificuldade séria, podia tranquilamente dirigir-se a mim. Devia tê-lo feito, por decoro. E eu, eu censuraria sua falta de maturidade? Oprimiria sua mocidade? Eu? O que seria verdade, muito antes do que isso, é que desperdicei demasiada solicitude, demasiada consciência, em benefício de um mau elemento. Ele tem uma tara moral no caráter, herdada de sua mãe. Era de temer. Não consegui destruir o veneno, apesar de toda a minha vigilância. A natureza foi mais forte.' (pág. 107)

PROF. MONIR: No entanto, ele ainda não admite que tenha feito algo errado e atribui o "mau caráter" do menino à mãe. Já havia brigado com ela, então acha que é da mãe que o menino herdou esse comportamento selvagem, arredio.

Capítulo 6

I

Todas as noites, (o barão) fica ali até tarde, sentado em face dos autos empoeirados. Examina, anota, compara, resume. É um verdadeiro trabalho de escavações e aterros. Ainda que se defendendo com uma insuperável repugnância, vê-se cada vez mais preso a ele.

II

"Um fato, apesar de tudo, era inegável: faltava uma coisa para a absoluta perfeição do processo: a confissão". O incompetente advogado Volland, morto há tempo, não havia conseguido quebrar um elo da cadeia das provas. Volland, medita Andergast, não acreditava "*absolutamente na inocência do seu cliente*". Segundo

o procurador, "*o acusado não poderia ter tido pior assistente*". Aos poucos o barão vai chegando à conclusão de que "*alguma coisa existe neste processo que não está certo, mas o que será*?"

PROF. MONIR: Pronto. O barão começa a ter dúvidas sobre o processo.

III

O juiz conclui: Eli Hunsolt casara com Leonardo Maurizius relutantemente, por causa da diferença de idade. Teria ele se decepcionado com o tamanho da fortuna da mulher, que não tinha mais que oitenta mil marcos?

IV

Quando, um ano e meio depois de casada, Eli recebera carta anônima denunciando as ligações de Leonardo com a dançarina Gertrudes Koerner e a existência da pequena Hildegarda, atribuiu tudo à calúnia. Mais tarde, o marido confessaria os antigos amores. Eli estranhou o fato de a irmã saber dos acontecimentos, mas não desconfiou de nada. Nos primeiros dezoito meses de casados, Leonardo havia passado todas as noites em casa: *"Para a grande surpresa de seus antigos amigos, não era visto nem no café nem nas reuniões habituais"*.

V

"Os documentos provam abundantemente que a desgraça começara pouco depois da explicação relativa à pequena Hildegarda". Ana Jahn morava, na época dos acontecimentos, numa pensão de que tinha muitas reclamações, vivendo às custas do pequeno capital que havia herdado.

PROF. MONIR: As duas irmãs haviam herdado um pequeno capital, só que Eli ficou rica porque se casou com um industrial, que depois morreu, e ela herdou então a fortuna do marido. Por essa razão é que Ana Jahn morava numa pensãozinha barata enquanto Eli vivia com seus oitenta mil marcos. Ana tem pouco dinheiro porque ambas as irmãs herdaram pouco dos pais.

"Não gosta de fazer nada, sente não ter sido feita para ganhar a própria subsistência; não é capaz de se subordinar a ninguém, de servir, de renunciar ao que antigamente se chamava 'a vida', quando não se fazia mais do que passear em torno da existência." Por sua vez, Eli reprovava a irresponsabilidade de sua irmã, que esperava um casamento redentor.

PROF. MONIR: Vocês conhecem pessoas como a Ana, tal como descrita aqui pelo narrador? Pessoas que não têm vontade de fazer nada, que não querem se subordinar a nada, que não aceitam nenhuma espécie de trabalho porque tudo lhes parece muito complicado, muito chato, e que têm uma solidariedade com a vida? Gostam de ficar por aí, curtindo a vida. Ana Jahn aparentemente era uma dessas pessoas.

ALUNOS: Nossos políticos.

PROF. MONIR: Nossos políticos são muito piores, são todos uns picaretas, vigaristas, 171, safados e delinquentes, tirando uma meia dúzia de exceções. Esses aqui não são como os nossos políticos. Esse pessoal aqui é um tipo muito comum hoje em dia. Uma pessoa que não tem referência nenhuma da vida e que fica por aí, em uma existência flutuante. Fica imaginando que as relações que tem com a vida irão resolvendo as coisas. Não tem nenhuma responsabilidade. Em última análise, é uma espécie de incapacidade de

ser adulto, que é um dos problemas do mundo moderno. Antigamente, há sessenta, setenta anos, um menino de quinze anos queria parecer adulto e andava de terno, como o pai. Quando aparecia o buço ele ficava feliz da vida, aumentava a intensidade com carvão para parecer mais velho. Passado esse tempo todo, um sujeito com sessenta e cinco anos quer ser criança. Fica aquele bobalhão de boné, andando na rua com aquela bermuda, incapaz de aceitar a sua idade. Houve uma mudança de perspectiva humana em que ninguém mais quer ser adulto. Todo o mundo quer ser criança o resto da vida. Essa é a perspectiva da vida que têm essas pessoas que são como a Ana Jahn.

Entre Ana e o cunhado estabeleceu-se uma relação de provocação mútua: Leonardo a via como uma aventureira e ela o via como um golpista "do baú". O tom da relação era de desconfiança, mas aos poucos eles se aproximaram e é assim que Ana ficou encarregada de buscar Hildegarda na Suíça e levá-la para a casa de sua parente Paulina Caspot, na Inglaterra. Leonardo ajudava a manter a criança e instalou Ana como ***"a verdadeira mãe de Hildegarda"***. Leonardo e Ana se aproximaram por causa da menina.

PROF. MONIR: Começou a dar tudo errado. Eli é uma mulher mais velha que controla o marido, que tem uma cunhada muito jovem e bonita. Nesse episódio da Hildegarde, Eli não tem nenhuma participação. Leonardo Maurizius combina com a cunhada Ana que ela é que iria cuidar da menina para ele. Não parece que há um problema nos bastidores?

> *Sua amabilidade é extraordinariamente envolvente; assim, eles se aproximam, e, coisa muito natural, suas relações se tornam mais fáceis. Eli se comporta como alguém que, tendo a corda no pescoço, se esforça por fazer*

> *boa cara. 'Onde vocês vão?', pergunta. 'De onde vêm vocês?' e sorria. Ana se sente vigiada. Nasce nela o desejo de fazer bravatas. Uma observação irônica, uma fisionomia contrariada bastam para que Leonardo replique à mulher, irritado: 'Estamos em um jardim de infância? Estamos proibidos de conversar um com o outro?' Eli sorri, pede desculpas, não encontrando mais as palavras necessárias. (pág. 119)*

A relação de Leonardo e Eli vai perdendo a espontaneidade, com Eli crescentemente tutelando um marido pobre e impetuoso. Quando ele reclama, ela responde: *"Foi você mesmo quem quis essa tutela, como proteção contra você próprio. Sendo preciso, e mesmo contra a sua vontade, defenderei você contra você mesmo".* Nunca Eli havia falado com ele daquela maneira. Leonardo começa a passar as noites na rua. *"Sua preocupação é evitar que a desinteligência se declare abertamente; compreende, a cada passo, estar avançando num terreno minado."* Ele vai ao cassino e joga pôquer. Volta a fumar e beber desmedidamente e passa horas em companhia de Waremme.

VI

No diário de Eli, anexado ao processo, havia vários comentários sobre Waremme. *"Ninguém o conhecia, e uma coisa dita a seu respeito poderia ser tão verdade quanto o contrário. Todos se enganavam."*

> *Durante certo tempo, principalmente no começo, no inverno de 1904 a 1905, a cidade inteira só falou em Waremme – dir-se-ia que um lobo, entrando, pusera a malhada em polvorosa. Jogador, valentão, Don Juan, sim, tipos assim são conhecidos e nada têm de impressionante; mas Waremme, ao mesmo tempo, é filólogo, filósofo, poeta, político – e que político! Não é*

um diletante qualquer, mas um espírito produtivo, alguma coisa como um aliado do diabo, um gênio universal. (pág. 120)

(...)

Com toda a paixão de que é capaz, proclama a missão mundial da Alemanha e declara que o país fatalmente morrerá asfixiado entre seus estreitos limites e perecerá sob a ação dos elementos destruidores que nutre, a não ser que se liberte por uma guerra. (pág, 121)

PROF. MONIR: Pronto. Já está aqui a II Guerra Mundial em potência. Jakob Wassermann não viu a II Guerra Mundial, ele morreu antes.

Waremme já era amigo de Ana, que o havia conhecido no ano precedente, no carnaval de Colônia[10]. Eli tinha pelo misterioso forasteiro verdadeira repugnância. Aos olhos dela, na presença de Waremme, Leonardo "*parecia um lacaio na ante-sala de um príncipe*". Eli queria a ruptura daquela amizade, mas Leonardo retrucava: *"Você parece não ter a menor idéia de quem é Gregório Waremme".*

PROF. MONIR: Significa que Leonardo Maurizius também estava seduzido pela fantasia Waremme, como qualquer outra vítima desses grandes picaretas.

Certa noite, Leonardo mentiu à mulher e foi a uma festa com Ana. Ela ficou sabendo por uma amiga e sentiu "*o coração encher-se de fel*". Preparou-se para uma guerra:

Não tem vontade de pedir explicações, pois as coisas já estão muito avançadas. É como um incêndio que zomba do jato da bomba. Amarrada,

10 Nota do resumidor – Mais importante comemoração de carnaval na Alemanha.

vê Leonardo submergir sob os seus olhos dilatados pelo horror. Não pode acreditar que tudo esteja acabado. Ainda espera; espera e pensa que tudo é apenas uma nuvem passageira. Leonardo não podia ter esquecido a promessa que lhe fez e sobre a qual edificou sua vida. Mas, enquanto se entrega a semelhantes ilusões, já as forças demoníacas se acumulam para sustentá-la nessa luta que travará para conservar Leonardo a todo custo e que os destruirá a ambos. (págs. 122-123)

VII

Segundo o autor, Eli flagra o marido e a irmã em situação comprometedora. Ana conserta os cabelos que estavam em desordem. Leonardo olha a mulher com olhos de súplica. Ana recobra a calma, apanha suas coisas e dirige-se "*como um furacão*" para a porta, olhando Leonardo com tal gesto de desprezo que ele lança à cunhada o mesmo olhar de súplica que fizera para sua mulher. Depois que Ana sai, Leonardo diz à mulher: "*Por Deus, Eli, ela não é culpada*"... "*Ela é tão pura como o dia*". Como Eli vê nisso alguma sinceridade, conclui que nada teria podido perturbá-la mais profundamente. O registro desta passagem, também ouvido pela empregada atrás da porta, foi o necessário para caracterizar Ana, uma moça de "*dezenove anos apenas, sem experiência*", como vítima de assédio, tentando, por todos os meios, trazer Leonardo de volta à razão. Leonardo, por sua vez, visto como aproveitador da situação conjugal para seduzir a cunhada, é pintado com "*traços quase repugnantes*".

PROF. MONIR: Vai dando errado a vida do Leonardo. Depois, no tribunal, tudo isso será usado contra ele.

Continuam os encontros de Leonardo e Ana. Eli vai se conformando com a situação, levando as coisas de qualquer modo: desleixada com sua aparência e omissa com os afazeres de casa.

> *Quando Leonardo não regressa à hora da refeição, vai ao telefone, chama conhecidos e amigos para saber se está em casa deles, ou se podem informar onde está; manda Frieda à casa dos que não têm telefone, em diversos restaurantes, ao cassino. Leonardo, naturalmente, vem a saber disso; todos riem à sua custa. Waremme tem uma frase de espírito: 'Leonardo é o audacioso desertor que uma fita de mulher faz tropeçar'. Furioso, pede explicações à mulher, que se desculpa dizendo ter ficado inquieta, imaginando que estivesse doente. À noite, com frequência, não podendo mais suportar a solidão, sai de casa precipitadamente, envolta num simples capote. Corre à cidade, erra como uma louca pelas ruas, fita insolitamente pessoas que não conhece, segue um casal de jovens, no qual julga reconhecer Leonardo e Ana, e isso de tal modo que os transeuntes meneiam a cabeça com ar inquieto. (pág. 126)*

Com o resto de suas energias, Eli cobra do marido suas atitudes e amaldiçoa a irmã. Leonardo é incapaz de romper. Eli suplica: "*Mate-me, terei paz, pelo menos*". Todas as noites as mesmas cenas, cada vez mais inúteis, mais ásperas, mais infernais. O casal dorme em quartos separados. *"Uma noite, Eli soltou um grito tão forte que o guarda-noturno tocou a campainha para saber se havia acontecido alguma coisa".*

PROF. MONIR: O casamento de Leonardo e Eli vai mal.

VIII

Uma tarde, Eli sai de casa, passa em casa da costureira, toma chá em uma confeitaria, bebe dois copos de conhaque e dirige-se para casa de Ana, que havia deixado a pensão e alugara um pequeno apartamento elegante. Ela cogita: "*Onde arranjou dinheiro para isso?*" Na verdade, Gregório Waremme a havia empregado como secretária "*part time*". Enquanto espera, Eli remexe as coisas da irmã. Numa gaveta, uma foto de Leonardo com o sobrescrito: "*18 de maio de 1905, sete horas da noite; desde essa hora sei que possuo uma alma eterna*".

PROF. MONIR: O que equivale a uma declaração de amor do Leonardo pela Ana.

Eli olha fixamente o retrato e cai na gargalhada. Chega Ana e Eli, na cara dela, rasga o retrato, atirando os pedaços aos pés da irmã: *"Até quando você pensa representar essa ignóbil comédia?"* Ana cai num ataque epilético.

PROF. MONIR: Já é a segunda vez que Ana cai num ataque epilético.

Neste momento, chegam Leonardo e Waremme, ambos de smoking. Waremme leva Eli para casa. Ela dorme treze horas seguidas. Leonardo passa uma semana na casa de Waremme. Manda flores para a mulher que fica "*transtornada de alegria*". Ana está morando com Eli. Leonardo obedece Waremme que não quer que ele veja Ana. O rapaz deve ao misterioso estrangeiro dois mil e oitocentos marcos (que foram pagos dois dias antes do assassinato de Eli, ninguém sabe por quem). Leonardo, aliás, andava altamente endividado. Resolve ir pedir

dinheiro a seu pai[11]. *"Fecham-se os caminhos, uns depois dos outros, diante dele"*. Resolve ir disfarçado até sua casa e propor a Ana fugirem juntos naquela mesma noite, a noite fatídica.

IX

Na medida em que a história se reconstrói assim na mente do Barão Andergast, apresenta "*fendas e falhas por toda a parte*". O juiz alterna reflexões sobre o caso e sobre Etzel. Lembra-se de que um pastor lhe havia dito certa ocasião: *"Na verdade esse menino tem um espírito difícil; só acredita no que pode ser demonstrado com a clareza da luz do dia. E a única coisa que o diverte é procurar uma agulha num monte de feno. Deus mesmo terá suas dificuldades com ele".*

Capítulo 7

I

A generala e Rie procuram pistas do paradeiro do menino revirando papéis no seu quarto. Wolf Andergast as vê e, sem que elas percebam, sai de casa sob uma tempestade.

Sob a chuva, o barão medita sobre os "pontos fracos" do processo Maurizius, cada vez mais convencido de que alguma coisa tinha andado mal. Entre eles, *"não*

11Nota do resumidor – Coisa que já sabíamos quando Leonardo foi despedir-se do pai para uma "longa viagem". A tentativa não teve sucesso.

há explicação satisfatória para as relações entre Waremme e Ana", tampouco para explicar a vida financeira de Ana. Andergast estabelece hipóteses impensáveis antes:

> *Mas, o que estipulava o testamento? O barão Andergast se promete indagar sobre as cláusulas do testamento, se existir. De fato, se não houvesse testamento, e se o marido, como assassino da testamenteira, era, por motivo de indignidade, excluído da herança, a irmã se tornava – não havendo filhos do casal – a herdeira legal. Mas, não podemos nos aventurar tão longe, descer tão fundo no abismo. (pág. 140)*

Especulações são levantadas. A posição de Waremme parece enigmática. O barão cogita de perguntar ao velho Maurizius onde ele poderia estar. Por que Waremme fazia insinuações a respeito de Ana? Onde estava a browning[12] do crime? Contradições e inconsistências avolumam-se na mesa do procurador-geral. Crescem as dúvidas de Wolf Andergast sobre a sentença.

> *O barão tomou posição para proteger-se contra um golpe, como se fosse o último assalto de suas dúvidas, e disse, parando: 'Eis porque a sentença é inatacável em todos os seus pontos". E, alguns passos mais longe, parando novamente: 'Assumo toda a responsabilidade.' E alguns passos mais longe anda: 'Não, a sentença é inatacável.'*
>
> *Mas esse édito, por mais definitivo que fosse seu tom, não conseguiu abafar nem mesmo a mais tímida de suas dúvidas. (págs. 144-145)*

12 Nota do resumidor – Browning é um tipo de arma.

PROF. MONIR: O barão agora não consegue mais suportar a ideia de que se enganou. E de que havia inconsistências tremendas nessa história, indicando que quem possivelmente matou Eli tenha sido a irmã em conluio com Waremme, para que ambos ficassem com o dinheiro – o dinheiro de Eli passaria para Ana e os dois, Waremme e Ana, usufruiriam então daqueles oitenta mil marcos, já que aparentemente nenhum dos dois tinha nada.

III

Havia três anos o barão mantinha um caso discretíssimo com Violeta Winston, uma californiana que havia vindo fazer seus estudos no conservatório Stern: '*Suas relações viviam envoltas no mais profundo mistério; graças à enérgica prudência do barão, toda indiscrição tinha sido evitada até então*'. Depois do desastre de seu casamento, o barão havia desistido da vida amorosa até encontrar Violeta, que era mais uma distração leve e agradável, do que uma possibilidade conjugal séria.

IV

Naquela noite de chuva, o barão vai visitar Violeta. Depois que ela adormece, Wolf Andergast parte, deixando-lhe o seguinte bilhete:

> *'Cara Violeta, esta noite era infelizmente a última que podia passar com você. As contas em débito serão reguladas. A pensão mensal de cento e cinquenta marcos será paga até 1º. de julho. Desejo a você felicidade na vida. W. A.' (pág. 151)*

Quando o barão sai à rua, percebe que *"cessara de chover e que um céu cintilante se estendia por cima da cidade".*

PROF. MONIR: Não é interessante essa imagem aí? O barão está sendo modificado pelos acontecimentos. Essa Violeta era uma mulher que ele "mantinha", tinha com ela um caso – isso sempre foi muito comum, sobretudo com atrizes de teatro. E ele a dispensa, como se alguma coisa estivesse acontecendo com o barão que o estivesse fazendo mudar de ideia sobre a sua própria vida. Quando sai da casa de Violeta, não está mais chovendo e o céu tem estrelas cintilantes, como se houvesse acontecido algum fenômeno em sua existência – na medida em que ele vai entendendo que pode ter cometido um erro no Processo Maurizius.

V

Pedro Paulo Maurizius é convocado pelo barão. O procurador-geral queria esclarecimentos sobre o processo e pistas sobre o destino de Etzel. Conversam sobre o julgamento e sobre a incompetência do advogado Volland. O velho confessa ao barão que poderia ter salvo o filho, se tivesse lhe dado o dinheiro que ele pedira e ele então não teria voltado "*para sua maldita casa com o desespero no coração, e não teria precipitado no laço como um pássaro desarvorado. Então teria visto o que se passava a seu redor e se teria precavido*". Lamenta-se o velho:

> *'Era sua vida que estava em jogo, naquela noite, e essa sua vida não me pareceu valer três mil marcos. Reflita, senhor procurador, sobre o preço de uma existência. Reflita, senhor procurador, sobre o valor de uma vida. Pode avaliá-la em números? Não tem preço, como o céu, e achei-a muito cara por três mil marcos.' (pág. 156)*

PROF. MONIR: Vocês se lembram desse episódio aqui? Maurizius se casa com Eli sem comunicar ao pai e depois vai visitá-lo e a relação estremece. Nos primeiros anos do casamento dá tudo certo, depois começa a dar errado. Maurizius resolve fugir com Ana e para isso precisa de dinheiro – vai pedir ao pai, que lhe nega o empréstimo por estarem estremecidos. Na volta desse pedido é que acontecerá o crime que matará Eli e desgraçará a vida do Maurizius. Por isso o pai diz que se tivesse dado dinheiro naquela noite, nada disso teria acontecido.

Lágrimas correm sobre a face devastada do velho. Ele explica que o menino havia sido para ele como uma aparição, que ele havia contado o que sabia e que Etzel havia ido falar com Gregório Waremme, mas recusa-se a dizer onde Waremme está. O Barão Andergast acena ao velho com a possibilidade de fazer prosseguir o pedido de indulto.

Segunda Parte – Entre Dois Mundos

(Por razões de economia, o resumo desta parte, diferentemente do que está no livro, separa os acontecimentos ligados a Etzel Andergast e ao barão Wolf Andergast em dois blocos estanques.)

PROF. MONIR: Para ser possível completar a leitura no nosso horário, fiz um resumo de um jeito diferente para tornar nossa leitura mais econômica.

Etzel Andergast

Em fuga, Etzel conhece no trem para Berlim uma senhora, de sobrenome Schneevogt, mulher de um caixa comercial e mãe de Melita, moça de dezenove

anos. A mulher, o marido e a filha moram na região norte de Berlim, na rua Anklam. A família aluga quartos para inquilinos. Etzel Andergast está com sorte. Poderá se hospedar lá incógnito. (Hotéis têm de avisar a polícia sobre seus hóspedes. Mesmo sob nome falso ele correria perigo de ser descoberto.)

PROF. MONIR: A essa altura já correu uma espécie de aviso geral para todas as cidades alertando a polícia de que um menino de dezesseis anos estava viajando sozinho, e que poderia estar usando um nome falso. Então ele seria pego na hora.

O quarto é feio e cheio de percevejos. Segundo as orientações do velho Maurizius, Etzel procura o endereço de Waremme na pensão da senhora Bobike. No andar térreo a dona mantém um restaurante popular. Etzel inscreve-se como mensalista apenas do restaurante, pagando quatro marcos por semana. Dá o nome falso de Edgard Mohl na casa Schneevogt e na pensão. Começa a almoçar na senhora Bobike todos os dias e acaba localizando Waremme, que de fato usava o nome de George Warschauer.

PROF. MONIR: Daí vocês veem que esse menino é espertinho para dezesseis anos, não é? Ele está montando um plano bem urdido.

Warenne/Warschauer vive de dar aulas de inglês. Tem a aparência envelhecida e pobre. É solitário e almoça sempre sozinho.

PROF. MONIR: Ele sabe inglês porque passou um tempo nos Estados Unidos antes de voltar para a Alemanha, lembram?

Etzel Andergast/Edgar Mohl torna-se popular na pensão da senhora Bobike. Quando conquista a confiança do grupo, Etzel apresenta-se ao professor e candidata-se a aulas de inglês, a um marco por hora. Conforme Etzel já sabia, Waremme morava no terceiro andar. Nos seus aposentos, sujos e empoeirados, há duas a três centenas de livros, principalmente de literatura bíblica e judaica. A aparência do professor, no entanto, é asseada. Waremme conta ao rapaz que ele auxiliava o curador de um museu a montar uma bibliografia sobre a escultura árabe. Etzel, às vezes, tem a impressão de que o professor encena ser pobre. Aos poucos, Etzel propõe-se a fazer pequenas tarefas, como organizar os livros, desdobrando-se em gentilezas. Waremme começa a desconfiar dele ao mesmo tempo que vai se impressionando com o seu charme. Certo dia, Waremme põe dúvida sobre a legitimidade do nome Mohl e Etzel responde:

> *Num salto, Etzel desceu da pilha de livros: 'Talvez eu me chame tão pouco Mohl quanto você Warschauer', respondeu com insolência. 'Talvez, quem sabe?...'*
>
> *Warschauer se levantou lentamente. Muito lentamente caminhou para o rapaz: 'Olá garoto!' E sua voz saía do peito, diferente, nova, uma voz de além-túmulo: 'Olá garoto!' 'Eu disse somente talvez', insistiu Etzel, num tom mais brando e sustentou a cintilação negra dos óculos com a persistência que exigia a sua miopia, 'talvez eu me chame, como poderei eu me chamar? Pode ser que eu me chame Maurizius. Há outros que se chamam assim. Por que não poderia eu me chamar Maurizius?' (págs. 182-183)*

PROF. MONIR: Acabou o disfarce. Claro que Waremme não sabe quem é Etzel, mas sabe que Etzel sabe que ele é Waremme. Agora não há mais possibilidade de confusão. Nesse momento, Etzel abriu o jogo. Tornou-se

muito amigo do professor, que tem uma tendência homossexual. Etzel faz todo um processo de sedução com o professor de quarenta e poucos anos, e agora deixa claro que sabe quem ele é, porque o menino quer saber quem matou Eli Maurizius, para poder voltar e defender o Leonardo. Então ele precisa da cooperação desse Waremme.

Waremme admite sua identidade e confessa que o velho Maurizius havia vindo vê-lo em Berlim. Etzel pergunta-lhe se ele achava que Maurizius havia disparado o revólver.

> *Como única resposta, Warschauer dirigiu sobre ele um olhar frio, vazio de qualquer expressão. Parecia que não havia ouvido a pergunta ou que a tinha imediatamente esquecido. Etzel não pôde evitar ligeiro tremor. (pág. 224)*

Waremme começa a desconfiar mais ainda de Etzel, mas graças às atenções do rapaz a esta altura está como que apaixonado por ele: *"Gosto muito de você, Mohl, gosto de você loucamente"*. As conversas entre os dois estão cada vez mais reveladoras. Etzel descobre que o nome Warschauer era o nome verdadeiro de Waremme, que ele era judeu e havia forjado uma identidade-fantasia para deixar de ser o que era e fingiu ser uma pessoa ideal: alemão, católico, inteligente, rico e influente.

PROF. MONIR: Que era como ele se apresentou em Frankfurt, e seduziu todo mundo. Na verdade o nome dele era Georg Warschauer, e ele inventou a personagem Gregório Waremme.

Conversam sobre o problema do judeu na Alemanha que embora recusado, tudo faz para ser aceito:

> *É a característica do judeu: faz consistir sua terra prometida naquilo que lhe recusam; seu bem mais precioso, naquilo que não possui. É sempre a história do Paraíso perdido. Isso também é muito judaico: é a história do pecado original. Eu odiava de um lado e amava do outro. Amava a língua deles... a língua! (pág. 235)*

PROF. MONIR: A língua dos alemães.

> *A língua que era tão minha como meus olhos; amava a história deles, seus heróis, seus cantos, suas províncias, suas cidades. Amava-os com um amor mais profundo que o deles e compreendia-os melhor que eles próprios. (pág. 235)*

PROF. MONIR: Isso é o Jakob Wassermann falando sobre o seu problema com o judaísmo. Depois ele escreveu um livro chamado *Mein Weg als Deutscher und Jude (Meu Caminho como Judeu e Alemão)*. Este era um de seus maiores problemas: ele está em uma sociedade que o repele, que não o aceita como igual, embora seja apaixonado por aquela sociedade, pela sua cultura, e passa a vida inteira numa espécie de tensão entre a sua existência judaica e a sua existência alemã. Não consegue ser uma coisa nem outra. E é por isso que quando Waremme resolve deixar de ser judeu, fantasia-se de alemão e tenta criar uma existência alemã completamente falsa. Depois percebe nos Estados Unidos que isso é besteira, e volta para a sua personalidade judaica, que é a que ele tem agora, nesse momento.

ALUNO: [*Faz comparação com a personagem Nafta de A Montanha Mágica*.]

PROF. MONIR: Nafta era um daqueles dois intelectuais que tentam roubar a alma de Hans Castorp no livro *A Montanha Mágica* de Thomas Mann. É o mesmo problema. No Brasil não temos esse problema porque somos todos estrangeiros e não temos autoridade moral para dizer quem é brasileiro de verdade. Então nós nos aceitamos completamente. Agora vejam uma sociedade com características físicas, históricas, genéticas fortíssimas... É neste mundo excludente que o judeu está incluído. Ele quer participar da grande civilização judaica, mas também não pode, porque é sempre visto como o sujeito que quer ser o que ele não é. Esse parágrafo é o resumo do problema existencial do próprio Wassermann.

Na medida em que as conversas prosseguem, Etzel sugere a culpa de Ana Jahn, mas Waremme desconversa. Conta ao rapaz as circunstâncias em que havia conhecido a moça, então com dezessete anos. Deixa claro o romance entre eles. Relata também que depois do assassinato ele e Ana ficaram juntos e gastaram toda a herança de Eli. No fim do dinheiro, ele teria ido aos Estados Unidos e ela a Paris. Nos dez anos que havia passado na América, Waremme havia aprendido o suficiente para querer voltar e assumir sua verdadeira identidade, tendo conhecido Hamilton la Due, um defensor de judeus, e um negro chamado Joshua Cooper, em duas situações em que viu o racismo a todo o pano.

PROF. MONIR: Faz umas acusações de racismo terríveis contra os Estados Unidos.

Havia seis semanas que Etzel estava em Berlim, dinheiro no fim, e nada arrancara de concreto de Waremme.

PROF. MONIR: Ele tem trezentos marcos. Já gastou quase tudo, porque paga quarenta marcos por semana de hospedagem, gasta cinco marcos para almoçar na casa da dona Bobike, tem que se movimentar etc. Está ficando sem dinheiro. E ainda não sabe quem matou Eli Maurizius.

Estão em junho. Etzel resolve visitar seu ídolo Melchior Ghisels para buscar conselhos e apoio moral. O escritor ouve o rapaz e comenta: *"Você me dá a impressão de estar sendo impulsionado por um acontecimento de importância capital".*

PROF. MONIR: O sujeito obsessivo é assim. Dá a impressão de que aquilo que o está movimentando é a coisa mais importante do sistema solar.

Diz a ele que o compreende: *"Conservou-se esse hábito como se o mérito supremo consistisse em se ter vinte anos"* e conversa com o rapaz:

PROF. MONIR: Há um hábito de se achar que as coisas de quem tem vinte anos são muito importantes. Mas na verdade são coisas de quem tem só vinte anos. Aristóteles dizia que a juventude é uma espécie de doença porque o ser humano é feito para ser adulto. O sentido existencial essencial do ser humano é a vida adulta. Portanto um jovem é alguém que ainda não conseguiu chegar lá. Há alguma coisa de incompleto e imperfeito em todo o jovem. No entanto nós, no mundo moderno, fazemos uma espécie de divinização da juventude. Por isso é que todo o mundo gosta de ser jovem, apesar de não ser mais. Então você vai ao SESC da Terceira Idade, está lá um casal de velhinhos de oitenta e cinco anos que diz à repórter que ainda transa. Francamente, cá entre nós, é o fim. É um teatrinho de horrores.

'O que quero dizer, é que o bem e o mal não se originam das relações entre os homens, mas unicamente das relações do homem consigo mesmo.' (pág. 277)

PROF. MONIR: Olhem só que coisa importante. Ghisels está dizendo para ele: que essa coisa de bem e mal não está na relação entre os homens, mas está nas relações do homem com ele mesmo, porque se trata essencialmente da consciência moral, e a consciência moral é individual.

'Você compreende?' 'Sim, compreendo', disse Etzel baixando os olhos, 'mas... não me vá tomar por tolo... sou obrigado a lhe dizer... é um simples exemplo... Se o meu amigo ou o pai do meu amigo... ou alguém que me interesse profundamente ou, se o senhor quiser, que não me interesse, se esse alguém se encontra injustamente na prisão e... o que é que eu devo fazer?... De que utilidade me serão, nesse caso, as minhas relações comigo mesmo? Não posso então exigir senão uma coisa: o direito, a justiça. Devo deixá-lo apodrecer na prisão? Devo esquecê-lo? Devo dizer: o que tenho a ver com isso? Que fazer? O que é a justiça, se não conseguir fazê-la triunfar, eu, eu, Etzel Andergast.' (pág. 277)

Como Etzel insiste na sua arenga justiceira, o escritor encerra a conversa: *"Não tenho nada mais a responder senão o seguinte: perdoe-me, sou apenas um homem, um frágil caniço".*

PROF. MONIR: Olhem que sabedoria. O menino quer recuperar a justiça no sentido absoluto da palavra. O outro diz que não tem competência para fazer isso porque é apenas um pobre coitado. No entanto, no lugar de ajudar Etzel, isso só piora as coisas, porque agora o seu grande herói, o seu

grande modelo intelectual desce do pedestal e ao invés de ver isso com humildade, corre para se colocar no pedestal ele mesmo. Vamos ver agora o que aconteceu com o pai de Etzel, durante esse mesmo tempo.

Wolf Andergast

Sofia Andergast, avisada pelo advogado, decide vir de Paris tratar do sumiço do filho. O barão, sem ver a ex-mulher, procura Leonardo Maurizius na prisão de Kressa. Durante as conversas iniciais, Wolf Andergast, mesmo dizendo que sua visita não era oficial, sugere a possibilidade de uma "reabilitação". O procurador pergunta quem havia atirado, mas Maurizius não responde. Os dois conversam longamente sobre justiça. Maurizius repete de memória longos trechos da sentença do então juiz substituto Andergast, coisa que muito incomoda o procurador:

PROF. MONIR: O procurador vai ouvir agora da boca do acusado e condenado as coisas que ele disse no tribunal.

> *Enquanto olhava o presidiário curvado sobre si mesmo, a aversão que sentiu contra a sua própria eloquência, que acabava de ouvir saindo de uma outra boca, aumentou a ponto de ter de reprimir uma náusea e contrair os dentes convulsivamente. Parecia que as palavras subiam ao longo dos muros, semelhantes a larvas viscosas, incolores, horrendas como fantasmas. (pág. 207)*

O barão sugere que Maurizius tinha, na verdade, poupado Ana Jahn. Combinam de continuar a conversa no dia seguinte. O barão vai para um hotel.

Na manhã seguinte, Maurizius relata ao magistrado os principais pontos do caso: de como havia, em princípio, detestado Ana e depois simpatizado; de como recorrera a ela para tratar da remoção de Hildegarda; de como Waremme havia vindo atrás de Ana Jahn, com quem ele parecia ter tido alguma coisa de "*horrivelmente decisivo*"; de como ele concluíra que Waremme a havia violado aos dezessete anos; de como ele tentara vingar a honra de Ana, mas fora controlado e manipulado por Waremme; de como a noiva de Waremme, Lili Quaestor, havia se suicidado; de como as irmãs haviam iniciado uma disputa entre elas; de como Eli havia se transformado numa "*loba feroz*". Leonardo Maurizius confessa ao juiz que havia cogitado de matar a mulher, tamanha era a tirania que ela exercia sobre ele.

> *'Afirmo-lhe, senhor procurador, que, riscá-la do número dos mortais me pareceu então uma boa ação, porque tal existência é um suplício para quem a vive, pensei, e um fardo, um suplício para aqueles que têm de viver em sua companhia. Então, não haverá saída possível, não se terá o direito de reconquistar a paz? É evidente que, tendo tido esse desejo criminoso, não estou isento de culpa e, muito menos, inocente, o que não é absolutamente a mesma coisa. Chega um momento em que o assassínio já está consumado em espírito.' (pág. 308)*

De volta a Frankfurt, Wolf Andergast recebe a visita de Sofia que o acusa pelo desaparecimento de Etzel. Os dois haviam se conhecido durante o julgamento de Leonardo Maurizius, quando ela ficara desconfiada da justiça feita.

> *'Sonhei uma noite que imensa multidão se jogava a seus pés, suplicando para você voltar atrás em um julgamento; e você permanecia imóvel, como uma pirâmide de pedra. Imaginar-se infalível, um juiz infalível, que terrível*

aberração! Não ter o direito de se ter enganado, que maldição! Você me tomou meu filho, sim, meu filho; não há nada sobre a terra como uma mãe para possuir verdadeiramente uma coisa.' (pág. 324)

De volta à prisão, o juiz Andergast encontra Leonardo Maurizius doente. Pergunta-lhe: "*O senhor concordaria em ser perdoado e em renunciar a qualquer novo recurso? Sua palavra me bastaria*". Sem responder, Leonardo repassa os dezoito anos de sua vida na prisão. Fala de como foram os primeiros dias na prisão; de como era visto como diferente por ser professor; de como havia sido transferido para uma cela individual, depois de um assédio homossexual; de como havia sofrido com a abstinência sexual; de como havia tentado estudar, para depois descobrir que era apenas "*Maurizius fazendo o papel de Maurizius*"; de como havia estabelecido uma parceria intelectual com o guarda Klakusch, que depois se suicidaria.

Wolf Andergast sai dali e encaminha o pedido de indulto.

Terceira Parte – A Morte Irrevogável

O rapaz volta da casa de Ghisels adoentado. Melita Schneevogt pede a Etzel quarenta marcos para auxiliar um colega de trabalho injustiçado. Apesar de ele só ter oitenta e seis dos trezentos emprestados pela avó, concede. É cuidado pela moça. Waremme vai visitá-lo. Começam a discutir o conceito de justiça. Waremme tem opiniões claras sobre o assunto.

'Todos os que procuram a justiça erram de caminho; qualquer um que tomem, não serve. Desconfio que todos os que embarcam nessa canoa são

levados por motivos pessoais. Miguel Kohlhaas é o personagem mais odioso do mundo.' (pág. 366)

PROF. MONIR: Michael Kohlhaas é uma personagem de uma novela de Heinrich von Kleist. É um sujeito pobre que é injustiçado, vai buscar justiça e não consegue. Aí organiza uma rebelião anárquica, geradora de uma série de consequências que o colocam no patíbulo. Acaba sendo morto pela justiça que não havia encontrado antes.

'Ninguém, com exceção dos alemães, pode compreender sua lógica muito prussiana. A mulher que reclamava diante de Salomão que a criança em litígio fosse cortada ao meio representa a obstinação de tirar da idéia de justiça suas últimas consequências. Sob o ponto de vista da justiça pura, a criança deve ser cortada ao meio. Não fique indignado com o que lhe estou dizendo, Mohl, é a verdade. Suas idéias humanitárias não são nem mesmo um frasquinho de óleo derramado sobre a catarata do Niágara. Salomão era um sábio. Convenceu de absurdo todos os apóstolos da justiça e cobriu de ridículo todos os pacifistas. Já se viu, desde que o mundo é mundo, uma guerra ter uma causa justa? Já se viu um general travar suas batalhas pela justiça? Ou algum desses célebres ladrões de territórios ou exterminadores de homens ser obrigado a prestar contas, a não ser quando sua empresa fracassava? Convido-o a refletir um instante nas relações, ia dizer no parentesco, que existe entre a idéia de direito e a idéia de vingança. Quando e onde, na história, você se viu fundarem impérios ou religiões, ou se edificarem cidades, ou a civilização se espalhar com o auxílio da justiça? Você conhece algum exemplo? Eu, por mim, não conheço. Onde está o pelourinho em que será expiado o massacre de dez milhões de índios, o envenenamento pelo ópio de cem milhões de chineses, ou a escravidão a que foram reduzidos trezentos

milhões de hindus? Quem fez parar os navios pejados de escravos negros que, do século dezesseis ao dezenove, atravessaram o oceano da África para a América? Quem ousará levantar o dedo em prol das centenas de milhares de homens utilizados nas minas do Brasil? Onde está o juiz que tentará punir os massacres de judeus na Ucrânia? Quer outros exemplos ainda? Tenho-os à sua disposição. Você vai-me responder que seu ideal moral mais caro e mais secreto é justamente acreditar que é preciso remediar isso, que é necessário reformar o mundo!' (págs. 366-367)

PROF. MONIR: Não é um discurso de um extraordinário cinismo? Para Waremme não há justiça nenhuma, o que há apenas são ações de poderosos contra menos poderosos. Portanto Waremme faz uma declaração de enorme cinismo contra a possibilidade mesmo de a justiça existir. Sob esse ponto de vista, ele se contrapõe a Etzel Andergast, que luta pela justiça apenas pela justiça verdadeiramente, enquanto Waremme, um homem vivido, com trinta anos a mais que Etzel, diz que, ao contrário, nenhuma justiça pode existir. Diz que Andergast persegue uma quimera. A partir da própria definição que ele tem de justiça, para Waremme não há necessidade nenhuma de se fazer justiça – há apenas a necessidade de se fazer as coisas bem-feitas para não ser pego. Waremme colocou a arma na mão da Ana em princípio para proteger Ana contra a irmã. Mas depois, quando Ana mata a irmã, ele manipula as circunstâncias do crime para parecer que o Maurizius tinha feito isso. Depois, no depoimento no tribunal, ele compromete Maurizius e por isso foi o causador da sua condenação. Mas ele na verdade fez isso tudo apenas porque percebeu que, com a morte da irmã, ele e Ana – que tinham um caso – ficariam com um patrimônio de oitenta mil marcos. Waremme é uma espécie de cínico, aquele de que você não desgosta porque parece ser sincero, mas é um cínico total e completo.

Finalmente, Waremme admite que havia armado Ana Jahn (com medo de uma agressão de Eli), que Ana Jahn havia matado a irmã e que ele havia dado um jeito de fazer Maurizius parecer culpado e também prestado falso testemunho no julgamento. Etzel não entende como Ana pôde deixar Maurizius levar a culpa, mas o velho professor explica o caráter da moça:

> *'De um paganismo e de uma beatice estúpida, petrificada de orgulho e consumida pela raiva de se prejudicar a si própria, casta como uma madona e abrasada de sensualidade mística, primitiva e obscura, austera e ávida de ternura, com a alma encadeada e odiando as cadeias, detestando quem ousa tocar nelas e quem as respeita, e, sobretudo, vivendo sob o signo de um astro tenebroso. Há muitos que vivem sob o signo de um astro tenebroso. Nenhuma luz brilha neles. Seu sombrio destino, eles o desejam; chamam-no, provocam-no até que os esmague. Querem ser esmagados. Não se querem dobrar, render-se: querem ser esmagados. Era o caso de Ana.' (pág. 372)*

Waremme explica ao rapaz sua própria posição.

> *'Não tive escrúpulos em falar sem subterfúgios, já que você tinha tanto interesse em saber. Por que lhe recusar essa satisfação? Isso não tem para você nenhum valor prático. Há muito tempo que meu falso testemunho caiu em prescrição. Meu Deus, sim... afinal, isso não teria nenhuma importância para mim; tudo neste mundo se tornou indiferente aos meus olhos. Mas, gostaria de conservar o leme nas mãos ainda por um momento. Não vá você conceber esperanças exageradas. Minha confissão de nada lhe adiantaria. (Estalou os lábios com alegria maliciosa.) As engrenagens dos nossos tribunais estão de tal modo enferrujadas que saberão evitar exumar o sacrossanto cadáver da*

justiça, simplesmente porque um jovem exaltado de dezessete anos lançou um brado de alarma.' (págs. 373-374)

Declara-se apaixonado pelo rapaz e diz que partiria para procurar sua filha na Alta Silésia polonesa. (Toda a conversa foi ouvida por Melita através do tabique.) Etzel Andergast está satisfeito:

Ao despertar na manhã seguinte, mandou longe, com um piparote, um repugnante percevejo que passeava pela sua manga, respirou longamente e disse: 'Bom-dia, Etzel Andergast.' Eram sete horas. Saltou da cama e começou a arrumar suas coisas. Três horas mais tarde, encontrava-se na estação da estrada de ferro. (pág. 375)

PROF. MONIR: Missão cumprida. *"Bom dia, Etzel Andergast"*: Edgard Mohl, nunca mais. Agora ele era Etzel Andergast e iria ter com o pai para dizer-lhe que descobriu enfim quem matou Eli Maurizius e recuperaria a justiça.

Leonardo Maurizius é libertado, mas está completamente ausente. Anseia encontrar Hildegarda, que quase não ouviu falar do pai. Imagina como seria o reencontro. Sai meio tonto da prisão e aprecia as mulheres na rua. Vai à casa de seu pai.

Aperta o botão da campainha; longo minuto se escoa. No pátio, um gato mia queixosamente. Ouve passos atrás da porta e uma pergunta ríspida. A porta se abre: pai e filho se encontram face a face. O velho arregala os olhos, fica petrificado. Seu rosto se torna purpúreo, o corpo verga para a frente, os braços se apóiam na ombreira da porta. 'Eu sabia', disse com voz

> *embargada... 'li no jornal... mas não calculava que já hoje...' O resto é abafado por um soluço. Dir-se-ia uma tosse rouca, dolorosa; não oculta o rosto e as lágrimas rolam dos olhos astigmáticos. Leonardo Maurizius permanece incompreensivelmente frio. Seus traços conservam uma expressão severa, quase sinistra.*
>
> *'Por que não estou comovido?' se pergunta, enquanto acompanha o velho ao quarto, segurando-o pelo braço. Olha em torno de si. A tristeza, a pobreza do local, despertam nele vago temor. Ainda não havia pensado no futuro. (pág. 382)*

O pai lhe mostra um testamento com a doação de todos os seus bens, mostra saldos bancários e documentos de suas propriedades. Apresenta ao rapaz o guarda-roupa que havia comprado para ele. Leonardo Maurizius, indiferente a tudo, só pensa em Hildegarda. O velho lhe dá as últimas notícias da filha. Ela estaria em Colônia. Leonardo sobe a seu antigo quarto e vê suas roupas: *"Parecia uma casa em que se conservavam relíquias de um morto"*. Quando desce, descobre que seu pai havia morrido.

PROF. MONIR: O velhinho esperou rever o filho, e morreu.

Leonardo Maurizius procura a filha em Colônia, na casa da família Kruse. Tenta vê-la por meio de um truque que não funciona. É-lhe negado acesso à moça. Decide procurar Ana Jahn, agora Ana Duvernon e pedir-lhe auxílio. Vai a Treves e escreve-lhe um bilhete com o nome falso de Markmann. Ana aparece no local combinado, mas não tem mais a beleza e o fascínio de outrora. A moça responde com evasivas e se apressa para ir embora. Leonardo pede sua ajuda, mas ela se exime:

'É sobre Hildegarda', recomeçou Maurizius, 'que queria pedir sua opinião e seu auxílio... Estive em Kaiserwerth... nem sequer fui recebido... Mandaram a menina para fora...' Ana Duvernon levanta os ombros, num gesto idêntico ao que teria se lhe tivesse pedido cem mil marcos. 'Nada tenho a ver com isso', interrompeu rispidamente. 'Eu poderia renunciar a tudo mais; nesta questão, porém, não estou disposto a ceder', observou ele com aspecto sombrio. 'Apenas, você errou a porta. É ao tutor que compete decidir. Há muitos anos que me afastei. A responsabilidade era por demais pesada.' (pág. 389)

Depois que ela sai, ele considera:

A seguinte idéia lhe atravessa a cabeça: 'Santo Deus! Mas como ela é estúpida, simplesmente estúpida, de estupidez inconcebível! Sua beleza, sua alma (ou aquilo que se tomava por sua alma), sua graça, seu encanto, aquele misterioso demonismo, aquele temperamento apaixonado, aquela propensão para o sofrimento, tudo aquilo nada mais era do que uma leve camada de verniz que os anos apagaram, pondo a nu o árido fundo primitivo. A natureza revelou seu próprio embuste. Ana não tinha coração, nenhuma compreensão do destino, nenhuma inspiração superior, nada, senão engano e artifícios... estúpida, eis o que ela é, estúpida como todos aqueles que pararam no meio do caminho, como todos aqueles que são animados por uma vida fictícia e que estão mortos, estúpida como todos aqueles que não percebem que seu espírito e seu coração já morreram, estúpida como um fantasma... E foi por aquilo, por aquilo, oh! Deus misericordioso! por aquilo, o seu sacrifício e o seu martírio, o suplício que o arruinou e aqueles dezenove anos vividos num túmulo... Deita-se de bruços sobre o assoalho, apoiando nele sua face. Sobre

o supercílio esquerdo, sente o frio de uma cabeça de prego. Sente bem-estar, gostaria que o prego se voltasse na madeira e enfiasse a ponta no seu cérebro. (págs. 390-391)

Leonardo Maurizius começa a viajar a esmo. Vai para a Mogúncia, para Basileia, passeia o dia inteiro, fala com as pessoas e sobretudo com as crianças, acha os leitos de hotel confortáveis demais, vai para Berlim e conhece no trem uma moça que o convida para o amor. Depois de fracassar, conclui que o seu "*sexo está morto*". Vai para Leipzig e de lá para o sul. Nesta viagem:

Com estridor o trem passa pela beira de um viaduto, muito alto, sem parapeito. Um precipício se abre sob seus pés. Agarra-se à grade coberta de fuligem, desce o degrau, lança um olhar perscrutante, curioso, sobre o abismo. Tem a impressão de que o mundo está subitamente de pernas para o ar, com o céu estrelado lá embaixo. É desagradável pensar que a grade coberta de fuligem está sujando as mãos. Por um instante, tem a tentação ridícula de voltar para lavá-las. Da janela vizinha do vagão seguinte, o chefe do trem o avista. Está desorientado de raiva e de pavor: agita o punho, puxa violentamente a correia da janela e grita com a boca completamente aberta. Maurizius não o ouve. Vê, apenas, a boca escancarada e duas fileiras de dentes de animal feroz. Com a cabeça, faz um gesto de indiferença. E dá um passo no vazio. Já era tempo; alguns metros mais e a composição teria atravessado o viaduto. Deu aquele passo como se passa de uma sala para outra. Foi um passo no mundo do irrevogável, do irrevogável, sem regresso possível. (pág. 396)

PROF. MONIR: Maurizius não conseguiu continuar vivo porque não tinha a filha, não tinha pai; porque Ana se revelou um sacrifício completamente estúpido no qual ele não via mais sentido nenhum, não tinha mais capacidade para enfrentar aquilo. Assim é que Leonardo Maurizius acaba sua participação na história. Mas a história não acaba aí.

Etzel Andergast volta para casa no trem da quarta classe, após vinte e quatro horas de viagem. Fica sabendo que sua mãe está na casa da avó, mas não se apressa em fazer contato com ela. Encontra o pai transformado: certo dia ficara três dias sem se barbear. Quando se encontram, o procurador tenta manter a frieza, mas se descontrola emocionalmente. Etzel, com ar triunfal rejubila-se: *"Maurizius é inocente. Absolutamente inocente. Foi condenado injustamente. É um assassínio judiciário"*. O barão comunica friamente ao filho que Maurizius havia sido indultado e não havia mais nada a fazer.

> *'Que é preciso fazer depois disso?' E ele responde, glacial, imperturbável. 'Nada.' Etzel salta: 'Como... nada?' 'Não é preciso fazer nada. Nada resta a fazer.' Etzel não pode deixar de abrir a boca como um idiota. Gagueja qualquer coisa. Seu pai teria enlouquecido? 'Qualquer providência é supérflua. O condenado Maurizius foi perdoado.' Etzel arregala os olhos desmesuradamente. 'Perdoado? Per-do-a-do!' responde-lhe um leve movimento de cabeça: 'Perdoaram-lhe o restante da pena.' Etzel não pode impedir de estourar na gargalhada. Sabe que é uma falta de respeito, mas não pode evitá-la. 'Perdoado! Mas eu estou dizendo que ele é inocente!' Um suspiro de exaspero foi a resposta. 'O decreto de indulto prevê essa probabilidade ou possibilidade'. Frase oca. Etzel esquece o respeito que lhe inculcaram. Grita: 'Mas se ele é*

inocente, não tem necessidade de indulto.' 'Não se trata mais de saber se ele é inocente', responde o barão Andergast em tom decisivo, 'e, além disso, procure ter modos, ouviu?' (págs. 403-404)

PROF. MONIR: Etzel Andergast está furioso porque o indulto pressupõe que se perdoou a culpa. A culpa portanto continua implícita na situação do Maurizius. Ele não quer que o Maurizius seja indultado. Ele quer que ele seja inocentado, que é outra coisa muito diferente. É claro que nem o barão nem Etzel sabem que Maurizius já morreu.

Etzel está inconformado: *"Trata-se de justiça".* O barão desestimula qualquer ação revisional e pede que o filho se contente com o indulto. O menino não aceita: *"Não, repete, isso não pode me satisfazer e com isso não me quero contentar".*

A revolta do rapaz aumenta e começa uma discussão com o pai:

'Aliás, nossa conversa é inútil, porque Maurizius aceitou seu indulto. E aceitou-o sem reservas.' Etzel dá dois pulos para a frente. Junta as mãos à altura dos olhos, depois coloca-as sobre a boca. 'Ele aceitou... aceitou o indulto?' murmura timidamente. 'Sem reservas, como lhe disse.' 'E continua a viver? Tem coragem de pesar sobre si essa injustiça? Fica calado? E continua a viver?' O barão levanta os ombros. 'Você vê? Tudo é possível ao homem.' Um sorriso feroz contrai os lábios de Etzel. 'Efetivamente, vejo que tudo é possível ao homem', replica em tom ambíguo e insolente, 'Um pode abafar a verdade, um outro morrer dela!' 'Etzel!' berrou o barão Andergast. 'Então você conseguiu levá-lo até esse ponto', prosseguiu Etzel no paroxismo do desespero (tudo quanto fez foi em vão; tudo em que se apoiava como sobre um rochedo desmorona lamentavelmente.) 'Eis ao que você chegou com seus artigos,

suas cláusulas, sua prudência e seus cuidados... E ainda por cima é preciso ficar calado... se ele continua a viver, não recebeu senão o que merecia... talvez Maurizius ainda tenha-se esbanjado em agradecimentos pelo pontapé com que você o enxotou da prisão. Muito obrigado, senhores, pelos dezenove anos de cadeia, hein!... Então, você não sabe quem foi que atirou? Certamente que sabe. Foi isso, sem dúvida, o que provocou seu indulto... onde está o juiz, para que lhe cuspam o seu indulto no rosto... como poderei agora apresentar-me diante dos homens... É o filho do Andergast, dirão. O pai conseguiu o indulto de Maurizius, o filho calou, estão de conveniência... É lindo! muito lindo! Belo mundo, palavra de honra. Se pelo menos pudesse se vaiar imediatamente.' (pág.406)

A contra-argumentação do pai só o torna mais agressivo.

Não é mais o menino Etzel, amável, moderado, grave, sensato. É um demônio. 'Espere', vocifera com a boca espumante, 'você não sairá disso ileso. Terá de pagar, sua vez chegará!' O barão Andergast fica um instante petrificado. Parece uma estátua de bronze. De súbito, faz um gesto para segurar o rapaz. Prende-o pelo ombro, Etzel se livra dele. Tem o rosto convulsionado de horror, cólera e náusea. 'Eu não quero mais ser seu filho!' grita com incrível violência. 'Canalha!' estertora o barão Andergast, e, no entanto, todo ele tem ar de súplica. Etzel correu para a sala de jantar. Rápido, o barão o segue. Da sala de jantar, Etzel se precipita para o vestíbulo. Rápido, o barão o segue. Atrás deles, as portas vão ficando abertas. Etzel derruba as cadeiras que encontra pelo caminho. Rie surge em sua frente. Afasta-a brutalmente e corre para seu quarto, Rápido, o barão o segue. Aquele corpo enorme e poderoso que corre com as mãos estendidas para a frente tem verdadeiramente algo de espantoso. Toda essa corrida se assemelha a uma

perseguição horrível, alucinante, infernal. Rie, espavorida, abre a boca. Não sai nenhum som. Chegando ao quarto, Etzel bate a porta com fúria, dá uma volta na chave. O barão Andergast esmurra a porta. A cozinheira e a criada saem precipitadamente da cozinha. Ouve-se, no quarto trancado, um ruído prolongado de vidros quebrados. Rie solta um grito que faz acorrer todos os locatários. O barão exerce toda a sua força hercúlea contra a porta e consegue arrombá-la. Num pulo, está dentro do quarto. Rie vem atrás dele, torcendo as mãos. Na soleira da porta, comprimem-se os criados dos Andergast e dos Malapert, o porteiro, sua mulher e um estafeta que acaba de chegar com o correio. Etzel jaz próximo da mesa, inundado de sangue. O barão Andergast se aproxima, cambaleando, e segura sua cabeça entre as mãos. 'Água, água', balbucia. Alguém corre para buscá-la. Rie junta as mãos para rezar.

Que aconteceu? Etzel quebrou a vidraça das duas janelas e também o espelho do guarda-roupa, os frascos de cima do lavatório e os vasos de porcelana da cômoda, numa fúria de destruição e com a alma tomada de loucura. O sangue corre pelas suas têmporas, pelas faces e pelo nariz. Atirou-se de cabeça sobre as vidraças, arrebentou o espelho com os punhos e tem as mãos retalhadas de ferimentos até os pulsos. Suas vestes estão encharcadas de sangue. Depois, seu furor se acalmou repentinamente. Está sereno, agora. De pé, próximo à mesa, contempla seus ferimentos com um sorriso de satisfação bravia e move as pálpebras porque o sangue corre sobre os olhos. Súbito, seu espírito fica extraordinariamente tranquilo, como se, com o sangue, uma parte da amarga decepção que lhe envenenava o coração fluíra de suas veias. Apresenta o aspecto de um desgraçado que, após uma queda, se levanta lentamente, olha perplexo ao redor e indaga o caminho que perdeu e do qual se desviou, não encontra nenhuma direção para sair do lugar em que se encontra, passa o olhar pelas proximidades e informa-se do

rumo a seguir. Em dado momento, os olhos de Etzel caíram sobre seu pai. Um espanto hesitante se desenhou em suas feições, como se a imagem habitual que sempre o dominara se tivesse transformado em uma outra, colocada de certo modo um pouco mais baixo e sobre a qual era obrigado mesmo a se inclinar para reconhecê-la. Não era mais o ser enigmático, detentor e guardião de segredos, não era mais o regente de misteriosos destinos, não era mais Trismegisto[13], mas um pobre homem culpado, quebrado.

PROF. MONIR: Trimegisto é o nome que se dá para Hermes: "três vezes mestre", porque segundo a doutrina das castas você tem três tipos de pessoas: as que rezam, as que vão à guerra e as que trabalham. Daí a ideia de Hermes Trimegisto ser o líder dessas três castas.

O barão Andergast tinha entreaberto a boca. Avistaram-se seus dentes enormes. E foi assim, com a boca entreaberta, que se deixou cair numa cadeira. Seus olhos violeta, vazios de qualquer expressão, pularam das órbitas como duas bolas. (Quando, pela tarde, partiu, acompanhado por um médico, para a casa de saúde, ainda se encontrava no mesmo estado, a boca semi-aberta, os olhos saltados, sem expressão no olhar). Etzel observava com ar pensativo aquela fisionomia que se corrompia literalmente diante dos seus olhos e, enquanto Rie se dispunha a lavar o sangue que corria em suas faces, sua fronte e suas mãos, disse, com voz infantil, seca e clara: 'Mandem chamar minha mãe'.

Aqui termina a história do processo Maurizius, mas não a de Etzel Andergast. (págs. 407-408)

---

13 Nota do resumidor – Trimegisto, nome que se dá a Hermes na versão egípcia, é o apelido que Etzel Andergast atribuiu a seu pai, a quem ele via como o todo-poderoso.

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Octavio de Faria e Adonias Filho, retirados de “O Processo Maurizius”, Editora Abril, São Paulo, 1982)

PROF. MONIR: Aqui acabou a história do procurador Wolf Andergast, mas não a história de Etzel.

O segundo livro se chama *Etzel Andergast*, um livro de seiscentas páginas em que Etzel só aparece lá pela página duzentos. Até ali só conhecemos a personagem mais importante do livro que, apesar de se chamar *Etzel Andergast*, tem como principal personagem Joseph Kerkhoven, um médico carismático, absolutamente devotado à sua profissão e que irá se encontrar lá pela página duzentos com Etzel Andergast. Etzel então faz parte de um grupo de jovens radicais que, liderado por uma americana, montou uma comunidade ideal, onde vivem todos numa espécie de regime socialista, de vida ideal, trabalhando no campo, lavando a louça, participando da vida material. Etzel arruma uma briga, é agredido, vai procurar um médico e acaba nesse Joseph Kerkhoven.

O médico se interessa pelo rapaz, que é muito inteligente. Recebe uma carta da mãe dele, a Sofia Andergast, explicando o que havia acontecido com Etzel. Ela conta tudo isso que vimos aqui, resumido em trezentas linhas. Ela pede ao médico que cuide de seu filho, agora com uns vinte anos. Etzel é muito bem recebido pelo médico carismático, com abnegação absoluta, que começa a cuidar do menino. Vão se conhecendo, vão trocando ideias sobre esses

mesmos temas. A atitude do Etzel, refletida naquela comunidade da qual ele participa, já é a atitude típica de uma juventude que está se organizando para assumir uma missão política. Já é embrionariamente o início da juventude hitlerista, embora ali não existam apenas nazistas – há também jovens de todos os tipos. No entanto, são todos jovens, obrigatoriamente. Todos, todos. E financiados por uma americana rica que acha bacanérrimo financiar a juventude.

Etzel Andergast aos pouquinhos passa a conviver com o médico com muita proximidade, e aproveitando que o médico só pensava em seus pacientes e trabalhava 18 horas por dia, aproxima-se de Maria Kerkhoven, a mulher do médico, e tem um caso com ela, com a mulher do seu "mestre" – Andergast chamava Kerkhoven de mestre, tamanho o respeito que ele tinha pelo médico. Quando no final das contas o médico descobre o caso, há uma ruptura com ele.

Etzel então, totalmente destruído – emocionalmente, pessoalmente –, tendo feito durante dois livros de mil páginas o proselitismo da justiça – porque é isso que Etzel Andergast faz de fato – acaba na casa em que Sofia, sua mãe, morava. Uma casa muito humilde, nas montanhas, nos Alpes alemães. Lá encontra sua mãe e finalmente acaba a segunda história de modo muito bonito e poético, dizendo que Etzel chegou na casa da sua mãe e morreu. Não no sentido físico.

O primeiro livro termina com Etzel dizendo: "Eu quero minha mãe". No segundo livro, quando ele finalmente encontra a mãe, depois de toda a

desgraça, ele chega e morre. Mas não é uma morte comum, é uma morte iniciática, que produz uma vida subsequente a essa morte: morreu o Etzel Andergast, aquele justiceiro que queria produzir a justiça a qualquer preço.

Vocês gostaram da história? Vocês simpatizam com o Etzel Andergast de alguma maneira?

ALUNOS: [*Fazem comentários.*]

PROF. MONIR: Essa teoria eu já ouvi, de que o Etzel Andergast foi produzido pelo seu pai, Wolf Andergast. Pode ser um pouco assim, porque nosso autor faz todo o possível para pintar o Barão Andergast com cores muito rígidas. Também não contei o que acontece com o barão, que a gente só fica sabendo no segundo livro. O barão, após ser levado para uma clínica, nunca mais volta para casa. Ele sofre um abalo nervoso tão grande que irá passar alguns anos num sanatório e depois é completamente inviabilizado como procurador, perde o cargo, e morrerá quatro ou cinco anos depois. Não morre louco, mas absolutamente deprimido e desesperançado com a vida.

Mas a questão central aqui é saber se vocês acham que o Etzel está ou não com a razão. Quem acha que ele está, levante a mão. *[Pausa]* Há uma maioria de pessoas que acha que ele não está com a razão. Mas vamos entender melhor a personagem; afinal de contas, o que ele está querendo?

ALUNO: É uma briga de autoridade [...].

PROF. MONIR: Essa história é tão extraordinária, que se vocês estudarem o livro com a devida profundidade, entenderão todo o processo que

aconteceu na Alemanha entre as duas Guerras. Mas acho que temos que descaracterizar esse livro como uma crônica histórica para poder entender de fato o que ele quer dizer. Porque o que aconteceu na Alemanha não é um fenômeno alemão, em última análise, mas um fenômeno humano. Qualquer povo poderia ter passado pela mesma coisa, se submetido a condições equivalentes àquelas pelas quais os alemães passaram. Vamos ser justos com isso. É como eu digo a vocês, uma das coisas mais intrigantes da história é que justamente esse povo tenha feito isso. É uma coisa inacreditável que o povo mais culto da história tenha se dado ao trabalho de fazer uma barbaridade desse tamanho. É muito original e intrigante o fato de ter sido a Alemanha. Então vamos esquecer a Alemanha um pouquinho.

Ontem dei uma palestra sobre Viktor Frankl. Eu explicava que Viktor Frankl escreveu sobre sua estada no campo de concentração e que em nenhum momento do texto há qualquer espécie de acusação direta aos alemães. Os judeus engajados em explorar o holocausto por meios políticos ficaram muito revoltados com Viktor Frankl. Queriam que ele tivesse aproveitado para denunciar o nazismo. Frankl disse que isso de denunciar um conjunto de pessoas, denunciar coletivamente, é coisa de nazista: "Já que não aceito que digam 'Os judeus fizeram isso', também não sou eu que vou dizer 'Os alemães fizeram isso' ". É completamente nazista partir dessa criminalização coletiva, que é uma das bases da própria perseguição contra os judeus. Bastava ser judeu para ser culpado. Viktor Frankl diz que não cabia a ele como vítima criminalizar coletivamente os alemães. Não há nenhuma palavra contra os alemães no livro. Zero. Obviamente ele menciona os fatos e lugares alemães, mas não faz nenhum proselitismo antigermânico por causa do sofrimento que passou.

Portanto, é o caso de cuidarmos para não entendermos esse livro como sendo uma experiência da Alemanha entre as duas Guerras, da sociedade e cultura alemãs, mas como sendo alguma coisa que pode ser extrapolada para qualquer pessoa, até nós mesmos. Poderíamos estar no lugar de Etzel Andergast. Por isso é que eu perguntei a vocês se já haviam tido a experiência de sentir a revolta contra a injustiça.

ALUNA: [*A aluna diz que ora sente-se a favor da pena de morte, ora pensa o contrário.*]

PROF. MONIR: Temos uma atitude oscilante com relação às noções de justiça, pois é um assunto que envolve não só um elemento racional, mas também um elemento emocional muito forte. Toda a vez que você está próximo de um crime, ou que aquele crime tem características próximas de alguma coisa que você abomina – por exemplo, alguém que matou uma criança pequena, como aquele casal em São Paulo[14] – a tentativa que você faz é de vingar-se deles. É isso que o Waremme diz para Etzel, quando faz aquela peroração sobre justiça – que não dá para separar muito justiça de vingança. Tanto é que há na história do pensamento humano essa separação na peça grega *Eumênides,* em que aparece claramente a divisão entre o conceito de justiça como retribuição brutal – portanto como vingança – do conceito de justiça como reparação, como atribuição precisa de uma punição. Na cultura grega existem dois nomes para a palavra justiça: *Dike*, que é a justiça moderna, como conhecemos, e Têmis, a justiça como retribuição brutal.

14 Nota da revisora de transcrição: Referência ao caso de Isabella Nardoni, menina brasileira de cinco anos de idade, que aparentemente foi arremessada por uma janela do sexto andar de um edifício pelo pai e pela madrasta em São Paulo, na noite do dia 29 de março de 2008. Fonte: Wikipédia

Dike é filha de Têmis. Dike é a justiça circunstancial, ponderada, que não vai pelo entusiasmo das emoções, que analisa as provas e os elementos, a que deve ser feita. A justiça de "Olha o tarado, vamos lá matar" é Têmis. Têmis é substituída por Dike na genial interpretação dramatúrgica da trilogia chamada *Oréstia,* que todo o mundo deveria ler. Portanto este assunto de justiça é muito complicado.

Mas o que Etzel Andergast quer no fundo?

ALUNA: Matar o pai.

PROF. MONIR: Quer se vingar do pai, que matou simbolicamente sua mãe. O pai lhe tirou a mãe. Ele precisa criar alguma espécie de sistema de retaliação contra o pai. Mas o pai é o espírito. Sempre que usamos a expressão "pai" e "mãe" sob o ponto de vista simbólico, o pai é sempre o espírito e a mãe, nessa comparação possível, é o amor. Essa é uma conclusão muito importante que é preciso que vocês compreendam – é a razão pela qual os filhos devem ser criados pelas mães. O pai não precisa estar presente como a mãe precisa. Porque do pai é preciso que se tenha até mesmo certa dúvida sobre o paradeiro. O pai precisa ter uma certa distância da criança, enquanto a mãe precisa do convívio amoroso, permanente, cotidiano.

A razão pela qual Héracles (ou Hércules) não deu certo é porque ele é filho de Zeus, que é o espírito, mas não é filho de Hera, o amor. Hércules é filho de Alcmena, uma humana. Por isso ele tem uma capacidade espiritual extraordinária, mas é um fracasso amoroso total. Ele tem uma incapacidade de controlar seus impulsos – quaisquer que sejam: sexuais, de ódio... Todos os sentimentos em Hércules são absolutamente descontrolados. Os doze

trabalhos são doze ações iniciáticas para que ele possa controlar seus sentimentos em descontrole. Hércules tem que recuperar aquilo que não tem por natureza, porque não é filho de Hera – ele não tem a dimensão amorosa definida; é amorosamente um tumulto. Ele é dado a matar os outros, é bissexual, é completamente impulsivo: não há nenhum prazer que ele recuse, nenhum desejo que não queira cumprir. Não há nada que o refreie. Ele precisa fazer doze exercícios para controlar suas emoções. Esses são os doze trabalhos de Hércules. É absolutamente óbvio quando você começa a interpretar um por um, com calma. É maravilhosamente iluminadora, essa perspectiva da vida de Hércules.

O problema de Etzel Andergast é que ele está revoltado com o espírito, porque o espírito lhe tirou a possibilidade do amor. Ora, como o pai dele representa a justiça – porque foi Wolf Andergast quem concretamente condenou Maurizius – ele quer, pela derrota, pela superação do pai, colocar-se no lugar do próprio pai. Mas qual é o lugar do pai? Freudianamente falando, não é que ele queira ir com a mãe ao Baile do Pato[15]. Não sejamos primários. O que ele quer é substituir a função do espírito. Se alguém entende de justiça nesse mundo, não é o pai dele, mas é ele mesmo. **Ele** é que sabe o que é justiça, tanto é que ele vai tirar a limpo essa história e não deixará nenhuma dúvida sobre a autoria verdadeira daquele crime.

Vocês compreendem que o que está motivando Etzel Andergast é muito mais do que a busca da justiça pura e simples, do ponto de vista de idealismo pessoal? No fundo, na verdade, ele quer resolver outro problema que não aquele. Ele procura uma justiça perfeita porque a justiça que ele vê no pai

15 Nota da revisora de transcrição: Bailão tradicional de Curitiba (ocorre desde a década de 1950), de estilo alemão, que em sua origem era animado por um sanfoneiro.

dele é imperfeita – tanto é que ele deixou passar essa, condenou a uma vida inteira de prisão um sujeito completamente inocente.

Etzel Andergast quer uma coisa que não existe, chamada justiça perfeita. Ele quer uma justiça perfeita porque julga que este mundo pode ser perfeito. Mas esse mundo não é perfeito, de modo nenhum. Todo o revoltado metafísico diz que Deus é uma porcaria, senão teria feito um mundo perfeito – que o mundo deveria ser perfeito, já que é feito por alguém perfeito. Essa é uma argumentação um tanto infanto-juvenil para explicar a imperfeição do mundo – é a ideia de que Deus não é perfeito, ou simplesmente de que não há Deus nenhum e por isso o mundo é assim desse jeito.

ALUNA: [*Diz que o garoto teve que se tornar homem sozinho.*]

PROF. MONIR: Vamos olhar para além da aparência, para o esquema simbólico da obra. É claro que a criatura se acha sempre perseguida por Deus. No filme *Blade Runner* tem uma cena memorável no final, em que um dos androides finalmente diz que *"só queria poder continuar vivendo e queria saber por que é que eu sou assim".* Aquele androide é simbolicamente o ser humano perante Deus. Ele não entende por que tem que morrer depois de setenta, oitenta ou noventa anos. Não entende por que as coisas dão certo e depois passam a dar errado, ele não entende por que acontecem coisas erradas. O ser humano é profundamente infeliz na sua condição de criatura. E aí então ele reclama com Deus que Ele fez muitos erros, que ele faria melhor. Rebelião metafísica. É essa rebelião metafísica que cria todos os totalitarismos do mundo, porque o sujeito acha que ele + o INSS + o ministro da saúde vão consertar o problema da saúde humana. Ele acha que o IBAMA + o Simon e o Garfunkel no Central Park vão impedir que

a onça coma gatinhos. O sujeito acha que chamando o Estado, o Estado finalmente produzirá uma espécie de organização sobre a terra – quando na verdade o problema é que a vida não pode ser perfeita de modo nenhum, porque Deus não tem a autoridade e possibilidade lógica de criar o mundo perfeito, porque se o mundo fosse perfeito, seria igual a Deus – portanto, não existiria. A condição para que o mundo possa existir é ter um grau de perfeição menor do que o que Deus tem. Porque Deus não está autorizado por lógica – não é uma questão de poder. A imperfeição do mundo é uma espécie de preço que pagamos para podermos existir dentro dele. Se não podemos ser Deus, temos que aceitar que vivemos num mundinho mais ou menos – não dá para não ter dor de dente nesse esquema. Todo o mundo tem dor de dente – os problemas variam conforme o lugar.

Etzel Andergast é um rebelado metafísico. No fundo, no fundo, esse menino não passa de um tremendo narcisista. É um menino que acha que tem o controle de todo o conhecimento do mundo, de toda a sabedoria do planeta e que acha, onipotentemente – o nome disso em psicologia é delírio de onipotência – que ele pode, por seus próprios meios, com os dezesseis anos, com os trezentos marcos da avó, consertar o sistema judiciário alemão. É mais ou menos o que pensa poder fazer. Ele é rebelado contra o pai porque é rebelado metafisicamente – no fundo é rebelado contra Deus. Deus e o pai representam simbolicamente na nossa mente a mesma coisa. Quando nossa mente lida com símbolos, ela equaliza pai com espírito. Falamos "Deus Pai", "Deus Filho" e "Deus Espírito Santo". O pai representa simbolicamente Deus. Essa simbologia passa para o âmbito humano, muito deflacionada, é claro. Esse menino, motivado por um absoluto narcisismo, decide consertar o mundo e fazer a justiça perfeita. O que ele conseguiu fazer? Apenas destruir o pai, nenhuma outra coisa. Até mesmo o Maurizius – que em vez

de ser inocentado, foi indultado – morreu, porque a vida dele tinha um vazio absoluto, como já tinha na prisão.

Há um pequeno resumo agora que eu queria muito que vocês lessem comigo. É um esquema comparando nossos três últimos livros, para fecharmos nosso raciocínio. Reparem no esquema que vocês receberam. Nós lemos três livros muito diferentes, mas dos quais podemos ter uma abordagem equivalente: *Tartufo, O Pato Selvagem* e *O Processo Maurizius.*

	TARTUFO	PATO SELVAGEM	O PROCESSO MAURIZIUS
Quem denuncia?	A fraude é denunciada pelas vítimas.	Gregers Werle, filho do causador da crise.	Etzel Andergast, o filho do juiz.
Quem é denunciado?	O Tartufo.	A situação da família Ekdal, embora, no fundo, Gregers Werle esteja querendo denunciar seu pai.	O erro judiciário contra Leonardo Maurizius.
Por quê?	Os Orgon querem defender seus próprios ativos, seus haveres.	Está querendo se vingar do pai pela morte da mãe.	Para recuperar a justiça, quando na verdade Etzel denuncia a imperfeição do mundo.
O denunciante conhece a verdade?	Parte da verdade.	Parte da verdade.	Parte da verdade.
O denunciante conhece as consequências de seu ato?	Em parte conhece.	Não tem a menor ideia do que irá acontecer.	Não tem a menor ideia do que irá acontecer.
A denúncia é legítima?	É legítima.	É ilegítima.	É aparentemente legítima.
Qual o resultado?	A recuperação da ordem. Com a expulsão de Tartufo tudo volta ao normal.	A morte da Hedvig causa a destruição daquela família.	É a destruição da carreira de Wolf Andergast e, de certa maneira, a sua morte.
Qual a motivação real e, portanto legítima de quem faz a acusação?	A defesa própria.	Aparentemente a defesa da justiça, mas no fundo, não passa de narcisismo do mais alto calibre.	Também é puro narcisismo e exibicionismo. Gregers Werle e Etzel Andergast são dois sujeitos narcisistas com interesses ocultos em sua ação denunciadora.

PROF. MONIR: Eu lhes disse que *O Tartufo* é o *modus operandi* do revolucionário moderno, esse revolucionário pós-muro-de-Berlim que acha que pegar em armas é de mau gosto. Tartufo é aquele sujeito que usando teses aceitas por todo o mundo, como por exemplo o Programa Nacional de Direitos Humanos, na prática fará exatamente o contrário: vai propor o maior totalitarismo atrás dessa aparência de liberdade e de direitos.

Pois esses outros dois (Gregers Werle e Etzel Andergast) são os advogados da revolução pura e simples. Porque eles são os sujeitos que aparecem e dizem que os outros vivem na mentira total e completa, e que por esta razão temos de ser despertados dela. E são eles que se incumbem de fazer isso. Mas depois de construir em sua cabeça a ideia de que é ele que limpa o mundo de suas mentiras, esse tipo irá em seguida aumentar a carga tributária – pois vai precisar criar uma Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, dos Direitos do Anão, dos Direitos dos Sem-Não-Sei-o-Quê para ações positivas de todos os tipos e assuntos...

O sujeito que está atuando politicamente no mundo tem como base existencial, tem como origem psicológica esta atitude de rebelião metafísica. Aparentemente é um sujeito bem-intencionado que quer de fato melhorar o mundo – mas ele fará isso apenas para tentar convencer os outros de que ele, narcisisticamente, é quem tem a solução do problema. Portanto, eles são essencialmente ilegítimos. É essa gente que produzirá o desastre chamado nazismo.

No segundo livro, a atitude de Etzel vai se transformando no ovo da serpente que será incubado até explodir no desastre que explodiu. Etzel Andergast será desmascarado no segundo livro. Não sabemos o que acontece com

ele, porque o terceiro livro não trata mais dele, mas da terceira vida do médico Joseph Kerkhoven. Ele teve duas vidas no segundo livro, e o terceiro livro trata só do Joseph Kerkhoven. Imagina-se que Etzel Andergast tenha acordado de seu delírio de onipotência, que é típico de gente jovem. Gente jovem é assim.

Aristóteles explicava isso dizendo que o pedaço da alma chamada *sensitiva*, que é o pedaço que lida com as emoções e com as relações com o mundo exterior, é muito preponderante no caso do jovem. Para Aristóteles, a alma tem três pedaços:

1. A *alma biológica*, de natureza mecânica, que é o que torna a pessoa viva. As plantas e os animais também têm essa alma.

2. A *alma sensitiva,* que se relaciona com os sentidos, portanto com o mundo externo e que produz as reações que nós temos para com o mundo externo. Quando um homem vê uma moça bonita passando, fica interessado. Quando é um urso que vem em sua direção, fica com medo. Esses assuntos são da alma sensitiva. Os animais também têm essa alma, embora as plantas não a tenham.

3. A *alma racional*, que é a que em princípio deveria comandar a alma sensitiva.

Adolescentes são caracterizados pelo baixo comando da alma racional à alma sensitiva. Portanto são onipotentes por natureza. Disto nasce

a característica da autoidolatria – os adolescentes acham que sabem exatamente como o mundo é. Fica muito difícil lidar com eles porque eles acham que podem substituir o espírito. Eles têm uma visão primária de certo e errado – é o que Waremme contou para Etzel, mas Waremme é um safado de um cínico, portanto exagera. Mas o professor Ghiesels também explicou, perguntando a Etzel quanto ele conseguia fazer na vida. Se a gente não consegue nem parar de fumar, como é que vai ter capacidade de mudar o mundo? De construir um homem novo? Sejamos um pouco humildes, mais modestos. As pessoas que não conseguem mudar um hábito como parar de coçar o nariz se acham capazes de mudar o mundo, de mudar a estrutura da realidade. Vocês não acham que isso é uma pretensão terrível?

ALUNO: [*Menciona os movimentos contracultura, como Woodstock.*]

PROF. MONIR: Isso é muito diferente, porque isso é criança sendo criança: "Não querem que eu seja como sou, então serei como sou". O que há aqui é algo muito mais grave, que não é apenas emoção. Por isso o autor nos diz todo o tempo que Etzel Andergast não deve ser tomado apenas como um jovem impulsivo – ele é o sujeito que racionalmente chegou a alguma conclusão que diz a ele que ele pode fazer um trabalho melhor que o de Deus sobre a terra. Dá para imaginar prepotência maior do que essa? É o Ivan Karamazov dizendo que não tem nada contra Deus; só acha uma porcaria o Seu trabalho, que quer consertar. É o tipo que se propõe a organizar a sociedade civil como governo e através de um complexo de ONGs fazer um trabalho melhor do que o de Deus. Esse é o pensamento que gerou o nazismo e todos os movimentos que empestearam o século XX de matanças e que agora empesteiam o século XXI com a maior onda de totalitarismo jurídico que você pode imaginar. Vejam só o que é esse

programa de direitos humanos – é o rascunho da próxima constituição brasileira, que será uma constituição completamente totalitária, em que não restará nenhuma liberdade, a não ser fazer o que o governo quer que você faça. Vitória do Etzel Andergast.

ALUNA: [*Pergunta sobre o imperialismo americano.*]

PROF. MONIR: O imperialismo norte-americano é um fenômeno muito diferente, não tem nada a ver com isso. Os americanos não estão querendo que a gente pense como eles. Eles querem que nós tenhamos modelos sociais parecidos. Querem que nós tenhamos uma integração econômica com eles. Isso aqui é muito mais grave do que isso. É o sujeito na ONU dizendo que não vai deixar ninguém mais no Brasil dizer "programa de índio", e que tem que arrumar um jeito de impedir que os brasileiros se refiram aos índios dessa maneira, porque isso é ofensivo. Esse imperialismo da ONU faz também dos Estados Unidos sua vítima. É dois milhões de vezes melhor estar sob o imperialismo americano do que estar sob o imperialismo da ONU – em que cada palavra que você diz é medida e analisada, em que você pode ser perseguido por aquilo que você pensa. Posso lhe garantir.

ALUNO: Waremme voltou dos Estados Unidos para dar aulas com o nome verdadeiro. Disse para Etzel que o que ele estava fazendo era motivação pessoal. Então ele não quis mexer no passado, mas de certa forma deixou de ser um cafajeste.

PROF. MONIR: Não, de certa maneira ele continua sendo. Ele é um cínico, mas mesmo um relógio quebrado está certo duas vezes por dia. Waremme

tem um discurso cínico do tipo: "Deixa de ser bobo rapaz, pensa que não sei que é tudo pessoal?" No fundo, Waremme sabe que Etzel Andergast é uma criança rebelada contra o pai, querendo assumir o papel do pai. Mas o que o Waremme percebe é que o que mobiliza Etzel é algo pessoal e não uma noção madura, realmente verdadeira de justiça. No entanto o Waremme vai para outro extremo, dizendo que a justiça não existe. Mas a justiça tem que existir! O que não podemos imaginar é a justiça perfeita, que é mesmo impossível. Quantos pênaltis bem marcados um juiz consegue arbitrar, mesmo com experiência, sabendo fazer e com boa intenção? Não é que de vez em quando o sujeito erra a marcação do pênalti? E não dá para consertar uma coisa dessas.

Wolf Andergast disse para o filho que não adiantava reclamar com o juiz, pois ele não tinha como voltar atrás no tempo. A liberdade não volta – alguém já viu algum juiz desmarcar um pênalti? Ele disse para o filho deixar o pênalti para lá, porque isso é assim mesmo; nem todos os pênaltis são bem marcados e ele já havia dado um jeito, indultando o Maurizius. Mas Etzel acha a solução inaceitável, pois ele queria ou a justiça total, ou nada. E o que ele consegue com isso? Apenas destruir o pai. É apenas essa histeria moderna, no fundo aquilo que Albert Camus chama de revolta metafísica.

ALUNA: [*Comenta que os nomes são traduzíveis, que têm sentido: "Wolf" é "lobo" e "Andergast" é o "convidado da parte de baixo".*]

PROF. MONIR: Nem sempre a gente consegue fazer essas interpretações simbólicas, porque os autores modernos já são menos simbólicos do que os antigos. Mas é possível que esses nomes estejam associados à narrativa.

Comentários sobre o Sermão da Montanha

de Santo Agostinho (354 - 430)

Transcrição da palestra do professor José Monir Nasser em Curitiba, em 22/05/2010[16]

16 Transcrição de Maria Cecília Noronha e de Andréa de Oliveira Jaques. Revisão de transcrição de Patrícia Nasser.

Comentários sobre o Sermão da Montanha

Como se trata de um livro doutrinal e não de ficção, não faremos resumo nenhum, porque vamos ler diretamente trechos da obra - que é o modo como fazemos quando não é um livro de ficção, imaginativo, ou seja, quando não conta uma história. Este é um livro de doutrina. É, portanto, como diz o Mortimer Adler, de natureza expositiva. E é um dos livros mais interessantes que nós temos no nosso programa[1] – apesar de que são todos muito interessantes.

Queria começar o nosso trabalho, como sempre, fazendo alguma introdução de natureza bibliográfica e biográfica. Vocês têm aí um resumo biográfico de Santo Agostinho:

---

1 Comentário do prof. Monir, sobre o programa: "O Expedições pelo Mundo da Cultura é um programa que tem por objetivo restaurar a verdadeira cultura brasileira, que nós de alguma maneira perdemos e que precisamos buscar a todo custo porque é a única maneira pela qual nós conseguimos sair da terrível e profunda crise civilizatória em que nós nos metemos."

CRONOLOGIA

44 aC Júlio César reconstrói, em local diferente, a cidade de Cartago, destruída em 146 a.C., criando uma província romana da África, a Numídia.

253 Plotino (204-270) começa a escrever as *Enéadas*, obra central do neoplatonismo, continuado por Porfírio (c.233-309).

312 Os bispos da Numídia recusamse a aceitar a consagração de Ceciliano como bispo de Cartago e impõem o bispo Donato, iniciando o cisma donatista que girava em torno da seguinte questão: "*A Igreja é compatível com a torpeza de seus membros?*", dúvida gerada pela existência, no seio da Igreja, de traditori, aqueles que haviam abandonado o cristianismo durante as perseguições de Diocleciano entre 303 e 305.

323 Introduzida na África a doutrina maniqueísta, de autoria do persa Mani (215-276), também conhecido como Maniqueu ou Manés.

325 O concílio de Niceia condena a doutrina ariana (do presbítero Arius, morto em 336) que nega a consubstancialidade de Jesus Cristo. O principal opositor à heresia é Santo Atanásio de Alexandria, doutor da Igreja. Neste concílio também é estabelecido o texto do Credo que se recita na missa.

354 **Aurelius Augustinus nasce no dia 13 de novembro em Tagaste (hoje**

SoukAhrás na Argélia) na então província próconsular do antigo reino da Numídia. Seu pai, cidadão romano de nome Patricius e de temperamento violento, tem doze hectares de terra e é pagão. Sua mãe, Mônica (mais tarde, Santa Mônica), é cristã e berbere. No final da vida, Patricius seria convertido pela mulher. Agostinho teve um irmão, Navigius, e uma irmã, Perpétua, futura superiora do monastério de Hipona. A família fala o cartaginês e tem cultura latina. Agostinho não aprecia a escola e os estudos, embora o seu pai sonhe com torná-lo doutor em leis. Mônica garante-lhe uma educação cristã, mas o menino não é batizado, conforme costume da época de adiar o sacramento.

370 Agostinho estuda, a contragosto, em Madaura, onde aparentemente lhe ensinam o *trivium*. No final deste ano, Agostinho vai a Cartago para estudar às expensas da família, mas antes disso vive um ano mundana e desregradamente.

371 Morre o seu pai e Agostinho torna-se protegido de Romanianus, amigo de seu pai. O rapaz, que vai estudar retórica, é conquistado pela atmosfera sensual de Cartago. Juntase a uma mulher, nunca indicada pelo nome, com quem manteria relação de quinze anos e da qual nasceria seu único filho, Adeodato.

372 Nasce seu filho natural, Adeodato.

373 Lê o elogio à filosofia *Hortensius* de Cícero, obra hoje perdida, e converte-se à filosofia. Lê más versões da Bíblia, despreza as Escrituras, e aproxima-se dos maniqueístas, para desespero de sua mãe. Agostinho,

que defende o maniqueísmo ardentemente, atrai para a seita seu amigo Alípio e seu benfeitor, Romanianus.

375 Formado, retorna a Tagaste para ensinar gramática. Sua mãe negalhe acesso à casa.

376 De volta a Cartago, ganha um prêmio literário (*corona agonistica*) que recebe das mãos de Vindicianus, próconsul romano na cidade, que o adverte contra a astrologia, ciência pela qual Agostinho andava obcecado.

380 Agostinho escreve sua primeira obra, De Pulchro et Apto (Belo e Conveniente), um tratado de estética, hoje perdido. Antes de partir para Roma, conhece Faustus de Mileve, o bispo maniqueísta que havia vindo visitar Cartago e convence-se de que aquela doutrina é pura retórica. O próprio Faustus admite não poder explicar os pontos levantados por Agostinho. Na capital do império, frequenta líderes maniqueístas, mas começa a se distanciar da seita, que abandonaria completamente em dois anos. Fica muito doente ao ponto de quase morrer. Restabelecido, abre escola de retórica.

383 O padre Jerônimo (c.342-420), mais tarde São Jerônimo, recebe encomenda do papa Dâmaso (depois São Dâmaso) para rever o *Novo Testamento*, estabelecendo o texto da Vulgata por volta do ano 400.

384 Desgostoso com a desonestidade intelectual e financeira dos alunos ("*os alunos conspiram e passam em grande número de um professor*

para outro, a fim de não pagarem os mestres, faltando deste modo os compromissos e menosprezando a justiça por amor ao dinheiro"), muda-se para Milão para ocupar vaga de professor de retórica, onde frequenta poetas e filósofos platônicos. (O neoplatonismo faria ponte entre o maniqueísmo e o cristianismo.) Mônica mudase para Milão também. Agostinho começa a frequentar o bispo de Milão, Ambrósio (mais tarde Santo Ambrósio e doutor da Igreja). Rompe com sua concubina que se retira para um convento, mas arranja outra, enquanto espera um casamento combinado por Mônica com uma família da sociedade.

386 Converte-se ao cristianismo em agosto quando, aos trinta e um anos, angustiado sob uma figueira, ouve uma voz infantil que lhe diz: "*Tolle, lege, tolle, lege*", o que o faz ler a Epístola de São Paulo aos Romanos, primeira passagem que encontra. Com ele, converte-se também seu amigo Alípio. A linha que Agostinho segue é a de Paulo de Tarso (paulinismo). Agostinho retira-se, em 23 de agosto, com Mônica, Adeodato, Navigius, Alípio e alguns amigos para uma propriedade emprestada pelo amigo Verecundo, em Cassiciaco, perto de Milão. Nesta estadia foram escritos Contra os *Acadêmicos, Da Ordem, O Tratado da Bem-Aventurança e os Solilóquios*, baseados nas discussões com seus discípulos. Estes escritos têm certo "sabor platônico".

387 No dia 23 de maio, Agostinho, já em Milão, escreve o *Tratado da Imortalidade da Alma*. Na noite do dia 24 de abril, Agostinho, Alípio e Adeodato são batizados por Ambrósio (340-397). Em agosto decide voltar a Tagaste com sua mãe, Adeodato e seus amigos. Mônica, com cinquenta e seis anos, adoece e morre no porto de Óstia, antes de embarcar. Agostinho volta a Roma.

388 Volta à África no verão, após cinco anos de ausência, liquida os bens da herança, dá o dinheiro aos pobres, e cria uma comunidade perto de Tagaste, onde vive com amigos e discípulos. Neste período, redige *Costumes da Igreja Católica, Costumes dos Maniqueístas e De Vera Religione e conclui Da Grandeza de Alma*, que havia começado a escrever em Roma. Morre aos dezessete anos seu filho Adeodato.

389 Termina *De Magistro*, em que o interlocutor de Agostinho teria sido seu filho Adeodato, revelando excepcional maturidade para sua idade.

391 Transforma sua casa em mosteiro, chamando-o "jardim" à moda de Epicuro. Apesar de preferir viver recluso, numa estada em Hipona (Hippo Regius ou Bona) é aclamado pelo povo e Valério, bispo de Hipona, o ordena. Muda-se para Hipona.

392 Polemiza com o maniqueísta Fortunato.

395 Agostinho polemiza com Jerônimo (mais tarde São Jerônimo), autor da Vulgata, sobre controvérsias teológicas da tradução *Septuaginta* (tradução do Velho Testamento para o grego, realizada por setenta e dois rabinos durante setenta e dois dias). Termina a obra *Do Livre Arbítrio*.

396 Torna-se bispo de Hipona, sucedendo Valério. Ocuparia este cargo por trinta e cinco anos, até quase a morte.

399 São fechados os templos pagãos. Agostinho escreve *A Catequese dos Principiantes e De Trinitate*.

400 Termina *As Confissões (Confessionum libri tredecim)*. Treze livros das *Confissões*.

404 Debate com Félix, um dos doutores maniqueístas, que se declara derrotado e abraça o cristianismo.

409 *Pelágio* (360-420) visita Cartago. Agostinho polemiza com ele.

410 O visigodo Alarico saqueia Roma.

413 Começa a escrever *A Cidade de Deus*, a primeira obra de filosofia da história, descrevendo-a como o resultado da luta constante entre *civita Dei* e a *civita terrena*, e *As Retratações*, que terminará em 426.

422 Faz campanha pública contra o cisma donatista, debatendo em público com o bispo Antonino.

426 Obtém permissão para estudar cinco dias por semana e nomeia Heráclio seu auxiliar e sucessor.

428 Defende a divindade de Jesus contra os arianos, em conferência pública.

430 **Adoentado, Agostinho morre com setenta e cinco anos no dia 28 de agosto, quando do cerco das tropas de vândalos à cidade de Hipona. Seu corpo, mais tarde, seria transferido para a catedral San Pietro de Cielo d'Oro em Pavia, perto de Milão.**

476 Com a deposição do Rômulo Augusto por Odoacro, acaba o Império Romano do Ocidente.

524 Boécio (c.480-524) escreve a *A Consolação da Filosofia*.

1054 Com a excomunhão de Michel Keroularios, acontece o cisma definitivo entre Roma e Constantinopla.

1298 Santo Agostinho é proclamado doutor da Igreja.

Santo Agostinho é o primeiro dos grandes pensadores da Igreja Católica. É preciso compreender que o catolicismo vai se instalando aos poucos. Uma coisa muito interessante sobre o catolicismo: ele não é como o islamismo, que tem só uma versão do Corão, versão esta gravada em omoplatas de camelos. Portanto, não existem por aí versões do Corão que estejam em disputa. O islamismo é, sob este ponto de vista, uma religião muito simples.

No tempo de Santo Agostinho não existia diferença entre cristianismo e catolicismo, porque só havia uma única religião. Mas o catolicismo é muito diferente porque ele tem uma complexidade extraordinária – tanto é que foi preciso esperar até Santo Afonso de Ligório, personagem do século XVIII, para que se conseguisse ter uma teologia moral cristã. A teologia moral cristã sistematizada em si própria demorou, portanto, dezessete séculos para aparecer desde o momento em que nasce Jesus Cristo – para vocês terem uma ideia da complexidade que ela representa. Há problemas em todas as áreas. Há quarenta e quatro evangelhos, dos quais apenas quatro são aceitos como tal. Foi preciso que essa grande quantidade de pessoas

notabilíssimas e inteligentíssimas fossem trabalhando para aos poucos irem constituindo a doutrina central do cristianismo (nesta época também catolicismo).

Santo Agostinho foi o primeiro grande pensador. Contemporâneo de São Jerônimo, que estabeleceu o texto da Bíblia chamada *Vulgata,* o único válido até as reformas – até as reformas, então, havia apenas um texto da Bíblia, que era de São Jerônimo. É natural que nesta época em que Santo Agostinho vivia existisse toda esta preocupação em se estabelecer, afinal de contas, o que é ser cristão. Santo Agostinho, na vida e na obra, brigou com todas as grandes heresias e cismas de sua época.

Seu maior objeto de luta foi o maniqueísmo, que não é uma heresia cristã. O maniqueísmo não é cristão de modo nenhum, pois para poder ser heresia precisaria ter necessariamente uma base cristã. Não é este o caso do maniqueísmo, que foi a maior de todas as lutas de Santo Agostinho. Santo Agostinho foi maniqueísta. Maniqueísta é aquele que acha que o mundo se divide em duas forças antagônicas: o bem contra o mal, e que a vida dos seres humanos devia ser a favor do bem. Mas esta ideia de que possa haver um mal do tamanho do bem é uma ideia profundamente anticristã. Isso não é cristianismo de modo nenhum. Se você achar isso, você já não é mais cristão. Mário Ferreira dos Santos dizia que ninguém em sã consciência, nenhum filósofo do mundo foi capaz de defender um dualismo desse tamanho. É muito difícil, porque essa ideia é profundamente autocontraditória. Mesmo o maniqueísmo não sendo uma doutrina cristã, portanto nem mesmo uma heresia, foi de todos os assuntos aquele com o qual Santo Agostinho mais trabalhou.

Agostinho foi maniqueísta durante um bom tempo da sua vida, embora fosse filho de mãe cristã. A mãe de Santo Agostinho, que é Santa Mônica (depois santificada) deu-lhe uma educação cristã à qual ele, no primeiro momento, não aderiu. O pai dele era romano, a mãe era berbere. O pai romano tinha essencialmente a religião romana, não cristã. Ele não aderiu ao cristianismo, apesar de tê-lo em casa pela sua mãe, desde cedo, e tornou-se um sujeito assim com envolvimentos espetaculares em outras coisas: ele foi maniqueísta, depois andou frequentando todas as tendências, digamos, intelectuais da época. Até que finalmente ele se converte ao cristianismo. Conta a lenda que uma criança lhe trouxe a Bíblia, e falou assim para ele: "*Tolle, lege*!" ("Tome, leia"). E foi aí, então, que ele finalmente se cristianizou. Ele se converteu na Itália e foi batizado por Santo Ambrósio, bispo de Milão, que é uma grande personagem do cristianismo de sua época. E assim que Agostinho se cristianiza, a mãe dele morre. Quando resolve voltar para a África – ele é natural daquela região que foi conquistada pelos romanos e transformada na província africana – a mãe dele morre no porto de Óstia, aos cinquenta e seis anos, muito jovem. Santo Agostinho teve um filho chamado Adeodato, de um casamento não oficial, que morreria logo depois da avó, com apenas dezessete anos.

Quando Santo Agostinho volta para a África, ele se defronta com o donatismo, um dos grandes problemas da época. O donatismo era uma espécie de cisma, não era uma heresia. Era a ideia de que a Igreja não deve ser complacente com, digamos, os defeitos dos seus membros. Quando houve as perseguições contra os cristãos, uma série de bispos que havia na África andou repudiando o cristianismo por razões de conveniência, para salvar a vida. Como isso não parecia ser uma atitude cristã, quando finalmente as perseguições acabaram não se aceitou que estes líderes

da Igreja envolvidos com esta covardia fossem reempossados nos seus verdadeiros cargos. Todos queriam o Donato, porque ele teria sido um bispo fiel à Igreja. Esta questão do donatismo é muito importante, porque é talvez a mais atual das questões religiosas do cristianismo.

Santa Catarina de Siena conta nas suas memórias que lá na cidade onde ela morava havia um padre muito mau. Ela, que via imagens de demônios, via coisas medonhas e horripilantes, conta que o padre mau vivia cercado de demônios, ou seja, andavam os demônios como em comitiva junto com o padre. Mas quando este padre fazia a consagração da hóstia, aparecia Jesus Cristo em pessoa e assumia o ato da consagração. Ou seja, no ato da consagração quem estava ali não era o padre mau, era Jesus Cristo. Apenas para mostrar uma coisa importantíssima: os rituais religiosos sempre funcionam.

E isso é uma coisa tão importante! Essa é a razão pela qual na praia, quando falta luz, você não deve ficar brincando de invocar espíritos com copos, porque mesmo que você ache que isto é brincadeira, mesmo que você não leve isso muito a sério, estas coisas todas funcionam e não é uma boa ideia fazer isso. Sabe estes adolescentes que ficam na praia, fingindo que estão invocando espíritos? Isso tudo é muito perigoso. Este é um debate muito antigo dentro da própria teologia. Por exemplo, quando alguém é batizado com três dias de vida, este batismo funciona, mesmo que aquela pessoa não tenha a menor ideia do que está acontecendo? Resposta: – Sim, funciona. O ritual funciona sozinho, mesmo que as circunstâncias não sejam as ideais. Essa é a razão pela qual a consagração da hóstia, dentro do espírito do cristianismo, é sempre válida. Mesmo que o padre que a faça seja um padre mau. Porque é possível que os padres sejam maus eventualmente.

Pois essa era a resposta que Santo Agostinho deu para este problema. Que não é, portanto, para ficar escolhendo padre. Pois quem é que vai sobrar depois do processo de seleção? Uma das injustiças que se faz ao catolicismo é esta ideia de achar que é uma religião para santos, quando na verdade, é exatamente o contrário. O catolicismo é uma religião para pecadores. Porque os santos não precisam de catolicismo nenhum, porque já são santos desde o início. Qual é o sentido de você ter uma religião para santos? É uma coisa apenas de paisagem, não tem nenhuma verdadeira função. Vocês compreendem isso, não é?

Então, Santo Agostinho andou se envolvendo com todo o mundo. Havia lá os grandes cismas, as grandes heresias da sua época. Havia o pelagianismo, outra das grandes encrencas com que ele se meteu. O pelagianismo é uma ideia que vem de um religioso inglês, chamado Pelagius, que achava que não existia o pecado original. Segundo ele, o pecado de Adão era um pecado pessoal e que portanto ninguém está, em princípio, manchado por ele. Ora, se não há pecado original, não há necessidade de batismo. E a vida da gente é uma vida aberta desde o início para qualquer espécie de desfecho, porque nós não nascemos marcados por nada. Olha, essa ideia me parece assim de um despropósito tão grande, tão grande... Como diz Chesterton: de todos os preceitos religiosos da Igreja, o mais óbvio é a existência do pecado. O pecado está aí na nossa frente. É só você investigar os últimos trinta minutos da sua vida que você descobre que você tem pecado original, sim. Não é preciso nem fazer grandes pesquisas para descobrir isso.

Agora, por que havia no tempo de Santo Agostinho esta quantidade enorme de heresias e cismas? Havia o arianismo, que tinha sido mais ou

menos resolvido – a ideia completamente descabida de que Jesus Cristo não é Deus, é apenas um sujeito muito bacana. A ideia de que Jesus Cristo não é Deus é uma ideia fatal para o próprio conceito de cristianismo. Não há cristianismo, se você não supuser que Jesus Cristo é Deus. Não há cristianismo de modo nenhum, nenhum, nenhum... Portanto estas religiões que há por aí hoje em dia, que advogam esta ideia (como os mórmons), não são cristãs. Pressupor que Jesus Cristo é apenas uma espécie de sujeito bacana que apareceu aqui porque Deus mandou é pseudocristianismo. Não há cristianismo em nada disso.

Mas hoje em dia isso já é uma coisa meio pacífica, ninguém mais briga por causa disso. No tempo de Santo Agostinho essas divergências eram enormes, porque afinal de contas o cristianismo como doutrina, ou seja, o corpo doutrinal do que nós chamamos de cristianismo, estava sendo formatado ainda. É preciso sempre lembrar que o cristianismo em si não é uma doutrina. Porque o que temos na base do cristianismo é apenas um relato jornalístico de três testemunhas oculares e um relato não direto de uma quarta que escreveram fatos sobre a existência e a vinda de Jesus Cristo aqui. O cristianismo, portanto, na sua origem é uma espécie de relato biográfico. Vocês compreendem isso? São testemunhas oculares que viram uma série de acontecimentos e os relataram. Para que isso se transformasse numa doutrina religiosa, foi preciso que fosse muito trabalhado e muito aumentado por um conjunto de pessoas muito mais espertas do que nós todos juntos aqui, que passaram dois mil anos fazendo isso. O que nós temos aí então é uma enorme história de gente extraordinária que aos poucos foi construindo uma doutrina cristã. De todos esses, é preciso que se diga que o primeiro realmente importante foi Santo Agostinho.

Santo Agostinho voltou para a África. Lá foi consagrado como líder religioso e transformou-se num bispo importante. Irá morrer quando a cidade de Tagaste é invadida pelos bárbaros, mais ou menos o final do Império Romano. Para lembrar uma data de Santo Agostinho, é só lembrar que o livro *Confissões* (que nós já estudamos aqui) foi escrito no ano 400 d.C. Guardando apenas este número, você tem uma ideia da época de Santo Agostinho. Coisa que muita gente não faz, porque nossa mente tende a resumir todas as datas passadas como se fossem uma coisa só. De vez em quando eu vejo alguém imaginando que Santo Agostinho e São Tomás tenham tomado café juntos e conversado sobre assuntos teológicos um com o outro, quando na verdade eles têm oitocentos anos de diferença.

Santo Agostinho é o que chamaríamos de um gênio. E tem uma coisa extraordinária em Santo Agostinho: a sua filosofia parece absolutamente contemporânea. Platão, por exemplo, é maior filósofo do que Santo Agostinho – é preciso que se diga com clareza isso –, mas, quando você lê Platão, tem a sensação de que aquilo ficou um pouquinho fora de época. Quem hoje em dia se reuniria para conversar sobre o que é a virtude? O que é a fidelidade? Esse jeito platônico de falar ficou um pouco envelhecido. Mas, quando você pega Santo Agostinho, parece um filósofo existencialista francês do século XX. Porque ele é o primeiro filósofo que usa uma perspectiva pessoal para analisar a realidade. Ele olha para o mundo a partir da pessoa dele mesmo, o que é a regra moderna. Os filósofos hoje são muito personalistas, não têm mais aquela característica, digamos assim, de neutralidade e abstração que se imaginava que tivesse um filósofo – como têm, por exemplo, Platão e Aristóteles. Eu não sei nada de um nem do outro. O que eu sei de Aristóteles é o que ele deixou num testamento de vinte linhas. E o que eu sei de Platão eu sei pela *Carta Sete*, que foi a sua única

carta autobiográfica importante, em que ele fala um pouco dele mesmo. E eu sei as fofocas do Diógenes Laércio, um sujeito muito posterior, que conta casos da vida dos dois. Mas não há elementos pessoais na própria obra de Platão ou de Aristóteles, assim como: "Eu fiz isso, eu fiz aquilo" – isso não existe. O sujeito que faz isso pela primeira vez é Santo Agostinho, sobretudo no livro *Confissões* – que não é o livro mais importante, mas é onde ele conta sua história até o momento em que volta para a África. Não vai muito além disso, mas conta todo o seu processo de conversão, e como foi que ele foi saindo daquele mundo, digamos, maniqueu. Ele era, afinal de contas, um bom maniqueísta. Mas passou a ser um cristão devoto.

Essa é, me parece, a introdução necessária para a obra que nós vamos ler hoje, que se chama *Comentários sobre o Sermão da Montanha* – talvez o pedaço central de todas as declarações que Jesus Cristo fez na sua estada sobre a terra. É muito comum que se acuse o cristianismo e o catolicismo de inviáveis justamente por causa de *O Sermão da Montanha*. Entre os acusadores está este indiano chamado Gandhi, que teria declarado que se encontrasse um cristão que levasse ao pé da letra o que está em *O Sermão da Montanha,* ele se converteria imediatamente ao cristianismo. O que, me perdoem a sinceridade, em primeiro lugar é um desaforo muito grande, vamos ser sinceros. Em segundo lugar, vindo de quem vem, sobretudo, porque ele é o primeiro que não cumpre as leis de Manu. Do mesmo modo que temos *O Sermão da Montanha*, também os indianos têm as Leis de Manu. Você as consegue na internet. A vida de um hindu (nem todo indiano é hindu, embora todo hindu seja um indiano) está regulamentada ao ponto de ter lá até mesmo o modo de como andar na rua. O primeiro

que não obedecia as leis de Manu é ele, pois sendo da casta dos vaixás[2], ele se mete em assuntos religiosos. Ele está fora da casta, começando por aí. A primeira coisa que está errada é o fato de que ele não respeita nem mesmo a sua natureza de casta. Portanto vamos deixar o Gandhi pra lá. Mas vocês verão que há uma grande injustiça nessa excessiva crítica que se faz ao fato de que o cristianismo estaria instituído em torno de um inviável conjunto de normas que adviriam do Sermão da Montanha.

ALUNA*:* [*Pergunta se Santo Agostinho é considerado o maior teólogo da Igreja Católica*].

PROF. MONIR*:* [*Dirigindo-se ao irmão marista que foi seu mestre no colégio religioso*]

Irmão Balestro, o que o senhor acha?

IRMÃO BALESTRO: Ele é considerado o maior no sentido de criatividade dos dogmas, não no sentido de criar o dogma, mas de explicá-lo melhor. Os outros são como que os divulgadores, os amplificadores. É nesse sentido que ele pode ser chamado até maior do que São Tomás de Aquino. No Tomás de Aquino o cristianismo é maduro, quase toda a sociedade está respirando cristianismo. Os conventos são muito mais numerosos do que hoje, por exemplo. Então é uma Igreja que serve até de Estado porque havia a ausência de um verdadeiro César para a Europa. Isso foi muito prejudicial politicamente para a própria Europa. O mouro naqueles tempos estava dominador. Então, neste sentido, sim. Mas no sentido de tamanho, a obra

2 Nota da revisora de transcrição – Gandhi (1869-1948), tendo nascido na casta dos vaixás (de comerciantes, camponeses e artesãos) não poderia exercer atividades reservadas à casta dos brâmanes (sacerdotes e letrados).

de Tomás de Aquino é enorme. Eu me dei à pena de ler uma parte, até no tempo que eu dava aula para este rapaz aqui. Antigamente.

PROF. MONIR: Foi no ano passado, no ano passado...

ALUNOS: [*risos*]

IRMÃO BALESTRO: Mas acontece que Agostinho tirou quase do nada a teologia. Como foi explicado aqui, ainda não havia a organização da mensagem. Havia a Bíblia, o fervor e naturalmente a vida bastante exemplar de muitos cristãos ou da maioria – e isso fazia a verdadeira conversão.

Agora, sobre o Gandhi, temos que cuidar. Tenho lido e meditado a biografia do Gandhi. Então nós temos dois Gandhis: o Gandhi do palanque eleitoral, que vê que a cruz é a bandeira do inimigo do qual tem que se libertar – aí, ele, naturalmente, está no *Bhagavad Gita* e não tanto na Bíblia. Depois ele vai para a vida pessoal de jejuador bravio e ali está com o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque aqui é a vida eterna. Ali eu sou um político, eu sou César. Aqui sou de Jesus. E ele até dizia: "Jesus, se tiver a vontade de se reencarnar, venha para a Índia, não vai se arrepender".

TODOS: [*risos*]

IRMÃO BALESTRO: Naqueles tempos, pela segurança do império colonial, havia somente uma Índia: Bangladesh, o Paquistão e a Índia eram uma massa só. Então, Gandhi foi um tremendo político. Quando ele morreu em 1948, havia teólogos em Paris dizendo que este homem não estava matriculado em nossa religião, senão deveria ser proclamado santo. Quer

dizer, era um homem de virtude. Agora, eu posso estar mal informado... Mas há dois homens: um é político, e outro não. Na própria política ele dizia que se a minoria maometana tomasse o poder, que ficassem unidos assim mesmo e que eles os governassem dentro da lei. Ou seja, ele queria evitar Bangladesh e Paquistão – que naquele tempo, aliás, estavam unidos, mas distanciados de 2.600 km, e a única coisa que eles tinham em comum era a religião. Então se separaram. Mas, perdoem-me esta interrupção.

PROF. MONIR: Então, pessoal, a gente pode começar.

O Sermão da Montanha

Comentários de Santo Agostinho sobre o Evangelho de São Mateus, capítulos 5. 6 e 7

(Tradução da Bíblia do padre Antônio Pereira de Figueiredo)

PROF. MONIR: O Sermão da Montanha é composto por três capítulos do Evangelho de São Mateus e tem setenta ou oitenta versículos. Todo ele foi transcrito no documento que vocês receberam. O que fizemos foi inserir alguns comentários de Santo Agostinho sobre cada um deles.

A tradução da Bíblia é do padre português Antônio Pereira de Figueiredo. Esta é a tradução mais interessante de todas. É uma tradução muito antiga. É preciso tomar cuidado com as traduções, porque com o protestantismo nasceram várias versões da Bíblia. Ultimamente encontra-se essa praga das traduções politicamente corretas, que são traduções que procuram evitar determinados modos de falar – o que me parece ser absolutamente

fútil e desnecessário. Logo, se você quer uma boa sugestão de tradutor de primeiríssima ordem, o Padre Antônio Pereira de Figueiredo é sempre a melhor sugestão. É o tradutor da Bíblia da Barsa.

O Sermão da Montanha (*De sermone Domini in monte*), segundo os comentaristas, deve ter sido pronunciado em 30 A.D. Segundo Santo Agostinho, nele se encontra "*no tocante à retidão moral, a regra perfeita da vida cristã*". De fato, nenhum outro episódio dos Evangelhos reúne tantas considerações de ordem moral como o Sermão da Montanha. Embora vários trechos tenham sido transformados em aforismos, a passagem, no entanto, não corresponde a um sistema moral cristão pronto.

De fato, foi necessário esperar até o século XVIII, já na idade moderna, para Santo Afonso de Ligório (1696-1787), o doutor zelantíssimo, compilar, em 1753, na *Teologia Moral (Theologia Moralis),* o que se poderia chamar de compêndio da doutrina moral cristã, baseada nas Escrituras e dispersa pelos inúmeros concílios e bulas papais.

A dificuldade de transposição do Sermão na Montanha para um código moral prático é, pois, prova da complexidade da moral cristã, que precisa ser esclarecida pelos doutores da Igreja, como Santo Agostinho.

PROF. MONIR: A Igreja tem trinta e três doutores e não terá mais, seguramente, porque chegou ao número que corresponde aos anos de vida de Jesus Cristo e me parece que já é alguma providência escatológica manter assim. Uns quatro ou cinco foram incluídos muito recentemente. Há, no entanto, quatro doutores antigos: Santo Atanásio, Santo Ambrósio, Santo Agostinho e São Jerônimo. Estes são os quatro originais que, digamos,

estabeleceram os primeiros princípios da Igreja Católica. Doutor da Igreja é aquela pessoa cuja opinião não precisa de aprovação eclesiástica, ou seja, que tem a sua opinião automaticamente reconhecida como sendo legítima – isso é um doutor da Igreja.

No Sermão da Montanha, Jesus confirma e aperfeiçoa a lei antiga, fazendo desta passagem a sua mais importante declaração.

Neste resumo, utilizamos a tradução do texto bíblico do padre Antônio Pereira de Figueiredo, enquanto o tradutor da obra optou pela do padre Matos Soares. Apesar de haver ocasionalmente alguma divergência entre elas, não há contradição nenhuma e ganha-se com a comparação.

PROF. MONIR: Na coluna da esquerda está o texto bíblico traduzido pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Na coluna da direita os comentários de Santo Agostinho, alguns comentários selecionados obviamente. Tudo que está do lado direito é de Santo Agostinho; quando não for, quando for de outra origem eu aviso vocês. Não está escrito, eu irei contar a vocês[3].

---

3 Nota da transcritora – Na coluna da esquerda está o texto bíblico traduzido pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo. Na coluna da direita está o texto de Sobre o Sermão do Senhor na Montanha, de Santo Agostinho, (Edições Santo Tomás, Campo Grande, Mato Grosso do Sul, 2003) sendo que os trechos bíblicos são da tradução do padre Matos Soares (Bíblia Sagrada, São Paulo, Pia Sociedade de São Paulo para o Apostolado da Imprensa, 1949).

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
1. E vendo Jesus a grande multidão do povo, subiu a um monte, e depois de se ter sentado, se chegaram para o pé dele os seus discípulos.	Se se pergunta o que significa monte, compreende-se muito bem que significa os preceitos maiores da justiça, dado que os menores eram os que tinham sido dados aos Judeus.
2.E ele abrindo a sua boca os ensinava dizendo:	E ensina sentado, o que é próprio da dignidade do magistério.

PROF. MONIR: Aqui no primeiro comentário de Santo Agostinho fica claro que há duas leis, e não uma só. Do mesmo modo que há duas alianças, a Aliança da Arca e a Aliança de Jesus Cristo, também há dois conjuntos de preceitos: os preceitos anteriores, velhos, e os preceitos posteriores, novos.

É absolutamente imprescindível lembrar que de modo nenhum se deve entender que Jesus Cristo tenha revogado os preceitos da lei antiga. É por isso que no cristianismo há a consideração de todo o Velho Testamento. Mais do que isso: a Bíblia católica inclui livros que não são aceitos pelos judeus. Portanto a Bíblia judaica é menor do que a católica, e a protestante também. Os protestantes excluíram alguns livros da sua Bíblia que não são, digamos assim, pacificamente legítimos. Os ortodoxos têm a mesma Bíblia que os católicos. Então de um lado ficam os católicos e ortodoxos, e de outro os judeus e protestantes. Logo, Jesus Cristo não revogou nenhum dos procedimentos anteriores, ele simplesmente criou um patamar mais alto do qual parte o cristianismo.

ALUNA: [*Comenta a presença de trechos na B*íblia luterana que não estão na *Bíblia católica.*]

PROF. MONIR: Ah, é? A gente tem que tomar muito cuidado com as referências bíblicas, porque a primeira coisa que Lutero fez foi escrever a sua tradução da Bíblia para o alemão. E ele fez a tradução que bem entendeu. Portanto, é preciso tomar um enorme cuidado quando a gente lê a Bíblia, que é saber que bíblia a gente está lendo. Não sei até que ponto devemos aceitar pacificamente toda e qualquer modificação. Todas as correntes luteranas fizeram as modificações que acharam por bem. Vamos nos lembrar de que aqui é a Bíblia católica que está em questão.

A primeira coisa que interessa aqui é que Jesus Cristo estabeleceu dois patamares diferentes de leis: a Lei antiga e a Lei moderna. Outro ponto a notar é que Jesus ensina sentado, o que é próprio da dignidade do magistério. Eu sempre disse que a gente deve dar aula sentado. Eu nunca, na minha vida, gostei de dar aula de pé. E aqui está explicado, obviamente numa esfera muito maior do que aquela que me toca, o quanto é importante dar aula sentado e não ficar fazendo discurso em pé como político, transformando toda a aula numa espécie de comício.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
3.Bem-aventurados os pobres de espírito; porque deles é o reino dos céus.	Com razão se entendem aqui por pobres em espírito os humildes e tementes a Deus, ou seja, os que não têm espírito inchado.

PROF. MONIR: Olhem, quando eu era estudante no Colégio Marista Paranaense, quando era aluno do irmão Balestro, tinha o padre Alfeu, que era o capelão do colégio. Eu nunca me esqueci de uma aula de religião em que um menino perguntou assim: “Mas eu nunca entendi esse negócio de pobre de espírito, eu sempre achei que pobre de espírito era uma coisa ruim. Tanto é que todo mundo vive falando por aí ‘fulano é pobre de espírito’”. Então há, de fato, uma espécie de confusão nesse assunto, porque pobre de espírito é usado popularmente como uma espécie de xingamento. Quando na verdade ser pobre de espírito é um elogio, diz aqui o texto da Bíblia. É difícil achar quem compreenda bem isso, apesar de não ser nada complicado. O pobre de espírito é a pessoa que tem baixo apreço pelas suas próprias opiniões. É, como está escrito aqui, alguém que não é inchado.

No contexto da cultura grega, aquilo que representa a vaidade humana é o pé inchado. Tanto que a palavra Édipo, de *Édipo Rei*, significa “pé inchado”. O problema de Édipo é que ele é um sujeito que mata o pai (chamado Laio) em um acidente de trânsito da época, embora não soubesse que era seu pai. E ele mata seis pessoas. Vocês acham que é legitimo alguém se irritar com o mundo ao ponto de matar seis pessoas por um problema de trânsito? Não é, né? Édipo, o “Pé Inchado”, foi condenado à morte pelos seus pais quando era pequeno. Eles ouviram um oráculo que prometeu que aquele menino mataria seu pai e se casaria com sua mãe. Com medo de matar a criança, eles amarram seus pés com uma corda e o entregam a um sujeito que tinha a missão de expô-lo. “Expor”, no conceito grego, é deixar morrer sob a força dos elementos. Porque ele sofreu quando criança aquela amarração, ele ficou com o seu pé inchado. O problema de Édipo é ter o pé inchado. Pois o pé inchado cristão é o espírito inchado.

Portanto, ser pobre de espírito é dar pouca credibilidade para sua própria independência, porque no fundo, no fundo nós somos muito pequenininhos e não sabemos nada. Ou seja, quem é que tem o pé inchado e não é pobre de espírito? Aquele que é muito orgulhoso e muito vaidoso. Os que não são assim é que entrarão no reino dos céus.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
4. Bem-aventurados os mansos: porque eles possuirão a terra.	Quer pois dar Ele a entender que se trata da solidez e estabilidade da herança perpétua, onde a alma descansa como no seu lugar próprio em virtude do bom afeto, como o corpo na terra, e de onde se alimenta, como o corpo da terra: ela é o descanso e vida dos santos. São mansos os que cedem diante da maldade e não resistem ao malvado, senão que vencem o mal com o bem [Rom., XII, 21]. Lutem portanto entre si, pelejem os faltos de mansidão; mas sejam bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra, da qual não poderão ser expulsos.

PROF. MONIR: No texto de Santo Agostinho há sempre uma menção a alguma outra passagem do Velho ou Novo Testamento.

Qual o sentido de ser manso? Manso é aquele que não resiste ao que lhe pede a Lei maior. Ser manso é não resistir às coisas que Deus ensina. A mansidão aqui não está associada à covardia, mas é uma humildade respeitosa, uma espécie de atitude de respeito e consideração. O que está sendo descrito

são as bem-aventuranças. Já que você não tem mais o pé inchado, como é dito na primeira bem-aventurança, então agora você pode ser pouco resistente àquilo que vem. É isso que significa mansidão, no sentido que Santo Agostinho está interpretando aqui.

O que significa *"eles possuirão a terra"*? Ora, só as pessoas assim é que conseguem encontrar sentido na vida sobre o mundo material. Possuir a terra significa encontrar sentido nessa vida material que nós temos. Porque as pessoas que não são capazes disso, aquelas que resistem, passarão a vida quebrando a cabeça. Mas quando você já sabe qual é o sentido porque deixou que aquela mensagem tomasse conta de você... Diz Santo Agostinho que é preciso ler a Bíblia sempre, o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo... Se você se deixa contaminar por aquilo, mesmo quando você não compreende bem, mesmo quando parece bobo e sem sentido, mesmo quando é assim, então, a sua existência fará sentido sobre a terra. Por isso é que você herdará a terra – é neste sentido. Não quer dizer que nós vamos ficar aqui até a eternidade, porque a nossa existência não é deste mundo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
5. Bem-aventurados os que choram: porque eles serão consolados.	Pranto é tristeza pela perda de coisas queridas. Os que porém se convertem a Deus perdem essas coisas queridas que os prendiam a este mundo, pois que já não se deleitam com o que antes se deleitavam; e, enquanto não se produza neles o amor das coisas eternas, são trabalhados por alguma tristeza. Por isso são consolados pelo Espírito Santo – a que por esta razão se chama Paráclito, ou seja, Consolador – a fim de que os que perdem a alegria temporal gozem a eterna.

PROF. MONIR: Se vocês olharem para este outro documento, verão as relações que existem entre as sete bem-aventuranças e os sete pedidos do Pai Nosso. Logo, Santo Agostinho percebeu que há uma sintonia entre essas duas coisas. É isso que ele conta em seus comentários ao Sermão da Montanha.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
1. Os pobres de espírito	Humildes	Temor a Deus	Pai Nosso que estais nos céus: santificado seja o vosso nome.	O filho reconhece a autoridade do Pai.

PROF. MONIR: Na bem-aventurança número um, qual é o sentido de ser *pobre de espírito*? O sentido é ser *humilde.* Qual é o dom ou a virtude que nasce disso? É o *temor a Deus*. O pedaço do Pai-Nosso que corresponde a isso é *"Pai Nosso que estais nos céus: santificado seja o vosso nome".* E o significado desta linha do Pai Nosso é que *"o filho reconhece a autoridade do pai"*.

É muito importante saber que Jesus Cristo não disse Pai Meu, e sim Pai Nosso. O que é uma coisa de uma importância extraordinária! E aí é importante que vocês estendam bem o seguinte: Jesus Cristo é absolutamente, cem por cento, humano. E Ele é absolutamente, cem por cento, Deus. Ele tem as duas naturezas simultaneamente. Qualquer possibilidade de que não seja isso, tenha certeza de que você está enganado. Não tem jeito de ser de outro modo.

Vejamos uma coisa interessantíssima sobre o cristianismo que não tem em outra religião, como por exemplo o hinduísmo e o budismo. O hinduísmo acha que tudo que existe neste mundo aqui é uma espécie de ilusão: chama-se maia. Para o budismo, a ilusão é de outra natureza: chama-se samsara. Mas para o cristianismo este mundo que temos aqui é real, verdadeiro e existente de fato. Ele não é um mundo de ficção, de mentira. Portanto, a coisa interessantíssima sobre a natureza do cristianismo é que ele é a religião

que opera o tempo todo por meio de paradoxos. Paradoxos são aparentes contradições. Não é à toa que o cristianismo é assim, porque a realidade humana é paradoxal.

Haverá coisa mais paradoxal do que a condição humana? No *Gênesis* temos a declaração que Deus faz de que somos feitos à imagem e semelhança de Deus. E ao mesmo tempo, no meio do *Gênesis* há o decreto de expulsão do Paraíso em que Deus diz assim: *"Sois pó e ao pó voltareis"*. Deus diz, na mesma obra, no mesmo *Gênesis*, que somos Sua imagem e semelhança e, ao mesmo tempo, que não somos nada, somos pó. Haveria situação mais paradoxal do que esta?

Logo, o que caracteriza a vida humana real e concreta é a natureza tensional da nossa vida. Ela é feita por tensões insolúveis. Não sabemos de onde viemos, nem para onde vamos. Não sabemos quanto temos de mérito em nossas vidas e quanto mérito em nossas vidas é de atribuição alheia. Nós vivemos sob tensões insolúveis, é essa a natureza da condição humana. Ora, haveria situação mais equivalente a essa do que a que o cristianismo propõe? Se o cristianismo é paradoxal, é porque a situação humana é paradoxal. Ele simplesmente atende às questões essenciais da vida humana.

Se você tem interesse em entender isso, há um livro magnífico chamado *Ortodoxia*, de. G. K. Chesterton. De todos os livros escritos sobre o cristianismo de natureza não doutrinal (Chesterton era um jornalista inglês mundano), este é o melhor – dentre os mais conhecidos, obviamente. Este livro foi relançado há dois, três anos, quando completou cem anos. Faz cento e três anos que este livro foi editado pela primeira vez. É uma verdadeira maravilha! Ele explicará então que não há nada mais estranho que o cristianismo e, no entanto, que não há nada mais extraordinariamente capaz de auxiliar

o ser humano. No nosso programa esse ano, nós temos um livro do Mário Ferreira dos Santos, chamado *Cristianismo, a Religião do Homem*, que é uma contribuição magnífica do maior filósofo brasileiro de todos os tempos, em que ele demonstra também a adequação extraordinária do cristianismo, digamos, ao ser humano médio, à pessoa comum – não há nada melhor do que o cristianismo.

Eu queria que vocês compreendessem que Jesus Cristo é cem por cento homem e cem por cento Deus – por mais que pareça incompreensível. Porque é isso mesmo, há duas naturezas em uma só. Quando digo que as duas naturezas estão numa pessoa só, estou querendo dizer que Jesus Cristo é homem e é Deus ao mesmo tempo. Mas a natureza divina é obviamente superior à natureza humana, por definição. Portanto, se tivermos que achar que alguma coisa veio antes, temos que achar que Jesus Cristo, antes de ser homem, era Deus. E nunca o contrário, o que seria completamente absurdo. Se Jesus Cristo antes de ser homem era Deus, então Ele é o ser humano por excelência. É a própria natureza humana encarnada. Quando Ele diz "*Pai nosso que estais no céu*", está falando em nome de toda a humanidade. Não é que Ele queria dizer que somos todos irmãos. Não é nesse sentido. É porque Ele está falando do ponto de vista humano real e concreto, que é o ponto de vista coletivo toda a humanidade. É muito importante entender isso para você não achar é apenas um pedido pessoal. Não é um pedido pessoal. Jesus é a própria natureza humana.

Por que Ele diz "*santificado seja o Vosso nome*"? Essa é outra coisa interessante de explicar. Jesus Cristo está nos dizendo que quem tem que ser santificado somos nós, seres humanos. Porque Deus já é santo sozinho, não é preciso que nós peçamos que Ele seja santificado. Quem tem que ser san-

tificado somos nós, seres humanos. Porque nós somos o nome de Deus na terra. Deus nos colocou aqui para gerenciarmos a terra em nome dele. No *Gênesis*, Deus nos deu de presente a terra, nos instituiu como gerentes, para cuidarmos dela em Seu nome. Nós representamos aqui, como se fôssemos prepostos, a presença de Deus na terra. O nome que tem que ser santificado é o nosso nome. Nós, seres humanos, é que temos que arrumar um jeito de perdermos as características que não são santas e adquirirmos características que nos santifiquem. O que significa santificar-se? Significa parecer mais com Deus, chegarmos mais próximo do modelo que Deus imaginou para nós. Esse é o sentido de "*santificado seja o Vosso nome*". Isso não está aí no Santo Agostinho, mas é preciso compreender este pedacinho também para aceitar o que está aí.

BEM-AVENTURANÇA	**SENTIDO**	**DOM**	**PAI NOSSO**	**SIGNIFICADO**
2.Os mansos	Não resistentes	Piedade	*Venha a nós o vosso Reino.*	Aceitamos a ordem do céu.

PROF. MONIR: O número dois, a segunda bem-aventurança, refere-se aos mansos, àqueles que são não-resistentes. Vocês já sabem que os pobres de espírito são desapegados da própria opinião, exatamente o contrário de um intelectual moderno.

Tivemos há pouco tempo a visita do Luc Ferry, ministro da educação da França que arrumou uma encrenca internacional com a abolição das burcas. Eu jantei com ele enquanto presidente da Aliança Francesa – nós oferecemos um jantar para ele. Conversei um pouco com ele e vi que ele não está contra a burca. Não é um sujeito querendo salvar o cristianismo na França, e que por isso cria uma restrição ao islamismo. Ele tem ódio a todas as religiões, sejam quais forem elas. Ele tem um problema geral com o assunto religião. Ele não é um cristão lutando, digamos, sem muito jeito, lutando um pouco canhestramente contra o islamismo. Ele é uma pessoa que acha que o mal do mundo é a religião, e que portanto nós seremos muito mais espertos quando nos desvincularmos dela. Vocês compreendem que isso é exatamente o contrário do que está escrito aqui para ser? É simplesmente mais um intelectual moderno, um sujeito comum – porque todo o mundo que tem prestígio universitário pensa exatamente isso. Porque é uma coisa meio *démodé* você ser professor de filosofia e dizer que você é cristão. Duvido que vocês achem alguém. Nem com uma enorme de uma lanterna. Nem com um daqueles refletores que se usam na guerra para identificar os aviões você vai achar um professor universitário que diga assim: "Eu sou filósofo e eu sou cristão". Por que, já pensou que desgraça? Você não vai mais ser convidado para tomar café com os outros, ninguém vai achar que você é uma pessoa ma-ra-vi-lho-sa. No departamento de filosofia de determinada universidade, uma vez eles foram fazer um simpósio sobre saúde mental, a filosofia como fonte de saúde mental, e os três assuntos eram: Foucault, Nietzsche e Sade.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Foucault era um sujeito frequentador de clube de sadomasoquismo em Paris. O Nietzsche passou vinte anos no hospício. E quanto ao marquês de Sade, acho que não seja exatamente um modelo de saúde mental. Vocês compreenderam o problema sério que está por trás disso? Eu comento com vocês porque este assunto ficará entre nós. Mas vocês imaginem o problema que é lidar com este assunto aí fora no mundo.

O que é o manso? O manso é aquele que não resiste. O que não resiste tem um dom chamado piedade. Sabem qual é a definição de piedade? É uma inclinação natural à imitação. Quando você tem piedade, você quer imitar Deus. Você imita aquele Deus que lhe inspirou a piedade. No Pai Nosso a correspondência disso é *"Venha a nós o Vosso reino"*. Ou seja, significa que nós aceitamos a ordem do céu.

BEM-AVENTURANÇA	**SENTIDO**	**DOM**	**PAI NOSSO**	**SIGNIFICADO**
3.Os que choram	Saudosos dos bens terrestres	Ciência (consciên-cia)	*Seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no céu.*	A terra submetese ao céu.

PROF. MONIR: Os lamentadores, da terceira bem-aventurança, são os saudosos dos bens terrestres. A virtude equivalente a isso se chama ciência. Por ciência, compreenda-se consciência. E no Pai Nosso esta bem-aventurança

está representada pelo *"Seja feita a Vossa vontade assim na terra como no Céu"*. A terra submete-se aos céus, mesmo que nós tenhamos que perder alguma coisa com isso. É essa a ideia.

BEM-AVENTURANÇA	**SENTIDO**	**DOM**	**PAI NOSSO**	**SIGNIFICADO**
4.Os que têm fome e sede de justiça	Rejeitam os bens falsos e desejam os verdadeiros	Fortaleza	*O pão nosso, necessário à nossa subsistência, nos dai hoje.*	Precisamos do pão espiritual da verdade contra a ilusão.

PROF. MONIR: Depois vêm os famintos e sedentos, que também são bem-aventurados. A interpretação que faz a Pastoral da Terra e o MST é que são famintos e sedentos do terreno da Araupel[4], mas esta é apenas uma interpretação infantil, para não dizer coisa pior. O que os famintos e sedentos fazem na verdade é rejeitar os bens falsos e desejar os bens verdadeiros. Deixam de desejar certas coisas e passam a querer outras. Ora, para que você possa vencer os desejos ilegítimos, é preciso ter o dom da fortaleza. O correspondente no Pai Nosso é *"O pão nosso, necessário à nossa subsistência, nos dai hoje"*. Precisamos do pão espiritual da verdade contra a ilusão.

4 Nota da revisora de transcrição – A Araupel é uma madeireira do sul do Brasil em constante conflito com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que promove assentamentos em suas reservas.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
5. Os misericordiosos	Compadecem da dor alheia	Conselho (saber o que fazer)	*E perdoai as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores.*	Devemos ser prudentes.

PROF. MONIR: No item cinco, os misericordiosos. Quem são eles? São aqueles que perdoam, mas que perdoam por uma razão mais importante do que perdoar simplesmente. Perdoam porque se compadecem da dor alheia. Esse é na verdade o sentido de ser misericordioso: compadecer-se da dor alheia. E a virtude que advém daí é o conselho. Conselho é uma palavra difícil de explicar. Eu tentei explicar com "prudência" e estou arrependido neste momento. Acho que conselho não é bem prudência. "Conselho" é a origem da palavra conselheiro, que é aquele que diz para você o que você deve fazer. Portanto, conselho na sua origem significa aquilo que é o certo a ser feito. Quando você se compadece dos outros e coloca-se no lugar daquele que sofre, então você tem uma medida de como é que você deve lidar com ele. Este é o sentido da palavra conselho aqui.

ALUNA: É compaixão?

PROF. MONIR: Compaixão soa um pouco oriental, mas é esta ideia, sim. A compaixão é uma espécie de compreensão da dor do outro.

A frase do Pai Nosso equivalente a isso é *"E perdoai as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores".*

ALUNA: Por que a Igreja transformou este texto aqui em "perdoai nossas ofensas"?

PROF. MONIR: Porque depende da tradução, as traduções variam. Nunca esquecer que o Novo Testamento foi escrito diretamente em grego – logo, tem baixa polêmica. Já o Velho Testamento foi escrito em hebraico e traduzido para o grego, na famosa tradução Septuaginta, em que, segundo o folclore, setenta rabinos traduziram uma bíblia em setenta dias do hebraico para o grego, para uso dos judeus que sabiam somente grego, e não hebraico. Porque não sei se vocês sabiam – o cativeiro da Babilônia foi um acontecimento tão sério e tão grave na história do judaísmo, que ele fez com que o judeu comum desaprendesse hebraico. O hebraico passou a ser falado apenas no âmbito do rabinato. Então, um judeu popular só foi aprender hebraico agora no mundo moderno, com a fundação de Israel. Um judeu do século XIX falava iídiche em território alemão. Cada lugar tinha uma variante...

IRMÃO BALESTRO: A Espanha também...

PROF. MONIR: A Espanha tem uma variante: o ladino. Ladino é a língua judaica falada na Espanha e em Portugal. Portanto, o judeu só reaprendeu a falar hebraico muito recentemente. O cativeiro da Babilônia foi tão grave,

tão grave que para poder reconstituir a língua tiveram que usar elementos estruturais da língua árabe, que foram transpostos para a língua hebraica. São línguas parecidas. Essa é a razão pela qual o Velho Testamento sofreu essa tradução intermediária. É claro que modernamente há muitos padres eruditos que sabe falar hebraico. Mesmo assim, há dificuldades muito grandes de tradução porque o contexto de algumas palavras se perdeu. O fato de que isso é assim é muito perigoso, porque todo o mundo quer fazer uma interpretação moderna. Sabe aquele problema do sujeito que quer reescrever a Bíblia para ela ficar moderninha? E começa a instituir soluções politicamente corretas, digamos assim, porque acha que elas são mais adequadas – e aí quase sempre elas são falsas. É por isso que eu digo, pegue uma tradução da bíblia mais antiga. Quanto mais eu vivo, mas eu gosto de livro antigo. Que coisa impressionante! Devia ser o contrário, mas cada vez eu gosto mais dos livros velhos do que dos livros novos.

ALUNO: Antes de ir para o próximo... Só para ajudar a esclarecer aqui, pelo menos a mim. Parece que quer causar uma inversão. Na primeira frase do Pai Nosso, nós temos lá: *"Pai Nosso que estais nos céus: santificado seja o vosso nome"* Então nós interpretamos, com a sua ajuda, que nós é que temos que nos santificar, quer dizer, parecer um pouco com o Céu...

PROF. MONIR: É que nós estamos pedindo a Deus que nos ajude a nos tornar santos.

ALUNO: Exato. E aí, esta parte que estamos concluindo agora do item cinco, parece que está invertendo: *"Perdoai as nossas ofensas assim como nós também perdoamos"*, parece que nós estamos pedindo para Deus lá no Céu imitar a gente. Não parece isso?

PROF. MONIR: Não pareceu para mim. Eu sugeriria a gente aguardar Santo Agostinho chegar neste ponto. Porque na verdade eu é que estou antecipando tudo olhando para este quadro aqui antes da hora. Já chegamos lá, ok? Só para dar uma certa ideia geral das coisas.

BEM-AVENTURANÇA	SENTIDO	DOM	PAI NOSSO	SIGNIFICADO
6. Os limpos de coração	São simples	Inteligência	*E não nos deixeis cair em tentação.*	Precisamos ser tentados para mostrar valor.

PROF. MONIR: Limpos de Coração, a sexta bem-aventurança – o sentido disso é ser simples. O que é ser simples? É ter inteligência. É mais do que entendimento. Inteligência no sentido da palavra grega *nous*. Inteligência é a capacidade que o ser humano tem de olhar e ver o que é. Ponto. Sem que seja preciso fazer um raciocínio medonho, sem que você precise ser físico nuclear, sem que você tenha estudado lógica aristotélica, não precisa. Nós temos uma espécie de intuição intelectual que nos permite ver, contanto que sejamos simples. Mas se você tem o pé inchado e muita consideração para com suas próprias opiniões, então você acha que aquela besteira que você pensou, e que gerará muito mais problemas do que soluções, é alguma coisa que vale a pena ficar estudando quarenta ou cinquenta anos. Quer dizer, você não enxerga nada agora porque ficou prisioneiro do labirinto de autoenganos que você gerou. Se você for um grande filósofo, você vira o Kant. O que é o estudo de Kant na universidade? É o estudo de problemas kantianos. E o que são problemas kantianos? Ora, o Kant quer

explicar a realidade e não consegue e, porque não consegue, ele gera uma infinidade de problemas insolúveis. Em filosofia chamamse *aporias*. A partir disso, então, todo o mundo filosófico passará a vida estudando as aporias kantianas. Ou seja, em vez de estudar filosofia, que é saber o que é, você passa a vida estudando problemas de filosofia ruim. Qual é o sentido que tem uma coisa dessas? Vocês compreendem que isso é completamente inútil? Portanto, só é limpo de coração quem é humilde. Tem que ser pobre de espírito para poder ter esta limpeza de coração. Isso gera o quê? Inteligência.

"E não nos deixeis cair em tentação" Pessoal, olhem só: Deus não está preocupado se você come três ou quatro quindins. O que me aborrece nessa história é que o sujeito fica achando que isso aqui quer dizer que ele não pode comer uma caixa de Bis. Será que Deus fica preocupado se você comeu mais ou menos Bis?

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Será que alguém é capaz de manter esta ideia? A tentação que você tem que evitar – a única tentação que interessa (é essa tentação que está aqui): **é a tentação de achar que você pode fazer um mundo melhor do que Deus**. Porque este é o problema da tentação do sujeito de pé inchado. Ele fala assim, como o Ivan Karamazov: "Não é que eu seja contra Deus; o que eu acho chato em Deus é como Ele é incompetente. Que desgraça, que porcaria de mundo que Ele fez!" Essa é a posição do Ivan Karamazov, que acha que ele, mais o SUS, mais o INSS, mais o Aeroclube de Balsa Nova farão o mundo perfeito que Deus não foi capaz de fazer.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Eles argumentam que já que as pessoas são doentes e têm problemas de saúde, é só darmos todo o dinheiro que temos no bolso para o SUS. É assim que eles fazem. No fundo dizem isso porque querem tirar todo o dinheiro do seu bolso. Vocês compreendem que tudo isso se chama vaidade, soberba, *übris* em grego? É essa a desgraça número um da condição humana, que você rezando o Pai Nosso deveria tentar neutralizar em sua própria vida. Qual a tentação que não podemos ter? A de querer virar Deus, querer virar criador e esquecer que somos criaturas. Deus não está preocupado com quantos quindins você come.

ALUNA: [*Faz comentário sobre o livre arbítrio.*]

PROF. MONIR: Na verdade, o que o Pai Nosso estabelece são as condições para que a condição humana se realize na totalidade. Eu queria muito que vocês entendessem isso agora! Embora isso possa ser um código moral (em si, também é), ele é muito mais do que isso. O conjunto das condições que estão aí – e também as dos Dez Mandamentos – não são apenas orientações que você dá para o seu filho, tais como "Não *deixe de tomar o seu lanche".* Compreenderam? Não são orientações de natureza prática. São, sobretudo, a expressão simbólica de determinadas condições sem as quais a natureza humana não se realiza, ou seja, ela nunca sai da potência e vai para o ato. Ela permanecerá na potência a sua história toda, como diz Aristóteles.

E, para que a natureza humana se realize, é preciso que jamais imaginemos e nem pensemos que somos deuses. Deus nunca nos disse isso para nós. Jesus Cristo diz que nós seríamos **como** deuses, mas deuses não. Portanto, a

pretensão humana de ser isso tudo é a grande desgraça que nós queremos que Deus nos impeça de sofrer. Este é o sentido que parece estar implícito nisto aqui.

Também não é um pedido, segundo Santo Agostinho, para que nós não tenhamos tentações, mas é um pedido para **não cair** nas tentações. Porque ter tentação é fundamental! Se você não tem tentação, como você mostra o mérito de não ter caído nela? Compreendem? Senão nossa vida seria equivalente a de um poodle. Sem tentação nenhuma, a nossa vida seria equivalente a de um poodle.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Portanto, a existência da tentação é fundamental para que a nossa vida se realize. A tentação em si é importante, o que não pode acontecer é ter uma vida em que você fica caindo nelas. Por isso, sob o ponto de vista metafísico, no âmbito em que Deus está o demônio não é, de modo nenhum, negativo. O demônio é uma espécie de *personal trainer*.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: No âmbito metafísico! Tanto é que no *Livro de Jó* está claro que Deus permite que o diabo tente Jó – porque é essa, mais ou menos, a ideia. É claro que no nível físico e material o demônio é mau, é negativo, é ruim. Vejam bem: o diabo não pode ser inimigo de Deus, porque Deus não tem inimigos. O diabo só pode ser inimigo do homem, mas de Deus não. Estou fazendo aqui uma análise lógica do assunto, com argumentação filosófica. Não estou dando aula de religião para vocês, até porque não

tenho nenhuma competência para isso. Estou apenas mostrando como estas ideias todas fazem sentido quando você as olha de certo ponto de vista.

BEM-AVENTURANÇA	**SENTIDO**	**DOM**	**PAI NOSSO**	**SIGNIFICADO**
7. Os pacíficos	Reordenados	Sabedoria	*Mas livrainos do mal, amém.*	Tirainos da confusão em que já estamos.

PROF. MONIR: E finalmente, ser pacífico é ser reordenado. O dom é a sabedoria. "*Mas livrainos do mal, amém*". Ao pedir que sejamos livrados do mal, nós já temos que tê-la, não é? É pedir para que nós deixemos de ser confusos, que percamos a confusão. Que tenhamos clareza para entender as coisas.

Portanto, se você olhar para os Dez Mandamentos e para as bem-aventuranças com olhos um pouco mais profundos, você irá invalidar todas estas traduções politicamente corretas, estas traduções desta heresia cristã chamada Teologia da Libertação (que é uma facção herética do cristianismo). Nelson Rodrigues dizia que Dom Hélder Câmara[5] só olhava para o céu para

5 Nota da revisora de transcrição – "Dom Hélder Pessoa Câmara OFS (Fortaleza, 7 de fevereiro de 1909 — Recife, 27 de agosto de 1999) foi um bispo católico, arcebispo emérito de Olinda e Recife. Foi um dos fundadores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e grande defensor dos direitos humanos durante a ditadura militar no Brasil. Pregava uma Igreja simples,

saber se tinha que sair de guarda-chuva de casa, que não olhava pro céu por nenhuma outra razão. Todas estas interpretações sociológicas, politiqueiras, não parecem realmente ser capazes de aproveitar todo o potencial que há numa coisa como essa.

Se vocês, no entanto, chegaram até aqui, nós precisamos dar um passo a frente agora. Tendo feito este pequeno reparo, vamos continuar lendo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
6 Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça: porque eles serão fartos.	Cristo se refere aos amantes do bem imutável e verdadeiro. Estes serão saciados com a comida que é fazer a vontade de quem O enviou, que é a justiça, e com a água que virá a ser uma fonte de água em que salte para a vida eterna.

PROF. MONIR: E não aos amantes da propriedade da Araupel. Não é dos amantes da propriedade alheia que se está falando aqui, mas dos amantes da justiça e da verdade fundamental. Serão bem-aventurados aqueles que desejam saber.

---

voltada para os pobres, e a não-violência. Por sua atuação, recebeu diversos prêmios nacionais e internacionais. Foi o brasileiro por mais vezes indicado ao Prêmio Nobel da Paz, com quatro indicações." Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/H%C3%A9lder_C%C3%A2mara. Acesso em 05/10/2017.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
7 Bem-aventurados os misericordiosos: porque eles alcançarão misericórdia.	São bem-aventurados os que socorrem os miseráveis, porque têm por recompensa o serem libertados da miséria.

PROF. MONIR: Nós já fizemos um pouquinho de interpretação sobre isso. A gente deve ter capacidade de compaixão. O misericordioso é aquele que se coloca no lugar do outro. É fundamentalmente essa a ideia aqui.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
8 *Bem-aventurados os limpos de coração: porque eles verão a Deus.*	Quão néscios são os que buscam a Deus com estes olhos exteriores, uma vez que a Ele se vê com o coração. Coração limpo é o mesmo que coração simples; e, assim como esta luz não se pode ver senão por olhos limpos, tampouco podemos ver a Deus se não está limpo aquilo com que O podemos ver.

PROF. MONIR: Onde está a sujeira? No pé inchado. Nada impede tanto de ver as coisas como são do que levar nossas próprias ideias demasiadamente a sério. Veja que toda a fórmula da bem-aventurança é a fórmula da humildade. O que é que significa que você topa que o céu venha para a terra? Significa que mesmo que você não entenda bem porque é assim, mesmo que você ache que este mundo tem alguma imperfeição, é preciso ter alguma

admiração por isso. É preciso ter uma espécie de respeito cerimonioso por isso. É preciso ter humildade e dizer assim: "Não sei muito bem porque é assim, mas deve ser por uma boa razão".

Havia um filme circulando por aí, que agora saiu de moda, chamado *Quem Somos Nós* e este é um filme absolutamente equivocado. Quando o filme estava no auge eu fazia uma palestra, fiz em vários lugares, com função de saúde pública mesmo, com a minha função social de consertar a cabeça dos outros. Porque este é um filme que diz que o mundo é do jeito que você quer que ele seja. Porque você afinal de contas é uma espécie de Deus, e você então pode arbitrar sobre a realidade, se você quiser. É uma ideia tão infantil! As crianças têm essa ideia até os quatro ou cinco anos, depois elas desistem disso. No entanto, o mundo moderno completamente infantilizado continua acreditando numa coisa dessas.

Mas para os casos mais graves em que as pessoas ficavam muito impactadas pelo filme e se encontravam em grave estado de contaminação, eu recomendava que alugassem na locadora, na sessão infantil, um filme chamado *O Pequeno Milagre*. É a história de uma criança, de um menino chamado Simon Birch, que tinha uma vida tão ruim – nasceu surdo, torto, era quase cego... Olhem, a criança era tão horrorosa que tiveram que botar insulfilme no berçário! Os pais esqueceram a criança na maternidade. Mas este menino, apesar de ter todas as piores situações que alguém possa ter, achava que era daquele jeito por alguma razão. Ele não sabia qual era, mas sabia que aquilo tinha algum sentido. Pois achar que algo tem sentido, mesmo quando você não sabe, é o que significa, aqui na Bíblia, *ser pacífico.* É aceitar o que está à sua volta com uma confiança cega de que Deus fez

aquilo por alguma razão, que você não conhece, e que você eventualmente vai ter que esperar o tempo certo para que a razão seja revelada.

ALUNA: Outro filme bem infantil é *O Segredo*, não é?

PROF. MONIR: Pois é da mesma turma. Tomem cuidado com este negócio. Continuamos!

ALUNA: [*Lendo o Evangelho*]. *Bem-aventurados os pacíficos: porque eles serão chamados filhos de Deus.*

PROF. MONIR: São esses que são capazes de aceitar alguma coisa pacificamente, ou seja, têm a capacidade de submeter-se àquilo.

ALUNA: Antigamente se achava que se a criança nasceu com defeito ou algo assim, a culpa era dos pais, que tinham pecado. Era uma maldição.

PROF. MONIR: Não, não, mas isso já é outra coisa. Isso é uma espécie de espiritismo. Toda a tentativa de achar que o sujeito nasceu torto porque na outra encarnação passou com o automóvel por cima de alguém, isso tudo é gnosticismo. Não tem absolutamente nada com o que a gente está falando aqui.

ALUNA: Mas eu escutei isso no Colégio Divina Providência.

PROF. MONIR: Mas no Brasil é assim. Quando o René Guénon descobriu que aqui no Brasil tinha padre maçom, ele ficou três dias de boca aberta sem conseguir fechar a boca.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Há uma bula papal que diz se você é maçom, você está excomungado automaticamente, mesmo que ninguém saiba que você é maçom. Pois aqui no Brasil não tem padre maçom? Pois é, o Brasil não é critério para coisa nenhuma.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: O Brasil é realmente um país *sui generis*. Continuamos.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
9 *Bem-aventurados os pacíficos: porque eles serão chamados filhos de Deus.*	A perfeição reside na paz, em que não há resistência nenhuma. São pacíficos consigo mesmos os que, ordenando todos os movimentos da alma e submetendo-os à razão, isto é, à mente e ao espírito, e tendo domadas as concupiscências da carne, se transformam em reino de Deus, onde tudo está ordenado de modo que o que é principal e excelente no homem seja o que domine, sem oposição de tudo quanto temos em comum com os animais, e onde isto mesmo que prevalece no homem, a saber, a mente e a razão, está por seu turno submetido ao que lhe é superior, que é a própria verdade, o Filho unigênito de Deus. Pois não pode mandar nos inferiores aquele que não se submete ao superior. E é esta a paz que se dá na terra aos homens de boa vontade; esta, a vida do sábio perfeito e consumado.

PROF. MONIR: Que maravilha, não é? Vamos explicar aqui um ponto que talvez vocês não compreendam... Santo Agostinho separa a mente em espírito e razão. Essa é uma noção aristotélica. Aristóteles dizia que temos três funções da alma:

A Função Vegetativa que preside a vida, esta função também têm os animais e as plantas.

A Função Sensitiva que são nossos sentidos que captam o mundo externo e reagem a ele com desejo ou repugnância. Ao ver um copo de chope, por exemplo, você sente desejo. Ao ver um urso correndo em sua direção, você tem uma natural repugnância àquela aproximação. A alma sensitiva reage assim. Todas as nossas emoções pertencem à alma sensitiva. Os animais também a possuem. Seu cachorro também fica feliz quando você volta para casa, ou não fica. Mas uma das duas coisas acontecerá com ele.

E a terceira função da alma, segundo Aristóteles, é *a Função Racional*, que tem em si própria cinco funções. A Função Racional preside:

a. *Fronesis,* o saber viver. Portanto, quando você está se deparando com algum excesso emocional, por exemplo, você quer matar alguém que te deu uma fechada, quem diz para você não fazer isso é esta função, da sua alma racional, a *Fronesis – que o impede*.

b. *Techné,* a capacidade de produzir coisas. De onde vem a palavra técnica.

c. *Nous,* o espírito. De onde vem a palavra noológico. *Nous* é uma coisa que não é humana, segundo Aristóteles. Eu sempre explico *nous* dizendo que ele é como se fosse uma espécie de bisturi que o médico esqueceu dentro do corpo do paciente. Quer dizer, Deus quando nos fez esqueceu alguma coisa dentro de nós, algo que não é humano, que se chama intelecto ou *nous*. Antigamente, intelectual era um advérbio associado a essa ideia de espírito, mas hoje não é mais. Hoje é somente o sujeito que lida com ideias. Mas a palavra intelecto durante

quase todo o tempo era sinônimo de *nous*. *Nous* em grego, intelecto em latim, essas duas palavras significavam esta coisa transcendente que o ser humano tem, como se fosse um pedaço de Deus que foi esquecido dentro de nós.

d. *Episteme* é a arte da demonstração, a capacidade da mente de deduzir.

Segundo Aristóteles, todo o processo de raciocínio humano é dedutível. A indução não é um processo de raciocínio. A indução é um processo de coleta de dados. O próprio raciocínio é dedutível, de que o maior exemplo é o silogismo, um mecanismo de dedução.

e. A quinta e última função da mente racional é a *sophia,* a sabedoria. Para Aristóteles, *sophia* é a mistura da *episteme* com o *nous, o espírito*. Quando se junta matematicamente a capacidade de deduzir com a luz da verdade, você tem *sophia.* Quando você só tem a capacidade de dedução, você corre o risco enorme de raciocinar certo sobre ideias erradas.

A palavra mentira, não por menos, vem da palavra mente. O que é uma mentira? Mentira é uma história que não tem contradições internas, e que portanto parece verdadeira, mas que é falsa em si porque ela não passa no teste da verdade. Intuitivamente você sabe que aquilo é errado. No entanto sob o ponto de vista formal da apresentação das relações da ideia, a palavra mentira não tem contradições. Por isso o mentiroso é o sujeito que constrói histórias sem contradições. No entan-

to, aquilo que ele está dizendo é mentira, porque ele não tem *nous*, só tem episteme. As premissas são falsas, compreenderam? Por isso é que está errado. Portanto, quando Santo Agostinho diz para colocar na mente humana, está falando tanto de *nous,* o espírito, quanto da *episteme,* a razão.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
10 *Bem-aventurados os que padecem perseguição por amor da justiça: porque deles é o reino dos céus.*	De tão ordenado e pacífico reino foi lançado fora o príncipe deste século, que domina os perversos e desordenados. Composta interiormente e afirmada aquela paz, por mais perseguições que trame de fora o que fora foi lançado, não fará senão aumentar a glória que é conforme a Deus, sem derrubar nada daquele edifício nem conseguir, ao malograr nas suas maquinações, nada mais que patentear a grandíssima firmeza que há lá dentro.

PROF. MONIR: É para você não ficar reclamando por aí que você é perseguido. Ora, haverá coisa mais normal do que ser perseguido? Se Jesus Cristo foi perseguido, porque cargas d´água nós não seríamos? Nós que somos um nada! Não adianta ficar reclamando que não gostam de você, que o perseguem, que você é discriminado... Pois se Jesus Cristo, que é Deus, foi discriminado e foi perseguido – por que nós, com nossa porca vidinha, não

seríamos? Portanto, pare de ser bobo e de reclamar. É isso que está dizendo aqui. Os que sabem disso são bem-aventurados.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
11 *Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem, e vos perseguirem, e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por meu respeito.*	A partir daqui começa a dirigir-se aos presentes, conquanto o dito anteriormente também se aplicasse aos que O escutavam, e conquanto o que agora dizia aos circunstantes também se dirigisse aos ausentes e aos que ainda estavam por existir. Não basta suportar tais coisas para receber o prêmio; há que tolerá-las em nome de Cristo, e não só com paciência, mas também com alegria. Muitos hereges, que em nome de Cristo seduzem as almas, padecem tais coisas, mas são excluídos desta recompensa; porque não se disse simplesmente: *Bem-aventurados os que sofrem perseguição;* mas se acrescentou: *por amor da justiça;* e onde não há fé integral não pode haver justiça, porque o *justo viverá na sua fé.*

PROF. MONIR: Portanto, até então Ele não falou com quem está ouvindo, Ele falou genericamente. É só a partir deste momento que Jesus fala diretamente a quem está ouvindo seu sermão ao pé daquele monte.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
12 *Folgai e exultai, porque o vosso galardão é copioso nos céus: pois assim também perseguiram os profetas que foram antes de vós.*	Não basta suportar tais coisas para receber o prêmio; há que tolerálas em nome de Cristo, e não só com paciência, mas também com alegria. Muitos hereges, que em nome de Cristo seduzem as almas, padecem tais coisas, mas são excluídos desta recompensa; porque não se disse simplesmente: Bemaventurados os que sofrem perseguição, mas se acrescentou: por amor da justiça.

PROF. MONIR: Galardão é recompensa, glória...

Se você for um maniqueísta ou um ariano (que achava que Jesus Cristo não é Deus) e por este motivo for perseguido e morto, isso não quer dizer que você irá para o céu. Justamente porque você foi perseguido pela causa errada. A justeza da causa é fundamental para que aquela perseguição o transforme em bem-aventurado. É isto que ele está dizendo. Não é qualquer perseguido que vale. Então o coitado do Trotski, que recebeu do Mercader uma machadada na cabeça lá no México, por causa disso vai para o céu? Não, o Trotski não vai para o céu, porque embora tenha sido perseguido pelo Stalin, não o foi pela razão certa – ele teria feito a mesma coisa com Stalin, se fosse o contrário. O Trotski não tem nenhum mérito humano de nenhuma espécie, embora tenha sido morto de modo violento. Mas isso não o transforma num bem-aventurado.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
13 *Vós sois o sal da terra. E se o sal perder a sua força, com que outra coisa se há de salgar? Para nenhuma coisa mais fica servindo, senão para se lançar fora e ser pisado dos homens.*	Se vós, que de certo modo deveis condimentar os povos, deixais perder o reino dos céus por medo de perseguição, quem serão os que vos hão de tirar a vós do erro, tendo-vos Deus escolhido para libertar dos seus erros aos demais? Não é pisoteado pelos homens aquele que padece perseguição, mas sim aquele que, temendo a perseguição, fraqueja e perde a força. Ninguém pisoteia senão àquele que lhe está debaixo; e aquele que tem o coração voltado para o céu, por mais que sofra corporalmente na terra, não está debaixo de ninguém.

PROF. MONIR: É o que diz Frei Borromeu para o Dom Abbondio em *Os Noivos,* de Manzoni. O Padre Abbondio é um covarde e, para se resguardar da perseguição do Rodrigo (uma espécie de tirano), não quer casar dois jovens, o Renzo e a Lúcia. Chega uma hora em que o Frei Borromeu – que de fato existiu, é uma personagem histórica – diz assim para o Padre Abbondio: "Quem falou para você que em se tornando padre sua vida estaria preservada? Quem falou para você que ser padre significa não correr mais risco? Pois é justamente o contrário! Você está aqui justamente para isso. Para você morrer, se tiver que morrer. Portanto, deixe de frescura!"

O Gandhi pode achar que isso é difícil de cumprir, mas, se você pensar bem, quando você coloca essas coisas nos seus devidos lugares, elas não parecem tão impossíveis assim. São muito difíceis, mas não são inimagináveis.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
14 *Vós sois a luz do mundo. Não pode esconder-se uma cidade que está situada sobre um monte.*	Uma cidade edificada sobre uma justiça eminente, perfeita, figurada aqui pelo monte de sobre o qual está falando o Senhor.

PROF. MONIR: O monte no topo do qual está a sabedoria, portanto essa sabedoria divina não pode ser escondida de modo nenhum.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
15 *Nem os que acendem uma luzerna a metem debaixo do alqueire, mas põe-na sobre o candeeiro, a fim de que ela dê luz a todos os que estão na casa.*	Ninguém acende uma luz e a oculta? Ou encerra também o alqueire algum significado especial, de modo que pôr a tocha debaixo do alqueire seja o mesmo que pôr acima da pregação da verdade as comodidades do corpo, a ponto de deixar a um canto a pregação da verdade por temor de experimentar alguma perda nos bens corpóreos e temporais? É com propriedade que se diz *alqueire*. Assim, põe a luz sob o alqueire todo aquele que obscurece e cobre a luz da boa doutrina com vantagens de ordem temporal.

PROF. MONIR: Um alqueire, no sentido em que está aqui, é uma espécie de abajur com que você cobre a chama e diminui a intensidade com que a chama aparece. Aqueles que têm luz não devem escondê-la debaixo do abajur, mas deve colocá-la em cima do candeeiro para que seja vista por todas as pessoas.

Aqui, pessoal, uma coisa fundamental, pra nunca esquecer: Quando digo pra vocês que a natureza humana é tensional, eu estou na verdade dizendo que a tensão ocorre porque estamos sempre oscilando entre dois polos que são em si opostos. Temos a materialidade da nossa existência física e temos

uma espiritualidade, ou seja, uma imaterialidade ligada à nossa existência espiritual. Não adianta você querer ficar com só um dos dois lados, porque não pode ser. Os dois lados existem com a mesma importância. Portanto a vida humana é o que acontece enquanto você oscila entre esses dois polos. Esse é o sentido disso.

Toda a vez que alguém deseja aumentar a importância do polo material às custas do polo espiritual, ele está colocando a luz debaixo do alqueire, ou seja, debaixo do abajur. O contrário nunca acontece, porque embora esses dois polos sejam igualmente existentes, eles não têm a mesma importância. O polo imaterial, justamente por ser imaterial e não estar sujeito ao devir, à mudança, é necessariamente maior. O que são setenta anos de vida perto da eternidade? Logo, o polo imaterial necessariamente tem que subordinar-se ao polo material.

Essa é toda a história da mitologia grega. Quando vimos a *Teogonia*, vocês perceberam que Urano é o polo espiritual, o céu. A terra, Geia, neutraliza (não mata) Urano com a ajuda de seu filho Cronos, o tempo – o tempo só existe onde há matéria, porque onde não há matéria não há tempo. É por isso que é possível – já explicou Santo Agostinho em outro episódio – você ter o livre arbítrio e ao mesmo tempo Deus ter ciência de tudo.

A onisciência divina parece estar em contradição com o livre arbítrio, porque se você tem livre arbítrio, como é que Deus sabe o que você faz? Ora, se Deus sabe o que você faz, como é possível ter livre arbítrio? Essa contradição é meramente aparente, porque quem a faz está confundindo duas ordens de realidade: a ordem humana – que é uma ordem material, portanto, é uma ordem física, onde há tempo – e a ordem espiritual, onde Deus vive,

onde não há tempo nenhum, porque Deus não vive no tempo – logo para Deus, todas as coisas acontecem ao mesmo tempo.

O conhecimento que Deus tem é simultâneo. Mestre Eckhart dizia que Deus está fazendo o mundo neste momento. Para Deus não há a noção de tempo, por isso Ele permite que você escolha e não abre mão da Sua onisciência. Essas duas coisas existem em graus de realidade muito diferentes um do outro. A explicação para isso é a de Santo Agostinho, nas *Confissões*. A referência para isso está lá.

A nossa existência é uma existência contraditória e em oposição. Contava da *Teogonia*: quando Geia e Cronos castram Urano, é a matéria castrando o céu. Depois Zeus nasce e recupera a ordem. A vitória dos Olímpicos sobre os Titãs é a devolução da ordem que foi quebrada pela castração de Urano, o céu, pela terra. Portanto o governo que se estabelece após a vitória dos olímpicos – Zeus e seus cinco irmãos – contra os Titãs, que são seus pais e tios, é a vitória do espírito sobre a matéria. Vitória esta que está sendo novamente desafiada nos tempos modernos.

No fundo, você só entende a mitologia grega se você partir da ideia de que ela está explicitando essa polaridade entre o céu e a terra. É uma polaridade com a qual o cristianismo lida como nenhuma outra situação, porque para o cristianismo essas duas naturezas são legítimas. Como o cristianismo faz isso? Pela obra direta de Deus, pela genialidade com que se estabelece. Por isso é que ele é a religião do homem, segundo Mário Ferreira dos Santos.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
16 *Assim luza a vossa luz diante dos homens. Que eles vejam as vossas obras e glorifiquem a vosso pai, que está nos céus.*	O louvor deve existir para honrar não o homem, mas a Deus, como mostrou o Senhor quando Lhe levaram aquele paralítico, e quando as turbas, ao vê-lo curado, Lhe admiraram o poder, qual se escreve no Evangelho: *Temeram, e glorificaram a Deus, que deu tal poder aos homens.* [Mat., IX, 8].

PROF. MONIR: É preciso mostrar amor a Deus e não ficar usando essas coisas como vaidade, para você não sair das bem-aventuranças.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
17 *Não julgueis que vim destruir a lei, ou os profetas. Não vim a destruí-los, mas sim a dar-lhes cumprimento.*	Pois, se se realiza o que se acrescentou para maior perfeição, com mais razão se realizará o que havia já no começo.

PROF. MONIR: Isso é muito importante! O que Jesus está dizendo aqui é que está autorizado o Velho Testamento dentro do cristianismo, portanto o cristianismo incorporou o Velho Testamento no seu corpo doutrinal.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
18 *Porque em verdade vos afirmo, que enquanto não passar o céu e a terra, não passará da lei um só i, ou um til, sem que tudo seja cumprido.*	E, quando Cristo diz: *Não desaparecerá da lei um só iota,* não pode isto constituir mais que uma expressão enfática da perfeição, uma vez que se cumprirá perfeitamente a Lei em cada uma das suas letras. E por ser o iota a menor dentre todas as letras, escrevendo-se com um só traço, e por ser o ápice uma pequeníssima partícula que se lhe põe por cima, com aquelas palavras nos dá a entender o Senhor que na Lei até as coisas mais insignificantes têm de ser cumpridas.

PROF. MONIR: Esse "i" é o iota grego. O "ápice" que está em cima do iota é um sinal gráfico que indica o alongamento do som do i – pode ser um tracinho ou pode ser uma virgulazinha; há diversas notações em grego para essa mesma coisa. É isso que se chama de ápice. É um sinal gráfico para indicar um valor fonético diferente.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
19 *Aquele, pois que quebrar um destes mínimos mandamentos, e que ensinar assim aos homens, será chamado mui pequeno no reino dos céus; mas o que os guardar, e ensinar a guardá-los, esse será reputado grande no reino dos céus.*	Os mandamentos muito pequenos que são, por conseguinte, significados pelo iota e pelo ápice, e *aquele que violar um destes mínimos mandamentos, e assim os ensinar,* ou seja, enquanto os viola, não enquanto os encontra e os lê, *será considerado o mínimo no reino dos céus,* e por isso mesmo não estará talvez no reino dos céus, onde não podem estar senão os grandes; mas *o que os guardar e ensinar,* ou seja, aquele que não os violar e que ensinar precisamente a não violá-los, *esse será considerado grande no reino dos céus.* [Mat., V, 19]

PROF. MONIR: O que parece que está escrito aqui, sem olhar para os comentários de Santo Agostinho, é que aquele que desrespeitar as coisas minúsculas, não é que vai perder o reino dos céus, mas vai entrar por último na fila. Por isso é que não está aqui estabelecida a condenação daquele que for pequeno, mas este que é pequeno vai para o fim da fila. Santo Agostinho não entende assim. Santo Agostinho tem dúvidas, tanto é que ele escreveu **talvez**. Ele não tem coragem de dizer assim: “Estes que desprezaram o iota, estão fora”. Ele diz talvez, porque ele mesmo tem dúvida.

ALUNA: [*Dá uma outra interpretação para a frase.*]

PROF. MONIR: Não, aqui não é neste sentido. Jesus está dizendo que não veio para revogar nada, mas para fazer um patamar superior da Lei. Há uma lei dos judeus e uma lei dos cristãos: há uma primeira aliança e há uma segunda aliança. A segunda aliança é diferente da primeira – nós veremos daqui a pouquinho porque é diferente. Mas ele está dizendo que não é para jogar o que veio antes fora. Nem mesmo um pequeno iota com seu ápice, porque aqueles que fizerem isso, talvez não vão para o reino dos céus. Ele não está dizendo que estão fora, está dizendo que **talvez** não vão, porque ele também tem dúvida se isto não está implícito aqui dentro do texto bíblico.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
20 *Porque eu vos digo, que se a vossa justiça não for maior e mais perfeita do que a dos escribas, e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus.*	Se, além daqueles preceitos da Lei que iniciam o homem, não cumprirdes os que acrescentei eu, que não vim destruir a Lei mas cumpri-la, não entrareis no reino dos céus. A justiça dos fariseus limita-se ao não matar; a daqueles que hão de entrar no reino de Deus chega ao não irar-se sem motivo.

PROF. MONIR: Porque a justiça nova, essa que Jesus Cristo produz, é a que tem que ser atendida. Mas ela não exclui a anterior, apenas a aperfeiçoa e a modifica de alguma maneira, sem excluir nenhum pedacinho, nem o iota com seu ápice.

Muito bem! E aqui tem uma coisa de uma importância que eu não sei se consigo explicar pra vocês! Há três religiões abraâmicas. Só três e não haverá mais que três, nunca, jamais. Eu digo nunca, jamais, não porque eu conheço o futuro, mas porque a essência do assunto é a Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Se você olhar um pouquinho, você verá que cada uma destas três religiões abraâmicas – na ordem, o judaísmo, o cristianismo e o islamismo – correspondem a esses três aspectos.

O judaísmo é uma religião em que se vê Deus como uma autoridade paternal de um autoritarismo extraordinário. É o Pai na medida em que Ele é símbolo de autoridade. O cristianismo é uma religião do amor do Filho. O sujeito que veio aqui e deixou-se matar – trucidar, não é? – para que nós não tivéssemos mais o peso dos pecados. O sentido da morte de Jesus Cristo é que ele já pagou os pecados por nós e não cobrou nada por isso. Nossa principal função é aceitar isso. A coisa mais difícil que existe é que apareça um cristão que não ache estar devendo um trilhão na Caixa Econômica do Céu por causa disso. Jesus Cristo nos salvou sem pedir nada em troca. A terceira religião, o islamismo, a mais recente das três, é uma religião muito associada à ideia do Espírito Santo, por razões que não vamos debater por falta de tempo.

Portanto a religião nova que Jesus cria é uma religião de natureza misericordiosa. A pessoa de Jesus Cristo representa uma misericórdia que não existe na pessoa do Deus judaico pura e simplesmente. São pessoas muito diferentes. O que está escrito aqui neste pedacinho, que nos explica Santo Agostinho, é que no cristianismo, muito mais importante do que qualquer outra coisa, é aquilo que se chama de **intenção**. Isso é uma coisa tão extraordinária! Em seguida farei um paralelo com a cultura

grega. A intenção é de todas as coisas, a mais importante. Não há nada tão característico dos nossos atos do que a intenção com que eles são feitos.

Ao desviar o eixo da moral cristã – de um eixo de cumprimento de regras rígidas para o eixo da intenção, você descobre que esse cristianismo é muito mais humano do que a fórmula anterior. Mas a fórmula anterior tem que existir porque você precisa do contraste com a anterior para produzir a misericórdia. Eu não tenho a possibilidade de ter o colorido se eu não tiver o incolor. Eu não tenho a possibilidade de ter o novo se não tiver o velho. Eu tenho que ter a religião anterior porque preciso fazer esse processo de melhoramento por contraste com ela. Eu não posso simplesmente extinguir o que veio antes. É por isso que está tudo mantido –mantido e, de alguma maneira, aperfeiçoado. Por isso que é uma segunda aliança. Reparem como isso vai ficando claro agora.

ALUNA: [*Faz comentário de que na religião judaica Jesus Cristo* é visto como *um grande rabino.*]

PROF. MONIR: Também pensam assim os islâmicos. Há mais menções a Nossa Senhora no Corão do que no Novo Testamento, por mais incrível que pareça. Jesus Cristo é uma personagem importante no islamismo também, só que Ele não tem a dimensão ontológica que Jesus Cristo tem para o cristianismo, onde Ele é Deus em pessoa. Há uma diferença de dimensões. Mas não um desprezo, não uma desconsideração.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
21 *Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás: e quem matar será réu no juízo.*	Com efeito, é muito mais grave este último, o que mostra que há vários graus de condenação, do mais leve ao mais grave, ou seja, do juízo à geena do fogo.

PROF. MONIR: "Geena" é inferno em hebraico. Ele está dizendo que os pecados são progressivamente mais graves, portanto as condenações também são progressivas. Não há uma condenação única para todos os pecados. Ficará claro no próximo pedacinho.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
22 *Pois eu digo-vos: que todo o que se ira contra seu irmão, será réu no juízo. E o que disser a seu irmão: Raca, será réu no conselho: e o que lhe disser: És um tolo, será réu do fogo do inferno.*	Há graus, portanto, nestes pecados. No primeiro caso há, por conseguinte, um só elemento: a ira; no segundo há dois: a ira e a exclamação irada; no terceiro há três: a ira, a exclamação irada e, nesta, a expressão ofensiva. Eis pois os três estados do réu: o do juízo, o do conselho e o da geena.

PROF. MONIR: A palavra "*raca*" é um xingamento que significa vazio, imprestável.

São três graus de condenação diferentes. No conceito da Lei anterior é olho por olho, dente por dente. Ou seja, fez está errado. Não fez, está certo. Na nova Lei de Jesus Cristo, você desejou o mal, já está errado, mesmo que não o tenha feito. Você desejou o bem e fez errado, esse malfeito merece misericórdia.

Entenderam a diferença entre as duas Leis? A Lei antiga vai pela aparência, por isso é possível ser muito hipócrita pela Lei antiga, pois consigo ser um fariseu, no sentido negativo de hipocrisia. Eu finjo bem e me safo. Pela Lei nova, não. Se estiver fingindo, estou muito mal desde o início. Pode ser que eu tenha feito uma coisa errada, mesmo que eu tenha feito com bom coração. Pois esse engano que cometi pode ser perdoado, porque a intenção era boa. Ele está mostrando aqui que a diferença da velha para a nova Lei está fundamentalmente na sua intenção.

****

INTERVALO

****

PROF. MONIR: Santo Agostinho está fazendo comentários sobre todos os versículos do Sermão da Montanha que está *no Evangelho de São Mateus* capítulos 5, 6 e 7 – são três capítulos inteiros que são chamados de *Sermão da Montanha*. O que é importante entender é que Santo Agostinho está dizendo que Jesus Cristo estabelece uma nova aliança. Esta nova aliança está estabelecida por um critério novo, o critério da intenção. A intencionalidade é tudo. Enquanto a aliança anterior era baseada na aparência, ou seja, no modo como as coisas parecem que são, Jesus Cristo está nos dizendo que o que interessa agora é como as coisas são no fundo. Isso faz com que aquele

que consegue esconder as suas verdadeiras intenções perca quando as intenções são más e ganhe quando as intenções são boas.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
23 *Portanto, se tu estás fazendo a tua oferta diante do altar, e te lembrar aí que teu irmão tem contra ti alguma coisa: 24 deixa ali a tua oferta diante do altar e vai-te reconciliar primeiro com teu irmão: e depois virás fazer a tua oferta.*	A isso mesmo se refere o que se diz alhures: *Não se ponha o sol sobre a vossa ira.* (...) e devemos ir não precisamente com os pés do corpo, mas com movimento da alma, a prostrar-nos com humilde afeto diante do irmão, para o qual teremos voado nas asas de um terno pensamento, na presença d'Aquele a quem temos de fazer a oferta. Igualmente, se ele estiver presente, poderás sem nenhum fingimento apaziguá-lo, e atraí-lo novamente para a amizade, pedindo-lhe perdão, se antes tiveres feito isto na presença de Deus, dirigindo-te até ele não com o lento ir do corpo, mas com o velocíssimo afeto do amor. E ao voltares, ou seja, ao tornar-te a intenção ao que tinhas começado, farás a tua oferta.

PROF. MONIR: Santo Agostinho diz que esse item é alvo de muita confusão, porque ele acha inconcebível que alguém ache certo largar tudo ali e viajar três mil quilômetros – porque seu inimigo está em Manaus – e voltar de

Manaus para continuar a fazer sua oferenda. Propõe então Santo Agostinho uma outra interpretação para isso. Prestem atenção.

A frase "*Não se ponha o sol sobre a vossa ira"* significa que você não pode dormir com ira sobre alguém. Você não deve guardar rancor de ninguém. Este é o ponto. A questão não é tanto você ir pedir desculpas, mas de não ter mais rancor no seu coração. Também vale você pedir desculpas pro seu irmão falando com Deus. Não precisa procurar a pessoa fisicamente para fazê-lo. Às vezes isso pode não ser possível.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
25 Concerta-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás posto a caminho com ele: para que não suceda que ele adversário te entregue ao juiz, e que o juiz não te entregue ao seu ministro: e sejas mandado para a cadeia. 26 Em verdade te digo, que não sairás de lá, até não pagares o último ceitil.	Quem é o inimigo de que nos exorta o Senhor a tornar-nos amigos, enquanto estamos com ele no caminho. Não pode ser senão o diabo, ou o homem, ou a carne, ou Deus, ou o preceito de Deus. Ao diabo não nos ordena a mostrar benevolência. Também não podemos concordar com quem já renunciamos e declaramos guerra, nem havemos de consentir aquele que, para não cairmos jamais neste abismo de misérias, nunca deveríamos ter consentido. Quanto aos homens, se alguém prejudica a outrem a ponto de causar-lhe a morte, já não poderá ficar bem com ele, pois não estão no mesmo caminho, nesta vida; nem por isso deixará de ficar em estado de graça se se arrepender e se refugiar, pelo sacrifício, na misericórdia de Deus. Como ser benévolo com a carne, quer concordando com ela, quer a consentindo; porque os pecadores são antes os que amam a sua carne, concordando com ela e consentindo-a, ao passo que os que a reduzem à servidão não só não a consentem como a obrigam a consenti-los. Assim, Quem quer que neste caminho, nesta vida, não se reconcilie com Deus pela morte de Seu Filho, por Deus será entregue ao Juiz, porque o Pai a ninguém julga, mas deu ao Filho todo o poder de julgar. [Jo., V, 22]

PROF. MONIR: “Ceitil” é uma quantidade muito pequena de dinheiro. Uma ninharia. No tempo em que o padre traduziu isto, a moeda real, que era a moeda de Portugal, tinha na sua menor fração o ceitil. Esse padre Antonio Figueiredo é do tempo do Marques de Pombal. O ceitil aqui significa que você não sairá da prisão enquanto não tirar da sua alma o último vestígio de ódio e raiva. Porque é isso só que permite que você possa se liberar desta dívida para com o outro.

Reconciliar-se com Jesus é perder todo o ódio do coração. Toda a ira, todo o ódio, jogar fora.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
27 *Ouvistes que foi dito aos antigos: Não adulterarás.* 28 *Eu porém digo-vos: que todo o que olhar para uma mulher cobiçando-a, já no seu coração adulterou com ela.*	A justiça menor proíbe que se cometa adultério pela união dos corpos; a justiça maior do reino dos céus, no entanto, proíbe se cometa adultério já no coração. E quem não comete adultério no coração, este muito mais facilmente consegue não cometê-lo com o corpo. Quem pois deu este preceito confirmou aquele, porque Ele não veio para destruir a Lei, mas para cumpri-la.

PROF. MONIR: O que foi escrito no Antigo Testamento ainda vale. No cristianismo, a Lei seguinte, vale a intenção, não a ação apenas. Uma lei que impeça a ação maligna já é uma boa lei, porque essa é a lei civil. Quando você é condenado por um assassinato? Quando você matou alguém.

Desejar matar alguém, o que é normal e faz parte da vida humana – se alguém que te fechou na rua, você pode ter esse pensamento – não leva você a ser perseguido criminalmente, mas para o cristianismo é ruim. Este ódio que você sentiu de alguém a ponto de querer matá-lo, você tem que tirar isso seu do coração. Compreenderam a diferença da velha e da nova Lei? A velha Lei é apenas formal, a nova não.

A justiça menor é a do Velho Testamento.

Além de não cometer adultério materialmente, não se deve ter nem a intenção de cometê-lo. Porque a intenção no Novo Testamento, na Lei nova, é tudo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
29 *E se teu olho direito te serve de escândalo, arranca-o, e lança-o fora de ti: porque melhor te é que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado no inferno.*	É este, portanto, o sentido: Qualquer coisa que ames a ponto de estimá-la como a teu olho direito, se te escandaliza, ou seja, se te impede de alcançar a verdadeira bem-aventurança, arranca-a e afasta de ti, porque te convém perder o que amas por te ser tão íntimo como um dos teus membros, para que não te vá o corpo inteiro para o inferno.

PROF. MONIR: Aí é que está o problema da interpretação da moral cristã, pois quem o faz ao pé da letra – o que é muito comum nessas seitas –

certamente acharia que seria um olho real e concreto e que deveria fazer um esforço de automutilação. Pois Santo Agostinho interpretará isso de modo mais simbólico. Se você é alcoólatra, tire o alcoolismo. Não quer dizer que você deve tirar a língua para não sentir mais o gosto da cerveja. Trata-se, portanto, de uma escolha entre duas coisas.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
30 *E se a mão direita te serve de escândalo, corta-a e lança-a fora de ti: porque melhor te é que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo vá para o inferno.*	Diz-se que o conselheiro nos escandaliza nas coisas divinas quando diligentemente nos tenta fazer cair nalguma perniciosa heresia sob pretexto de religião ou sabedoria. Paralelamente, por *mão direita* deve entender-se o coadjutor querido ou o ministro das obras espirituais; porque, assim como o olho representa a contemplação, assim a mão denota a ação, referindo-se a esquerda às obras necessárias para esta vida e para o corpo.

PROF. MONIR: Esse conselheiro a que ele se refere é conselheiro genericamente, mas é, sobretudo, o olho esquerdo. Porque aqui é preciso que vocês compreendam que há toda uma simbologia do direito e do esquerdo aqui. Lembram que temos de partir de uma ideia de polaridade? Senão a gente não entende o cristianismo. O cristianismo trata com seres que estão tensionados entre o céu e a terra. Isso são os seres humanos.

O lado direito trata do céu e o esquerdo trata da terra. Sempre é assim. A ideia de esquerdo e direito em muitas línguas tem esta conotação. Por exemplo, a esquerda em italiano chama-se *sinistra.* Há uma ideia de que na palavra "à esquerda" você tem uma ligação com a terra e em "à direita" uma ligação com o céu. O direito está sempre falando do céu e o esquerdo sempre está falando da terra, na simbologia bíblica. Logo, não são palavras escolhidas de modo inocente, mas elas têm um sentido em si próprias que tem que ser preservado.

O olho é contemplação, a mão é ação. O olho direito é o olho que vê as coisas do espírito e a mão direita é a que faz as coisas do espírito. O olho esquerdo e a mão esquerda estão associados às coisas da terra. Portanto na Bíblia sempre será esta a simbologia que você deve interpretar: o direito associado ao céu e esquerdo associado à terra.

Não há nenhuma diferença essencial entre a teologia grega e a teologia cristã – apenas uma diferença de formato porque, afinal de contas, são povos muito diferentes. Mas a essência das duas coisas é a bipartição que há, e que é completamente comum em toda a natureza. O pai representa o céu, a mãe representa a terra. Toda a existência humana é assim.

Ontem, na palestra do Luc Ferry, depois que ele propôs que não haja qualquer espécie de religiosidade presidindo a vida, ele disse assim: "No fundo, a instituição que interessa é a família". Mas o que ele não tem a menor ideia – porque ele não conseguiu nem fazer este raciocínio –, ele não compreende que essa ideia de família (mesmo quando ela não tem filhos) é uma ideia essencialmente sagrada, porque a família é o casamento do céu com a terra.

A terra que a mulher representa concretamente, materialmente, que é a nossa existência no polo material e o espírito que o homem representa, que o pai representa. Ora, o que é o casamento? Nada mais é do que uma expressão humana do casamento do céu com a terra, que é como a condição humana se estabelece na sua plenitude. Logo não é possível entender o casamento apenas pelo aspecto reprodutivo, muito menos como apenas um acordo comercial, muito menos como uma espécie de circunstância erótica. A instituição casamento é uma instituição religiosa. Portanto, por mais que você tente fazer todos os contornos ao assunto, como faz Luc Ferry, qualquer lugar onde você se agarre, seja qual for a boia na qual você pule, você vai encontrar um fundo religioso. O que esse pessoal não entende é que a sociedade humana é produzida religiosamente.

Nós vamos ter aqui no nosso programa o livro de T. S. Elliot, *Notas para uma Definição de Cultura,* em que ele vai nos dizer assim: "A cultura, qualquer que seja ela, é uma invenção religiosa". Chesterton nos conta como dois sujeitos param de brigar. Duas tribos não param de brigar porque fazem um acordo social, como diz Rousseau. Elas param de brigar porque dizem assim: "Este solo é sagrado e não convém que a gente brigue aqui em cima". Ponto. Acabou a briga.

Não há possibilidade social sem o processo religioso e sagrado por trás. Não existe isso! Não há sociedade humana que não tenha uma mediação do sagrado. É impossível! É por isso que não adianta ficar dizendo que a família é a solução, porque a família nada mais é do que uma forma do sagrado. É uma forma social do sagrado, como outra qualquer. Não ter filhos é apenas

circunstancial. Na prática, na prática, tanto faz. Os filhos são um acidente. Dentro desta conotação da família, como tal, os filhos são acidente. A família em si própria permanece, mesmo sem filhos. Continua sendo uma família.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
31 *Também foi dito: Qualquer que se desquitar de sua mulher, dê-lhe carta de repúdio. 32 Mas eu vos digo: que todo o que repudiar a sua mulher, a não ser por causa da fornicação, a faz ser adúltera: e o que tomar a repudiada, comete adultério.*	O senhor, assim, ao confirmar aquilo para que a esposa não seja facilmente repudiada, excetua tão-só o caso de fornicação; todos os demais defeitos, se os tiver, ordena lhe sejam valorosamente suportados, em atenção à fé conjugal e para a preservação da castidade; e também chama de adúltero o varão que toma a mulher repudiada por outro. Donde se segue que, seja ela a que abandona ou a que é abandonada, deverá permanecer sem marido, a não ser que se reconcilie com aquele de quem está separada. (...) aos antigos devemos tê-los em conta para distinguir as diversas etapas da dispensação da Divina Providência, que vem em ajuda do gênero humano com a sua ordem, e não para extrair deles normas de vida.

PROF. MONIR: Está lá na Bíblia – pode mandar a mulher embora, contanto que você dê uma carta para ela, dispensando. Está lá escrito na Bíblia.

ALUNOS: [*risos*]

ALUNA: E para o homem?

PROF. MONIR:Para o homem não diz nada. Mas o Santo Agostinho acha que vale para os dois.

ALUNA: Oba!

PROF. MONIR: Aqui há que se fazer uma observação muito importante. A palavra "fornicação" em português é entendida como "adultério", como uma relação sexual ilegítima. Isto não está em Santo Agostinho, mas o padre Pereira de Figueiredo diz que isso está errado, porque a palavra grega para fornicação – de onde veio a nossa tradução, que é do Novo Testamento - é "*porneia*". *"Porneia"* é fornicação, adultério em grego. Mas a palavra "*porneia"* não é a mesma coisa que a palavra "*azona",* que em hebraico significa "casamento ilegítimo". Quer dizer que ao traduzir do grego o Novo Testamento, surgiu a tendência de se usar esta palavra como sendo adultério. Mas na prática, quando você vai para o original hebraico, onde o Velho Testamento está escrito, significa que a única forma pela qual o casamento poderia ser anulado é se ele tivesse, **antes** de ser feito, restrições que não foram levadas em conta. Ou seja, naquela que seria a melhor tradução disso aqui, considerando o original hebraico, o casamento seria indissolúvel até mesmo em caso de adultério. Santo Agostinho não percebe isso porque ele está usando a tradução da obra que estava em grego, usando a palavra "*porneia*". Santo Agostinho não sabe hebraico. São Tomás de Aquino também não sabia grego e por isso o que ele sabia havia sido traduzido ou do árabe, ou do latim. Por não saber hebraico, Santo Agostinho

não consegue entender que o sentido de formicação não seja o sentido de adultério como está no grego (*porneia*), mas talvez um sentido muito mais simples ainda – por exemplo, que o casamento pode ser anulado se for provado, por exemplo, que os dois noivos são parentes de sangue, tendo portanto uma impossibilidade de natureza genética. Logo, esta regra aqui pode ir mais fundo e levar à conclusão de que o casamento é indissolúvel sob o ponto de vista da moral cristã.

As viúvas estão obviamente isentas da restrição de permanecer sem marido.

"*Os antigos",* quem são? Os seguidores do Velho Testamento. No Velho Testamento está escrito que se não quiser a mulher, é só mandar embora. Ora, o que se está dizendo é que isso não é para seguir como se fosse uma regra de moral. Por isso que não se consegue, jamais, entender uma religião quando se fica pegando pedacinhos. Aí vem um idiota e diz assim: "Porque o islamismo é isso e aquilo, porque tem aqui uma frase que diz assim...", e não leva em conta que tem mais trinta e duas outras frases que são contrárias àquela. O mesmo acontece com o fundamentalista cristão que vê lá no livro que está proibida a transfusão de sangue. Pronto! O filho está morrendo e o sujeito não autoriza a criança a receber uma transfusão. Por que ele acha isso? Porque ele está olhando para um pedaço da história, e as religiões não são compreensíveis por pedaços e segmentos isolados. As religiões são compreensíveis no conjunto da sua doutrina. Por esta razão, que é, digamos, perigoso você empreender um processo de ler a Bíblia sem professor – não estou dizendo para você fazer um curso de catecismo por aí. Estou dizendo para você pegar Santo Agostinho, São Tomás, Santo Anselmo, para você pegar os grandes comentaristas para ajudá-lo. Eles passaram a vida inteira tentando entender essas coisas e eles são mais espertos do que nós. É muito

importante na apreciação de uma religião como o cristianismo você não pressupor que o texto está automaticamente esclarecido, como fazem alguns desses crentes que acham que há uma luz interior no ser humano capaz de fazê-los compreender tudo automaticamente. Isso não é verdade. Reparem que há uma porção de coisas que tem que ser entendidas na sua verdadeira medida. E é por isso que uma religião como o cristianismo precisa dos comentaristas. É por isso que é preciso você prestar atenção no que dizem pessoas como Santo Agostinho.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
33 *Igualmente ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso: mas cumprirás ao Senhor os teus juramentos.* 34 *Eu porém vos digo, que absolutamente não jureis, nem pelo céu, porque é o trono de Deus:* 35 *nem pela terra, porque é o assento de seus pés: nem por Jerusalém, porque é a cidade do grande rei: 36 nem jurarás pela tua cabeça, pois não podes fazer que um cabelo teu seja branco ou negro.* 37 *Mas seja o vosso falar, sim, sim: não, não; porque tudo o que daqui passa, procede do mal.*	A justiça dos fariseus consiste em não perjurar, e ela confirma-se por Aquele que proíbe jurar, o que pertence já à justiça do reino dos céus; porque, assim não pode mentir aquele que não fala, assim tampouco pode perjurar aquele que não jura. Assim ensina o Senhor que não há nada tão desprezível entre as criaturas de Deus por que se possa perjurar, uma vez que todas, desde a mais alta até a mais baixa, desde o trono de Deus até um cabelo branco ou preto, são regidas pela divina Providência. Por isso não disse o Senhor: Tudo que daqui passa "é mau" (pois que não procede o mal aquele que usa bem do juramento, o qual juramento, conquanto não seja bom, pode ser todavia necessário para persuadir a outrem do que lhe é útil a ele próprio), mas sim *procede do mal*, ou seja, daquele por cuja fraqueza te vês obrigado a jurar.

PROF. MONIR: Olhem que interessante isso! Você não deve jurar, de modo nenhum. Os antigos diziam "não jureis em falso". Mas não jure de jeito nenhum. Porque isso de jurar só existe por uma única razão, explica Santo Agostinho: porque o outro lado que está falando com você é inseguro e incapaz de aceitar a sua palavra. Já que o outro lado é que tem um problema, ou seja, o sujeito do lado de lá é que não tem segurança para acreditar no que você diz e ele obriga que você jure. E jurar é sempre ruim por causa disso. Não jure, apenas diga o que é: sim, sim ou não, não. Jurar é besteira. Quem é você para jurar isso ou aquilo? Você nem sabe de que cor ficará seu cabelo, não consegue nem controlar isso. É claro que no tempo de Santo Agostinho não existia essas pinturas de cabelo...

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Mas não é por isso que fica ilegítimo o que ele está dizendo.

Entenderam? Quando ele diz que *procede do mal,* ele não quer dizer que do mal em si, mas do fato de que determinadas pessoas são tão fracas que só conseguem acreditar se você jurar. Nesse sentido é que procede do mal, da insuficiência do outro, da fraqueza do seu interlocutor.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
38 *Vós tendes ouvido o que se disse: Olho por olho, e dente por dente.*	A justiça menor dos fariseus consiste em não passar de determinado limite na vingança, para que não se devolva mais mal do que se recebeu, e este é já um excelente degrau. Sim, porque não se encontra facilmente quem se contente em dar uma só bofetada àquele de quem recebeu uma, nem quem se limite a proferir uma só palavra injuriosa, sem exceder-se, àquele que lhe dirigiu anteriormente uma, seja porque, perturbado pela ira, se comporta imoderadamente, seja porque julga que o que ofendeu primeiro deve receber pena maior do que a de que foi vítima ele próprio, que não fizeram mal a ninguém. (...) Esta atitude já foi coibida em grande parte pela lei, ao ditar: *Olho por olho, e dente por dente*, palavras que encerram moderação, e cujo fim era que a vingança não ultrapassasse a ofensa. É este o caminho da paz; a sua perfeição, todavia, está em rejeitar absolutamente toda a vingança. (...) Aquele que veio não para destruir a lei, mas para cumprila, levou à perfeição essa justiça inicial, fazendoa não severa, mas misericordiosa.

PROF. MONIR: Vocês entenderam que o "*olho por olho, e dente por dente*" é um limitador para que a resposta a uma injustiça não seja maior do que a própria injustiça? É um limitador em si.

Pessoal, aqui tem uma coisa importantíssima para explicar para vocês! A mesma modificação da velha lei do "olho por olho, dente por dente" para a ideia da misericórdia, que é a ideia de perdoar quem ofendeu você, é exatamente a mudança que há na cultura grega de Têmis para *Dik*é. Nós já vimos isso aqui na trilogia *Oréstia* de Ésquilo. Nós lemos *Eumênides*, a terceira peça, em que acontece exatamente isto: as Erínias, que são as fúrias vingadoras dos pecados, são convencidas por Palas Atena a aceitar um julgamento humano que inocenta Orestes com o voto da Minerva (ou seja, da Palas Antena), quando então foi instituído o "voto de minerva". Palas Atena, para resolver o empate de seis a seis, dá o seu voto a favor de Orestes, inocentando-o da morte da mãe, Clitemnestra. Pois esta história foi contada lá na cultura grega, na trilogia *Oréstia* – que é uma maravilha! Diz Aristóteles que sob o ponto de vista de forma é a peça mais bem escrita em todo o mundo grego. E Aristóteles conheceu não só as trinta e três que sobraram para nós lermos aqui, como conheceu as trezentas e poucas que estes três grandes trágicos escreveram. Portanto, é uma opinião muito importante. Lá na Oréstia acontece a mesma coisa que acontece aqui. É exatamente o mesmo processo. Quando finalmente as Fúrias submetem-se àquela misericórdia, que é o julgamento de Orestes no aerópago, nesse momento Têmis*,* que é a justiça do "olho por olho*,* dente por dente", isto é, a justiça cruel no sentido de retribuição pura, tem que se submeter ao nascimento de uma outra justiça chamada *Diké*. Na mitologia grega, Têmis é mãe de *Diké*. A justiça humana e misericordiosa é filha da justiça cruel. Exatamente do mesmo modo que a justiça do Velho Testamento – "olho por olho, dente por dente" – é mãe, de alguma maneira, da justiça do Novo Testamento. Perceberam que paralelo extraordinário? É isso que Jesus está ensinando, ele está fundando a *Diké* sob o ponto de vista judaico-cristão, não sobre o ponto de vista grego. Será que eles conversaram? Combinaram?

Não, porque as coisas não são assim. No fundo, no fundo, há uma espécie de ordem cósmica que acaba se manifestando em todos os lugares. Ela vem de um jeito ou de outro.

Não se esqueçam nunca do que vou dizer agora: A cultura ocidental, tal como a conhecemos, é uma mistura de quase cem por cento de cristianismo e helenismo. Se você quiser entender o mundo ocidental, basta você compreender que ele é o resultado da mistura dessas duas coisas. Devemos nossa ancestralidade à cultura judaico-cristã e à cultura helênica. Somos basicamente isso. Talvez uns dez por cento que não estão nessa conta seja atribuível aos outros.

ALUNA: [*Faz pergunta.*]

PROF. MONIR: Têmis é a justiça velha, aquela que vinga. O sujeito matou a tia do outro, o outro pode matar a tia dele também. É mais ou menos isso, é essa a ideia. Essa justiça velha, do olho por olho e dente por dente, equivale no mundo grego à justiça da deusa Têmis, que na história *Oréstia* é representada pelas Fúrias ou Erínias. As Fúrias ou Erínias são três mulheres diabólicas – sendo a mais conhecida a Megera – que passam a vida inteira no fundo do inferno, no Tártaro, e ficam infernizando os pecadores, contando para eles tudo o que fizeram de ruim, não lhes dando um minuto de sossego – a não ser contar o tempo todo, o tempo todo, o tempo todo. É, portanto, completamente natural que estas personagens diabólicas sejam personificadas em mulheres, não é? Porque não poderia ser de modo nenhum um homem a fazer esta função, não é? Seria completamente inadequado...

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: As mulheres ficam lá: "No dia 13 de maio de 1985 você olhou pra outra mulher no posto de gasolina; no dia 16 de outubro de 1948 você esqueceu o meu aniversário; no dia 15 de abril...." Quem quiser saber o que são as Erínias, é só se lembrar disso. As três Erínias são Alecto, Megera e Tisífone. Mas há algumas obras em que elas são muitas. Na *Oréstia* o coro da peça é feito de Fúrias.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
39 Eu porém digo-vos, que não resistais ao que vos fizer mal: mas se alguém te ferir na tua face direita, oferece-lhe também a outra. 40 E ao que quer demandar-te em juízo, e tirar-te a tua túnica, larga-lhe também a capa. 41 E se qualquer te obrigar a ir carregado mil passos, vai com ele ainda mais outros dois mil. 42 Dá a quem te pede, e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes.	Mas por acaso pensamos que disse: Vai com ele mais outros dois mil só por dizer? Ou será que quis completar o número três – número que denota perfeição – para que todo aquele que assim proceder se lembre de que pratica a justiça perfeita ao suportar misericordiosamente as fraquezas daqueles cuja salvação deseja? Além disso, pode-se observar que também por este motivo insinuou tais preceitos em três exemplos: primeiro, se alguém te ferir na face; segundo, se alguém te quiser tirar a túnica; terceiro, se alguém te obrigar a dar mil passos, tendo, neste terceiro exemplo, acrescido o dobro à unidade para completar o triplo.

	Sim, porque qualquer que seja o significado da face direita, é patente que é algo mais apreciado que o significado da face esquerda; e que aquele que tolerou um agravo no que lhe é mais caro faz menos se o tolera em algo que não aprecia tanto. Depois nos diz que temos que dar a capa a quem nos queira tirar a túnica, o que ou equivale meramente a dar a capa, ou o supera um pouco, sem chegar, todavia, a ser-lhe o dobro. Quer isso dizer que, seja menor que a anterior a nova ofensa que nos fazem, seja igual a ela, seja, ainda, maior que ela, devemos sempre tolerá-la com espírito sereno.
	Diz: a todo aquele que te pedir, e não àquele que te pedir tudo, de modo que dês o que possas sem faltar à honestidade nem à justiça. E que dizer daquele que peça dinheiro emprestado para oprimir um inocente? E daquele que pretenda um ato de fornicação? Não prosseguirei, pois não terminaria nunca; basta-me dizer que deves dar de modo que não prejudiques a ti nem ao próximo, dentro do que o homem pode conhecer com probabilidade ou com certeza; e a quem negares algo justamente, fá-lo ver a justiça da tua negativa, para não o despedir deixando-o sem ciência. Assim darás sempre algo a todo aquele que te peça, ainda que nem sempre lhe dês o que te pedir, e alguma vez lhe darás algo melhor que o que se te peça, se conseguires corrigir coisas injustas a quem o pede.

PROF. MONIR: Notem sempre que direito e esquerdo nunca é gratuito e que o direito é sempre mais importante que o esquerdo.

O número três é um número simbólico e aí vocês veem como Santo Agostinho é platônico e como Platão é pitagórico. Pensando nas origens desse discurso, quem na história do mundo das idéias defendia o valor simbólico dos números? Pitágoras. Ele não se parece com os outros pré-socráticos, de modo nenhum. Ele não representa o início de nada, representa na verdade o fim de uma tradição muito grande que veio se perdendo ao longo da história. E Pitágoras dizia que os números têm representação.

O que o número três representa? É o seguinte: as coisas existem por opostos. Existe o colorido e o descolorido, o frio e o quente. Eu não disse pra vocês aqui, várias vezes hoje, que a condição humana é representada por dois polos opostos? Há uma polaridade, uma dualidade entre o céu e a terra, representada pelo número dois. No entanto, esses polos não são completamente separados, mas se relacionam entre si. Ora, entre esses dois, céu e terra, há uma terceira natureza ou existência, que é a relação entre eles. Portanto, o dois só se materializa no três. O dois é par, o três é impar. O dois gera o três por necessidade lógica de haver uma relação entre eles. Portanto, se vivemos dessa maneira, nessa polaridade entre céu e terra, nossa vida é o trânsito entre esses dois polos. A vida humana é o que acontece na área que está entre o polo superior e o polo inferior. Por isso Santo Agostinho está dizendo aqui, platonicamente – logo, pitagoricamente –, que Jesus está usando simbolicamente o número três como meio de contar um pouco melhor isso que estou contando para vocês, com palavras diferentes de Santo Agostinho. Reparem como faz sentido agora!

ALUNO: [*Lendo*] *Além disso, pode-se observar que também por este motivo insinuou tais preceitos em três exemplos: primeiro, se alguém te ferir na face; segundo, se alguém te quiser tirar a túnica; terceiro, se alguém te obrigar a dar mil passos, tendo, neste terceiro exemplo, acrescido o dobro à unidade para completar o triplo.*

PROF. MONIR: Isso explica porque Ele fala assim: já que querem que você dê mil passos, dê ainda mais dois mil, porque dois mil mais um mil dá três mil – volta a simbologia do três. Portanto, o que Santo Agostinho está fazendo? Está interpretando a fala de Jesus Cristo sob o sentido simbólico. Essa simbologia, não a sabe Jesus Cristo porque estudou com os pitagóricos. Não é porque Ele foi para a Índia fazer um curso secreto, ou porque fez um curso técnico por correspondência, mas porque essas simbologias são naturais e implícitas à condição humana. Nós as percebemos por intuição, porque intuímos a simbologia, mas nem sempre nos damos conta conscientemente dela. Por isso aqui está Santo Agostinho dizendo que há aí uma simbologia pitagórica implícita. Não porque Jesus seja pitagórico! Por favor, não entendam isso! Mas porque a simbologia que os pitagóricos nos apresentam é a simbologia da estrutura da realidade. Ela não é pitagórica em si própria, mas é pitagórica na medida em que é enunciada pelos pitagóricos. Mas não porque seja em si pitagórica, porque não é.

ALUNO: [*Lendo*] *Sim, porque qualquer que seja o significado da face direita, é patente que é algo mais apreciado que o significado da face esquerda; e que aquele que tolerou um agravo no que lhe é mais caro faz menos se o tolera em algo que não aprecia tanto.*

PROF. MONIR: Levar um tapa na face esquerda é menos grave do que na face direita, porque a face direita simbolicamente representa as coisas do céu e a face esquerda simbolicamente as coisas da terra. É sempre assim, tem o tempo todo essa simbologia. Se você não entende isso, você não entende o Sermão da Montanha.

ALUNO: [*Lendo*] *Depois nos diz que temos que dar a capa a quem nos queira tirar a túnica, o que ou equivale meramente a dar a capa, ou o supera um pouco, sem chegar, todavia, a ser-lhe o dobro. Quer isso dizer que, seja menor que a anterior a nova ofensa que nos fazem, seja igual a ela, seja, ainda, maior que ela, devemos sempre tolerá-la com espírito sereno.*

PROF. MONIR: É isso que Jesus Cristo quer dizer: Seja maior a ofensa, grande ou pequena, tanto faz, você sempre deve tolerá-la com espírito sereno. Como diz isso? Simbolicamente por estes exemplos.

ALUNO: [*Lendo*] *Diz: a todo aquele que te pedir, e não àquele que te pedir tudo, de modo que dês o que possas sem faltar à honestidade nem à justiça. E que dizer daquele que peça dinheiro emprestado para oprimir um inocente? E daquele que pretenda um ato de fornicação?*

PROF. MONIR: Se alguém pedir dinheiro emprestado pra você para sair com a mulher do vizinho? Você deve dar o dinheiro ou não? É isso que se está perguntando aqui.

ALUNO: [*Lendo*] *Não prosseguirei, pois não terminaria nunca; basta-me dizer que deves dar de modo que não prejudiques a ti nem ao próximo, dentro do que o homem pode conhecer com probabilidade ou com certeza; e a quem negares*

algo justamente, fá-lo ver a justiça da tua negativa, para não o despedir deixando-o sem ciência.

PROF. MONIR: Sem ciência do que você quis dizer ao negar. Aqui está a razão pela qual não devemos imaginar ingenuamente, como se faz nos programas de televisão, que você consegue de Deus o que você quiser, bastando pedir para tanto. Porque essa não é a experiência real que todo o mundo tem da vida concreta. Mas toda a vez que você alega isso para você mesmo, vem a pergunta: será que eu não estou pedindo direito, por isso é que não estou recebendo?

Mas está aqui Jesus dizendo que quando pedem pra você, tem que ter juízo naquilo que você faz, porque a intenção tem que ser boa. Se há indícios contrários a uma boa intenção naquele pedido, então você não deve dar. Compreenderam? Não devemos ter esta visão infantil, ingênua... Porque as pessoas pedem as coisas mais absurdas! Há quem peça para não morrer nunca. Há na mitologia grega um sujeito assim. A deusa estava tão apaixonada por um mortal, que pediu a Zeus, que desse a imortalidade a este mortal. Zeus concedeu. Só que ela se esqueceu de pedir que desse pra ele a juventude eterna.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: E aí ele foi ficando cada vez mais velho e não morria nunca, jamais. Foi ficando uma porcaria, porque não tinha graça nenhuma! Você vai lá, e pede a Deus para não lhe dar sofrimento. Parece um pedido bacana... Deus vai te transformar numa samambaia!

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Você acha bom negócio, isso? Como Deus pode lhe dar alguma coisa que destrói e descaracteriza sua própria condição humana? Deus não pode fazer isso. Então, Ele não fará nada por você que seja contra você mesmo. Mesmo que ele seja generoso. Portanto vamos deixar de ser infantis e achar que é só bater na porta, porque não é assim. Quando você bate na porta (falta um pouquinho ainda para este pedaço), vocês verão que é outro sentido.

ALUNO: [*Lendo*] *Assim darás sempre algo a todo aquele que te peça, ainda que nem sempre lhe dês o que te pedir, e alguma vez lhe darás algo melhor que o que se te peça, se conseguires corrigir coisas injustas a quem o pede.*

PROF. MONIR: Porque você pode dar um conselho para quem quer um dinheiro para comprar um revólver para matar o vizinho: "Olha, não faça isso!". Pronto. Você está dando alguma coisa. Não está dando o dinheiro para comprar o revólver, mas está dando algo muito melhor, que é o conselho de não matar o vizinho, por mais que o vizinho mereça. Em última análise, pessoal, vale a intenção, e é essa a regra central de toda a nova Lei.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 5	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
43 Tendes ouvido que foi dito: Amarás ao teu próximo e aborrecerás a teu inimigo. 44 Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei bem aos que vos têm ódio: e orai pelos que vos perseguem e caluniam: 45 para serdes filhos de vosso Pai que está nos céus, o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus: e vir chuva sobre os justos e injustos. 46 Porque se vós não amais senão os que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também o mesmo? 47 E se vós saudares semente aos vossos irmãos, que fazeis nisso de especial? Não fazem também assim os gentios? 48 Sede vós logo perfeitos, como também vosso Pai celestial é perfeito.	Sim, porque, sem este amor que nos leva a amar até os nossos inimigos e perseguidores, quem poderá cumprir o dito anteriormente? Deve-se compreender de tal modo que devemos amar os inimigos, fazer bem aos que nos odeiam e rezar pelos que nos perseguem, que compreendamos igualmente que por certos pecados dos irmãos não se nos manda orar, e desse modo evitemos que pela nossa ignorância pareça contradizer-se a divina Escritura, o que, afinal, é de todo impossível. Mas, assim como está claro que por alguns não devemos orar, o mesmo não sucede quanto a se devemos orar contra alguns. Disse-se e termos gerais: Abençoai-os, e não os amaldiçoeis. [Rom., XII, 14], e também isto: não retribuindo mal por mal. [I Pedr., III, 9] Não orar por alguém não é o mesmo que orar contra ele, uma vez que podemos acreditar-lhe certo o castigo, e desesperada a salvação, e portanto deixar de pedir por ele não por ódio, mas precisamente por constatar que não lhe alcançaremos nada, e para não correr o risco de ter nossa oração rejeitada pelo justíssimo Juiz. Ele pode propriamente dizer que são suas todas as coisas que criou do nada, razão por que aqui se nos patenteia com quanta liberalidade devemos, por preceito seu, proporcionar aos nossos inimigos as coisas que nós não criamos, mas recebemos, como a dons, da sua mão.

PROF. MONIR: “*Aborrecerás*” é o modo como o padre falava lá no século XVIII. Aborrecer significa detestar. “*Publicanos*”, no sentido lato, são homens de negócios. Os “*gentios*” são aqueles que não são religiosos.

Está dizendo o seguinte: Se vocês não amarem os que não amam vocês, qual é o mérito que isso tem? Porque amar o outro que ama você, amar alguém que lhe deu de presente um carro em bom estado... não tem muito mistério numa coisa dessas. O problema está em que a gente pode facilmente ser induzido a acreditar que se tem que amar os outros de qualquer jeito, e não é bem assim. Santo Agostinho fará um reparo na interpretação deste trecho.

ALUNO: [*Lendo*] *Sim, porque, sem este amor que nos leva a amar até os nossos inimigos e perseguidores, quem poderá cumprir o dito anteriormente? Deve-se compreender de tal modo que devemos amar os inimigos, fazer bem aos que nos odeiam e rezar pelos que nos perseguem, que compreendamos igualmente que por certos pecados dos irmãos não se nos manda orar, e desse modo evitemos que pela nossa ignorância pareça contradizer-se a divina Escritura, o que, afinal, é de todo impossível.*

PROF. MONIR: Esses certos pecados pelos quais não se deve orar são os pecados contra o Espírito Santo. O sujeito que tem propostas demoníacas – você não deve ajudá-lo. É isso que ele está dizendo. Portanto, não se deve orar por todos. Agora o fato de que você não deve orar por todos não significa que você possa orar contra alguém. Orar contra alguém? Não, ninguém. Mas orar por todos também não, porque alguns pecados não podem receber oração.

ALUNO: [*Lendo*] *Mas, assim como está claro que por alguns não devemos*

orar, o mesmo não sucede quanto a se devemos orar contra alguns. Disse-se e termos gerais: Abençoai-os, e não os amaldiçoeis. [Rom., XII, 14], e também isto: não retribuindo mal por mal. [I Pedr., III, 9] Não orar por alguém não é o mesmo que orar contra ele, uma vez que podemos acreditar-lhe certo o castigo, e desesperada a salvação, e portanto deixar de pedir por ele não por ódio, mas precisamente por constatar que não lhe alcançaremos nada, e para não correr o risco de ter nossa oração rejeitada pelo justíssimo Juiz. Ele pode propriamente dizer que são suas todas as coisas que criou do nada, razão por que aqui se nos patenteia com quanta liberalidade devemos, por preceito seu, proporcionar aos nossos inimigos as coisas que nós não criamos, mas recebemos, como a dons, da sua mão.

PROF. MONIR: É porque na verdade você não tem nada. Você só tem aquilo que Deus deu.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
1 Guardai-vos não façais as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles: doutra sorte não tereis a recompensa da mão de vosso Pai, que está nos céus.	A misericórdia, cujo tratado finalizou o livro primeiro, segue-se a limpeza do coração, que inicia este outro livro. A limpeza do coração é como a do olho, com que se vê a Deus, olho cuja simplicidade temos de buscar com tanta diligência quanta é a dignidade do objeto que com ele podemos contemplar. Não obstante, nesta passagem em que proíbe nos proponhamos tal fim, a saber, que ajamos retamente só para que nos vejam os homens, após ter dito: Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles, não acrescenta Cristo mais nada. Isso prova que não proibiu o agir retamente diante dos homens, e sim que nos proponhamos como fim das nossas boas ações sermos vistos por eles, ou seja, que ponhamos nisso a nossa intenção e propósito.

PROF. MONIR: O resumo da ópera: não é para você se esconder, é para você não se exibir. Entenderam a diferença? Isso vale até para o modo como você veste uma roupa, vale para o modo como você escreve um livro. Tudo aquilo que tem valor para o mundo, tem que ter primeiro valor para o mundo de dentro, porque o mundo do espírito, na nossa existência material, está dentro e o mundo da matéria está fora. Do mesmo modo que a terra está embaixo e o céu está em cima, quando você reduz essas coisas à natureza humana, o que é do céu está dentro e o que é da terra está fora. Portanto é necessário encontrar o termo certo para você não ser um sujeito que só faz as coisas para se exibir. Esse negócio de responsabilidade social, empresa responsável, no fundo, no fundo, é tudo aquilo que no Sermão da Montanha é chamado de hipocrisia. Não estou botando defeito em ninguém, só estou dizendo que sob o ponto de vista moral puro e simples não tem grande valor. Agora, é um estratagema para se livrar do fascismo reinante? Então faça, mas seria bom que você não se levasse muito a sério, pois essa caridade não sobe aos céus.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
2 *Quando pois dás a esmola, na faças tocar a trombeta diante de ti, como praticam os hipócritas nas sinagogas, e nas ruas, para serem honrados dos homens. Em verdade vos digo, que eles já receberam a sua recompensa.*	Assim, na Igreja, como em toda a vida humana, aquele que ser tido pelo que não é, é um hipócrita. Finge-se justo, mas não pratica a justiça; porque põe todo o seu prêmio no louvor humano, o qual louvor podem conseguir os fingidores enquanto enganam os que, tomando-os por bons, os louvam. Tais fingidores, porém, não recebem recompensa de Deus, mas castigo pela sua falsidade.

PROF. MONIR: Não sobe aos céus. A caridade feita para aparecer não vai aos céus.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
3 *Mas quando dás a esmola, não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita:*	Não saiba a tua esquerda o que faz a tua direita quer dizer não se te imiscua na consciência o desejo de louvor humano, quando mediante a esmola pretenderes cumprir o preceito divino.

PROF. MONIR: E agora vocês são finalmente capazes de entender isso! Essa expressão só é compreensível se você acredita que o século, ou seja, o mundo material, o mundo terrestre, não tem que saber o que faz a sua direita – a sua direita é o seu mundo espiritual. Compreenderam o sentido da esquerda e da direita? Não é a sua mão em si própria, não está falando de você. Está falando o seguinte: que aquilo que você faz em prol do céu não é alguma coisa que interesse ao século. Século, entendam como a vida material, a vida terrestre. Só dá para entender isso quando você compreende o que é a direita e a esquerda sob o ponto de vista da simbologia bíblica.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
4 *para que a tua esmola fique escondida, e teu Pai, que vê o que tu fazes em secreto, ta pagará.*	Que significa este *em segredo* senão a mesma boa consciência, que aos olhos humanos não pode manifestar-se nem declarar-se mediante palavras, uma vez serem muitos os que mentem em demasia? Se portanto a mão direita atua interiormente, *em segredo,* à esquerda pertence todo o exterior, ou seja, o visível e temporal. Esteja pois a tua esmola na tua própria consciência, donde muitos darem esmola de boa vontade ainda que não tenham dinheiro nem nada mais que dar ao necessitado. Muitos o fazem exteriormente – não no seu interior – já que por ambição ou qualquer outro motivo de ordem temporal querem parecer misericordiosos; nestes atua tão-somente a mão esquerda.

PROF. MONIR: Às vezes é diferente, como "em secreto" e "segredo", porque do lado esquerdo a tradução é do padre Antonio Ferreira Figueiredo e do lado direito é do padre Matos. São dois tradutores diferentes, por isso que nem sempre coincidem as traduções.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
5 *E quando orais, não haveis de ser como os hipócritas, que gostam de orar em pé nas sinagogas, e nos cantos das ruas, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo, que eles já receberam a sua recompensa.*	É supérfluo repetir tantas vezes a mesma coisa, uma vez que a regra que se deve observar é uma só: recear e evitar não que os homens nos conheçam as boas obras, mas o fazê-las com a intenção de que a recompensa nos seja o aplauso humano. Mantém o Senhor a mesma forma de expressão, quando, como anteriormente, acrescenta: *Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa*, dando-nos a entender com isso que o que Ele proíbe é a busca daquele galardão que constitui o deleite dos néscios ao serem louvados pelos homens.

PROF. MONIR: É o *sic transit gloria mundi,* diziam os antigos – é desse jeito que passam as glórias do mundo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
6 *Mas tu quando orares, entra no teu aposento, e, fechada a porta, ora a teu Pai em secreto. E teu Pai, que vê o que se passa em secreto, te dará a paga.*	Que quarto será este senão o vosso coração, quarto a que também se referem as palavras do Salmo: *Do que pensais nos vossos corações, compungi-vos no retiro dos vossos aposentos?* [Sal. IV, 5] É preciso pois fechar a porta, ou, o que é o mesmo, resistir aos sentidos carnais, a fim de que a oração espiritual se dirija ao Pai, na intimidade do coração em que a Ele se reza em segredo.

PROF. MONIR: Não é para você entrar na sua casa, mas você ora para dentro, você ora para a sua interioridade, e não para a exterioridade.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
7 *E quando orais não faleis muito, como os gentios: pois cuidam que pelo seu muito falar serão ouvidos.*	Assim como é próprio dos hipócritas fazer-se notar quando oram, não pretendendo senão agradar aos mesmos homens, assim é próprio dos pagãos pensar que serão ouvidos a poder de palavras. E em verdade todo o palavrório vem dos pagãos, que se preocupam mais em soltar a língua do que em purificar o coração.

PROF. MONIR: O discurso não funciona porque o discurso é para o mundo e não é para o mundo interno, pois este é silencioso.

Evangelho de São Mateus - cap. 6	**Comentários de Santo Agostinho**
8 *Não queirais portanto parecer-vos com eles: porque vosso Pai sabe o que vos é necessário, primeiro que vós lh'o peçais.*	Sim, porque se precisamos valer-nos de muitas palavras ao tentar ensinar ou instruir um ignorante, que necessidade temos delas quando se trata d'Aquele que conhece todas as coisas, a Quem todas falam pelo seu mero existir, proclamando que foram feitas justamente por Ele, e de cuja arte e sabedoria não se escondem as coisas futuras, estando antes nelas presentes, e não de passagem, todas quantas passaram e todas quantas hão de passar? Por que temos de empregar até estas mesmas poucas palavras, se Ele conhece todas as coisas antes de elas serem feitas, e, como dissemos, conhece aquilo de que necessitamos antes que Lho peçamos? A primeira resposta é que não devemos precisar de palavras, quando nos encontramos diante de Deus, para conseguir o que queremos, mas sim, tão-somente, de quanto acalentamos no espírito, e das intenções que nos informam o pensamento, com amor puro e afeto simples.

PROF. MONIR: Deus já sabe de tudo de que você precisa. Pode ser que **você** não saiba do que você precisa.

No *Crátilo*, um diálogo delicioso de Platão, ele faz esse debate em termos filosóficos. E debate o seguinte: Será que quando alguém diz uma palavra, essa palavra em si representa o que a coisa é? Tem lá um sujeito chamado

Hermógenes, nome que significa “descendente de Hermes”. E Hermógenes está justamente dizendo que não tem nada a ver com Hermes, porque Hermes não se parece com ele. Hermes é o deus que conduz os mortos para o Hades, é quem traz as mensagens de Zeus, é o padroeiro dos comerciantes e o padroeiro dos ladrões. Como diz Hermógenes que não é nada disso, então ele acha que o nome não tem nada a ver isso. Mas Crátilo diz que se Hermógenes não tem nada a ver com Hermes e se chama assim, é porque não foi batizado de verdade. Sócrates, muito espertamente, ora concorda com um, ora com outro. Crátilo defende a ideia de que os nomes de fato representam as coisas. No final, Sócrates conclui muito precariamente (porque este é um diálogo aporético, um diálogo que não tem uma saída perfeita) que o que as coisas são, a gente não percebe pelas palavras. As palavras podem ajudar, mas o que as coisas são, nós as percebemos por uma espécie de intuição intelectual. É como se você olhasse para a coisa e visse o que é.

Por isso que eu digo que a melhor definição de filosofia é que filosofia é a arte de olhar e ver o que é – como que por intuição. É isso que Santo Agostinho está dizendo aqui também. Nós percebemos a verdade pela intuição e não pelas palavras. Aqui mais um paralelo muito interessante entre o mundo grego e o mundo judaico-cristão.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
9 *Assim pois é que vós haveis de orar: Pai nosso que estais nos céus: santificado seja o vosso nome.*	Disseram-se muitas coisas em louvor de Deus, as quais, profusamente e extensamente esparzidas por todas as Santas Escrituras, qualquer pessoa pode ler e meditar; mas nestas não se encontra um só lugar em que se ordene ao povo de Israel que diga *Pai nosso* ou ore a Deus *Pai,* e isso porque o Senhor se manifestou a ele como a servidores, ou seja, como a quem vivia ainda segundo a carne. Com efeito, que poderá Ele negar agora aos filhos que Lhe pedem, tendo-lhes outorgado antes que fossem filhos? Por fim, qual não será a solicitude daquele que diz *Pai nosso* para não ser indigno de tão grande Pai?

PROF. MONIR: Viram que coisa extraordinária? O ponto de vista judaico é completamente diferente do ponto de vista cristão. Por que? Porque a velha aliança vai até certo ponto. A nova aliança, esta nossa, é que estabelece essa ideia da ação amorosa do Pai com relação ao Filho. No Velho Testamento, em nenhum momento Deus é chamado de Pai, embora Ele o seja. Ainda será simbolicamente. Mas há aqui alguma coisa diferente que está sendo inaugurada por Jesus Cristo.

Eu disse a vocês, que Jesus Cristo não é apenas um homem, ele é o modelo de ser humano. Jesus Cristo representa o ser humano na sua estruturação ideal. Ele é o modelo humano, falando platonicamente. O modelo, a ideia, a forma humana é Jesus Cristo. Ele é mais do que um ser real, Ele é a própria forma humana. E sendo assim, Ele aceita a condição de criatura na plenitude.

Agora, como nós somos filhos, temos direitos especiais: podemos explorar um pouco a paciência de nosso Pai.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
10 Venha a nós o vosso reino. Seja feita a vossa vontade, assim na terra, como no céu.	Venha, portanto, é o mesmo que dizer seja manifestado aos homens. Assim como a luz presente está ausente para os cegos e para os que fecham os olhos, assim o reino de Deus, embora nunca se ausente da terra, está porém ausente para os que o ignoram. Não obstante, ninguém ignorará o reino de Deus quando o seu Unigênito, não só de maneira inteligível mas também de maneira visível ao homem do Senhor, vier do céu a julgar os vivos e os mortos.

	Por isso, após pedir Venha a nós o vosso reino, pedimos: Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu, ou seja, assim como se cumpre a vossa vontade nos anjos que estão no céu, e que se unem totalmente a vós e desfrutam de vós, sem nenhum erro que lhes tolde a sabedoria, nem infelicidade nenhuma que lhes diminua a ventura, assim aconteça nos vossos santos que estão na terra, que foram feitos de terra quanto ao corpo e que hão de ser levados da terra, para entrar na vossa imutável e celeste morada.
	Tampouco se opõe à verdade compreender as palavras Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no céu deste modo: assim como no próprio Senhor nosso, assim também na Igreja; assim como no varão que cumpriu a vontade do Pai, assim também na mulher que casou com ele, uma vez que o céu e a terra podem perfeitamente conceber-se, respectivamente, como varão e mulher, porque a terra é frutuosa mediante a fecundação do céu.

PROF. MONIR: Pronto! Aí vocês têm a explicação do que é família: é a fecundação da terra pelo céu. Isso é família, é por essa razão que o pai representa o espírito e a mãe representa a terra. Ambos são legítimos nas suas respectivas identidades, porque temos uma existência física e uma existência espiritual. É somente essa completude que permite que a vida humana aconteça. Não sei se vocês perceberam – há incríveis simbologias em toda a literatura. Toda a literatura lida com esse assunto assim, por mais que seja inconsciente. O autor não está escrevendo isso porque ele ouviu uma aula que eu dei, ou porque ele leu Santo Agostinho, mas porque é da natureza humana – está implícita na própria existência humana a percepção dessas coisas automaticamente. Essa junção do céu com a terra é a história da existência humana.

Quando o Sr. Luc Ferry reclama que não quer o cristianismo porque o acha bárbaro, acha que o cristianismo é mau, e quer colocar a família no lugar... Ora, Meu Deus, mas onde ele vai arrumar uma família que não tenha base religiosa? O conceito de família é absolutamente religioso. Não há como sair dele. O casamento do homem com a mulher é o casamento do céu com a terra. Por isso o casamento gay – viável ou não no civil – sob o ponto de vista ontológico é absolutamente frustrado.

O William Blake, um grande e extraordinário poeta inglês, tem uma poesia maravilhosa sobre isso chamada *O Casamento do Céu e da Terra.* Como resolvemos a polaridade? Ela só é solúvel se nós casarmos o céu com a terra. Por isso existe essa diferenciação de gêneros, de sexos, se preferirem chamar assim. No casamento se manifesta no pequeno âmbito essa capacidade

de síntese imprescindível para que a vida humana possa se realizar. O fato de que alguém não se casou implica em desmerecimento? Não, porque estamos falando de acidente e não da essência, portanto há uma porção de circunstâncias diferentes disso, mas a essência continua lá presente.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
11 *O pão nosso, necessário à nossa subsistência, nos daí hoje.*	Resta, portanto, que por *pão nosso de cada dia* entendamos o pão espiritual, ou seja, os mandamentos divinos que diariamente temos de meditar e cumprir. Chama-se *de cada dia* a este pão agora, enquanto perdura esta vida temporal ao longo de dias que se sucedem uns aos outros. E, em verdade, enquanto a alma se inclinar algumas vezes para as coisas do alto e outras vezes para as coisas de baixo, ou seja, agora para o espiritual e em seguida para o carnal, terá diariamente necessidade de nutrir-se deste pão, ora para saciar a sua fome, ora para fortalecer-se após as quedas, do mesmo modo que aquele que algumas vezes se alimenta padece outras vezes fome.

PROF. MONIR: Novamente a submissão da terra ao céu. Por isso que lá no Gênesis, quando Deus cria o ser humano, manda a mulher obedecer ao homem. Mandar a mulher obedecer ao homem não é um mandamento

concreto. Primeiro porque é impossível isso na prática. Deus devia saber disso! Na prática isso é apenas um delírio.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Em segundo lugar, não é a mulher quem obedece ao homem, é a terra que tem que obedecer ao céu, senão não dá certo. Esse é o problema, é isso que está escrito lá. Mas as Bíblias modernas resolvem tirar isso do texto, o padre não fala mais isso na igreja porque vai ofender as mulheres... É tudo muito infantil. Quando a gente perde a capacidade de entender as coisas simbolicamente, nós nos transformamos numas personagens de piada. O que é personagem de piada? É aquele sujeito que não entende nada do sentido verdadeiro, está sempre iludido com as aparências das palavras. Pois é isto que nós fizemos! Esse é o desastre intelectual que fizemos quando paramos de aceitar a simbologia daquilo que é dito. Se há abundância de simbologia em Shakespeare, num livro religioso, então, só tem simbologia.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
12 *E perdoai as nossas dívidas, assim como nós também perdoamos aos nossos devedores.*	É patente que por dívidas se compreendem aqui os pecados, como deu a entender o próprio Senhor por estas palavras: *Não sairás de lá antes de ter pago o último quadrante.* [Mat., V, 26], e também por chamar devedores àqueles cuja morte, que Lhe fora anunciada, se dera ou pelo desabamento da torre, ou porque Herodes lhes misturara o sangue com o dos seus próprios sacrifícios. Não se ordena, nesta passagem, que cada um perdoe a dívida aos devedores, mas sim qualquer pecado que outrem tenha cometido contra ele; porque ao perdão das dívidas se refere outro preceito, que já tratamos: *Ao que quer chamar-te a juízo e tirar-te a tua túnica, cede-lhe também a capa.* [Mat., V, 40]. Donde podermos depreender que, quando neste quinto pedido dizemos: *Perdoai as nossas dívidas,* não se trata de dinheiro, mas de qualquer ofensa que se possa cometer contra nós, e conseqüentemente também em assunto pecuniário, porque peca contra ti aquele que, tendo dinheiro, se recusa a pagar-te o que deve.

PROF. MONIR: "Quadrante" é a tradução que fez o padre Matos para o ceitil que estava no texto do outro padre. Quer dizer o último pedacinho de dívida.

No trecho "*peca contra ti aquele que, tendo dinheiro, se recusa a pagar-te o que deve*", a pessoa não peca por causa do dinheiro em si, mas pela ofensa em si.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
13 *E não nos deixeis cair em tentação. Mas livrai-nos do mal, amém.*	Não pedimos aqui, por conseguinte, que não sejamos tentados, e sim que não caiamos em tentação, assim como alguém que tivesse que padecer a pena do fogo pedisse não que não o tocassem as chamas, mas que não o queimassem. Assim como o forno prova os vasos do oleiro, assim a tentação e a tribulação o fazem ao homem justo. [Ecco., VII,6]. Assim, tenta Satanás os homens não por seu próprio poder, mas com a permissão de Deus, a qual é dada quer para que os homens sejam punidos pelos seus próprios pecados, quer para que sejam provados e experimentados de acordo com a misericórdia do Senhor.

PROF. MONIR: Por isso que eu disse que o diabo, metafisicamente falando, é uma espécie de *personal trainer*. Ele não pode estar fora do esquema geral das coisas. Você não pode imaginar que o diabo seja uma entidade autônoma que saiu do cosmos – isso é completamente absurdo! Se o diabo existe, ele existe em função de algum aspecto. Anjos existem? Existem! E o que são anjos? Anjos são aspectos da mente de Deus.

Sob o ponto de vista cristão, quando a gente morre, a gente desaparece de todos os lugares, exceto de um. Nós deixamos aqui um corpo que se desfaz, deixamos uma psique que também se desfaz – esta psique é o que gera esses fenômenos chamados espiritistas – tudo isto se desfaz, nós sumimos de todos os lugares e ficamos somente na mente de Deus, na memória de Deus. No dia do Juízo Final, Deus nos ressuscita se quiser. Essa é a perspectiva cristã, que o padre deveria contar para você. Se não está contando, devia contar isso. Os cristãos acham que é assim.

O diabo tem de ser de alguma forma um anjo. De fato é, e é descrito como tal. O diabo é um aspecto da mente de Deus que de alguma maneira resiste ao ser humano. Não porque Deus não gosta de nós, mas resiste ao ser humano do mesmo modo que um milionário que, achando que vai morrer, não quer deixar trezentos milhões de dólares para o filho vagabundo que vai torrar todo o dinheiro cheirando cocaína. Então ele faz um testamento dizendo: "Deixo trezentos milhões de dólares para o meu gato Félix; deixo um dólar para o fulano. Mas se o fulano fizer isso e aquilo, ficar três dias sem beber, ficar uma semana sem tomar cocaína, parar de bater na namorada, aí eu dou dez dólares; se ficar seis dias...." e aí vai criando uma escala de méritos. E aí até deixa tudo para ele, se o fulano ficar bom. O diabo é equivalente a isso. É uma entidade metafísica que metafisicamente tem que estar

completamente ajustada aos planos divinos. Ele não pode ser uma entidade rebelde, em última análise, porque Deus não pode ter nenhuma rebeldia contra si. No mundo físico, concreto, o diabo é aquele negócio do filme *O Exorcista*. Mas no mundo metafísico não pode ser isso, de jeito nenhum. Quem está dizendo não sou eu, é Santo Agostinho.

ALUNO: [*Lendo*] *Assim, tenta Satanás os homens não por seu próprio poder, mas com a permissão de Deus,*

PROF. MONIR: **Com a permissão de Deus**! Deus tem que autorizar, de alguma maneira. Por isso no *Livro de Jó* toda aquela confusão começa quando Deus autoriza que o diabo persiga Jó. E também é assim no *Fausto* de Goethe. O livro começa com o prólogo no céu, onde o diabo entra num acordo com Deus para tentar Fausto.

ALUNO: [*Lendo*] *a qual é dada quer para que os homens sejam punidos pelos seus próprios pecados, quer para que sejam provados e experimentados de acordo com a misericórdia do Senhor.*

PROF. MONIR: Portanto, o diabo é uma espécie de *personal trainer* de desgraça.

ALUNA: Então o diabo é submisso a Deus, e uma força muito menor? Uma força do mal, bem mais fraca?

PROF. MONIR: Muito menor, porque no fundo ele é apenas um auxiliar. Deus mantém o controle do processo. No caso de Jó, Deus diz assim: "Eu estou querendo ver se o meu filho Jó gosta de mim mesmo. Então, diabo, vá lá e

faça o que você quiser com ele". Aí o diabo faz misérias com o pobre coitado. Mata todos os filhos, mata todos os rebanhos. Ele acaba pelado, cheio de chagas de uma doença contagiosa, raspando as chagas com caco de telha. Isso tudo foi autorizado por Deus. Depois quando Jó se rebela, Deus diz assim pra ele: "Quem é você para se rebelar? Você tem alguma ideia do que Eu estou pensando? Onde você estava quando Eu criei o céu e a terra? O que você sabe fazer? Está vendo aquela árvore? Faça uma árvore igual, quero ver!" Deus dá uma bronca nele. Como recua envergonhadíssimo, Jó recebe tudo de volta, incluindo filhos novos. É claro que os filhos novos não são como os velhos, mas sobre isso nós temos que aceitar o seguinte: se Deus sacrificará o próprio Filho mais tarde, porque Jó não pode sacrificar os dele? Enfim, no céu todos se reencontrarão.

Então o que acontece é que o diabo não pode ser visto como um ser maligno no âmbito metafísico. No âmbito físico, sim, mas no âmbito metafísico não pode, porque é ilógico. É preciso nunca esquecer que Santo Agostinho não á apenas um padre, um religioso. Ele é um filósofo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
14 *Porque se vós perdoardes aos homens as ofensas que tendes deles: também vosso Pai celestial vos perdoará os vossos pecados.*	De fato, temos de orar não somente para ser preservados do mal que não padecemos, o que fazemos no sexto pedido, mas também para ser libertados do mal que já nos afeta.
15 *Mas se não perdoardes aos homens: tampouco vosso Pai vos perdoará os vossos pecados.*	Não nos deve passar despercebido que, de todas estas frases com que nos mandou rezar o Senhor, julgou Ele que a referente ao perdão dos pecados é a que mais nos havia de recomendar; nela nos exorta a que sejamos misericordiosos, o que é a única forma de nos livrarmos das nossas misérias. Não é senão nesta frase que rezamos fazendo um pacto com Deus, pois que aqui dizemos: *Perdoai-nos como nós perdoamos.*

PROF. MONIR: Neste ponto está a essência do cristianismo todo. O que está dito aí é uma coisa que eu vou tentar traduzir com palavras bem mais simples. Seja o que for que você faça na sua vida, seja qual for o tipo de vida que você tenha levado, seja qual for o sucesso que você tenha na sua vida, seja qual for o patrimônio que você gerou, as contribuições que você gerou à ciência, à filosofia, à arquitetura, às artes – no fundo, no fundo no Juízo Final só vai valer uma única coisa: o quanto você foi capaz de amar os outros. Ponto. **Acabou**. Não tem nenhuma outra coisa que possa ser maior do que esta. É a única coisa mensurável.

O resto são coisas circunstanciais. Se você recebeu um dom para tocar violino, ótimo. Você fez bem em aprender e ser um bom violinista. Você é um sujeito que joga bem futebol? Tá ótimo, você teve bom senso em escolher esta carreira. Você tinha capacidade de ser um bom poeta e foi ser garçom? Ah, que pena, mas também a sua vida não será pior ou melhor por causa disso. Tudo isso são circunstâncias da vida, completamente acessórias. No fundo, no fundo, o que vai valer é simplesmente esta regra: quanto é que você amou de fato! É por isso que ser misericordioso é de todos os conselhos o melhor. É isso que fará a diferença entre a vida eterna ou não de acordo com a ideia do cristianismo, segundo Santo Agostinho.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
16 *E quando jejuais, não vos ponhais tristes como os hipócritas: porque eles desfiguram os seus rostos, para ver aos homens, que jejuam. Na verdade vos digo, que já receberam a sua recompensa.* 17 *Mas tu, quando jejuas, unge a tua cabeça, e lava o teu rosto.* *18 A fim de que não pareças aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai está presente a tudo o que há de mais secreto; e teu Pai que vê o que se passa em secreto te dará a paga.*	Depreende-se destas palavras que toda a nossa intenção há de voltar-se para o gozo interior, sem que, buscando um prêmio exterior, adiramos a este século e percamos a promessa da bem-aventurança, a qual será tão mais firme e sólida quão mais interna for, e em virtude da qual nos elegeu Deus para que nos tornássemos conformes à imagem de seu Filho. [Rom., VIII, 29] E nem pelo fato de os fingidores adotarem aparência humilde para seduzir os incautos deve o cristão buscar agradar com adorno supérfluo o olhar dos outros: os cordeiros não devem desprender-se da sua pele só porque uma que outra vez os lobos se cobrem com ela. Assim também lavará o rosto, ou seja, limpará o coração, aquele que há de ver a Deus sem nenhum véu da enfermidade contraída na imundície, mas com a firmeza e a estabilidade que a limpeza e a simplicidade conferem.

PROF. MONIR: Aderir ao século não significa ser do século XX, ou do século VIII. Aderir ao século significa aderir à matéria, ao mundo material. "Século" significa mundo material. Lembram-se do *Réquiem* de Mozart? Tem a frase *solvet saeclum in favilla,* que quer dizer que Deus irá dissolver o mundo em cinzas no dia do Juízo Final – esse mundo material e concreto. Por isso que

o padre que não está no mosteiro se chama padre secular, porque ele vive dentro do mundo real, com as pessoas que têm vida real. Nesse sentido.

Entenderam? Não é porque se usa a religião para ser hipócrita que você não deve ter nenhuma religião. O cordeiro não deve perder a sua pele e jogá-la fora, só porque o lobo a usa.

Resumindo: é preciso ser autêntico.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
19 *Não queirais entesourar para vós tesouros na terra: onde a ferrugem, e a traça os consome: e onde os ladrões desenterram, e roubam.* 20 *Mas entesourai para vós tesouros no céu: onde não os consome a ferrugem, nem a traça, e onde os ladrões não os desenterram, nem roubam.* 21 *Porque onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração.*	Algo se suja quando se mistura com uma natureza inferior, ainda que esta não seja suja no seu gênero. Assim, o ouro se mancha se se mistura com a prata pura; assim também a nossa alma se mancha com os desejos terrenos, ainda que a mesma terra seja limpa no seu gênero e na sua ordem. Por céu não havemos de entender aqui nada temporal, pois que todo o corpóreo é terra. Aquele que entesoura para si no céu deve desprezar o mundo todo. E por isso devemos constituir e pôr o nosso tesouro naquele céu de que se disse: *O mais alto dos céus é para o Senhor.* [Sal., CXIII, 16], ou seja, no firmamento espiritual; não naquele que passará, mas naquele que permanecerá para sempre: *O céu e a terra passarão.* [Mat., XXIV, 35]

ALUNA: [*Lendo*] Onde está o teu tesouro, aí está o teu coração.

PROF. MONIR: E vice-versa: onde está teu coração, está o teu tesouro. Ou seja, quando você quer saber o que te interessa na vida mesmo, para saber onde está o teu coração, é perguntar: "Do que eu gosto, afinal de contas?" Quando você pergunta isso, você sabe como você é.

Cuidado, porque os desejos terrenos são legítimos em parte e ilegítimos em outra. Há dentro da ideia da terrestralidade uma legitimidade de desejo, e outra que não. Portanto quando digo para vocês que a vida humana é esse contraste conflituoso, esta tensão entre o céu e a terra, não estou dizendo que devemos abandonar a terra, porque isso não é possível sob o ponto de vista real e concreto. Nós continuamos sendo terrenos. O problema é saber se nossos desejos terrenos são legítimos ou não. Ou seja, qual é a legitimidade dos nossos desejos? Essa é a questão. Você não pode manchar o céu com os desejos ilegítimos da terra, porque aí você inverte as duas coisas e gera o problema que você não quer ter.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
22 O teu olho é a luz do teu corpo. Se o teu olho for simples: todo o teu corpo será luminoso. 23 Mas se o teu olho for mau: todo o teu corpo estará em trevas. Se pois a luz, que em ti há, são trevas: quão grandes não serão essas mesmas trevas?	O sentido deste passo é que nos temos de persuadir de que todas as nossas obras serão limpas e agradáveis aos olhos de Deus se forem feitas com coração simples, o seja, com intenção sobrenatural e com o fim da caridade, uma vez que o amor é o cumprimento da lei. [Rom., XIII, 10]. Assim, não se deve levar em conta o que fazemos, mas sim com que intenção o fazemos. Para nós a intenção é como uma luz, pois nos manifesta que fazemos com boa intenção o que fazemos; porque tudo quanto se manifesta é luz. [Ef., V, 13] As ações, porém, que procedem de nós para os nossos semelhantes têm fim incerto, e por isso chamou-lhes Cristo trevas. Com efeito, não sei, quando dou uma esmola ao necessitado ou ao que pede, o que haverá de fazer ou sofrer por ela.
	Pode acontecer ou que com ela faça algo mau, ou que por causa dela sofra algum mal, o que ao dar-lhe eu não desejava, dando-lha, pois, não com tal intenção. E, assim, se agi com boa intenção, ela me era conhecida enquanto eu agia, e por isso é chamada luz; e também me fica iluminada a obra, seja qual for o seu resultado; mas este resultado, por incerto e desconhecido, é chamado trevas.

	Ou seja, se a própria intenção do coração, a intenção com que fazes o que fazes, e que te é conhecida, for maculada e enceguecida pelo apetite das coisas terrenas e temporais, quão mais sórdido e tenebroso não será o resultado, que desconheces? Sim, porque, ainda que resulte algum bem da obra que não praticas com intenção limpa e reta, a ti te será tal obra imputada não pelo seu resultado, mas pela intenção que nela puseste.

PROF. MONIR: Santo Agostinho está dizendo que, no fundo, é a intenção que estabelece tudo. Todo o mérito de tudo é a sua intenção.

Você fez por amor de verdade? Então tá bom, não tem problema, é aceitável. Mas você fez porque queria ser mau? Mesmo que tenha dado certo no final, você não agiu bem. Por este hábito você é condenado.

Por isso eu lhes disse que a verdadeira intenção do Gregers, personagem de *O Pato Selvagem,* não era na verdade esclarecer a vida do outro, mas vingar-se do seu pai. E que a intenção do Etzel Andergast, no livro *O Processo Maurizius,* não era produzir a justiça, mas era vingar-se também do pai que havia mandado a mãe embora de casa, quando a pegou em adultério. Logo quando eu disse para vocês que havia uma ilegitimidade naquelas duas defesas da verdade, eu estava só esperando que Santo Agostinho aparecesse aqui agora para confirmar isso com sua chancela de santo, que

eu não tenho – aliás, estou muitíssimo longe, [*rindo-se*] mesmo da proposta... Compreenderam como a gente entende agora tanto *O Pato Selvagem* como *O Processo Maurizius?* – os nossos dois livros anteriores, que agora ficam plenamente esclarecidos a partir da interpretação de Santo Agostinho.

ALUNO: [*Lendo*] *E, assim, se agi com boa intenção, ela me era conhecida enquanto eu agia, e por isso é chamada luz; e também me fica iluminada a obra, seja qual for o seu resultado; mas este resultado, por incerto e desconhecido, é chamado trevas. Ou seja, se a própria intenção do coração, a intenção com que fazes o que fazes, e que te é conhecida, for maculada e enceguecida pelo apetite das coisas terrenas e temporais, quão mais sórdido e tenebroso não será o resultado, que desconheces?*

PROF. MONIR: É, no caso de *O Pato Selvagem* acabou com a família, matou a menina – uma das coisas mais tristes que eu já li na minha vida. No caso de *O Processo Maurizius* destruiu a carreira do pai. Porque a intenção estava maculada desde o início por algum processo ilegítimo.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
24 *Ninguém pode servir a dois senhores: porque ou há de aborrecer um, e amar outro: ou há de acomodar-se a este, e desprezar aquele. Não podeis servir a Deus, e às riquezas.* _	Os Hebreus chamam a *mammona* à riqueza, enquanto no idioma púnico é *Mammon* o nome para lucro ou ganho; e quem serve ao *mammonae* serve em verdade àquele que, posto à frente dos negócios temporais, é em razão da sua perversidade chamado pelo Senhor *príncipe deste mundo.* [Jo., XII, 31; XIV, 30].

PROF. MONIR: A CNBB acha que isto significa o seguinte: "Abaixo o capitalismo!"

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: A interpretação da CNBB do versículo 24 é "abaixo o capitalismo". E aí faz todo o mundo de palhaço com essa conversinha fiada. Eu não sei como vocês aguentam um negócio desse. É um negócio assim tão depreciativo do próprio cristianismo! O que esta CNBB inventa são coisas tão infantiloides, é tão ridículo, que chega a ser diabólico. Não é possível que tenha gente tão infantil e tão trouxa assim, a ponto de acreditar na CNBB... Não é isso que Ele está dizendo aqui. O sentido disso é muito mais profundo e muito mais sério do que o sentido que a CNBB quer dar.

ALUNO: [*Lendo*] *Os Hebreus chamam a mammona à riqueza, enquanto no idioma púnico é Mammon o nome para lucro ou ganho;*

PROF. MONIR: A CNBB poderia ter dito: não se pode servir a Deus e as *mammonas*[6], *teria* ficado muito mais adequado sob o ponto de vista do espírito da Campanha da Fraternidade.[7]

6 Nota da revisora da transcrição – O professor faz referência ao Mamonas Assassinas, uma banda nacional de rock cômico formada em 1990, que alcançou grande sucesso em 1995 a partir da gravação de um álbum com músicas irreverentes, de gênero popular. A banda acabou em 1996, quando o grupo sofreu um acidente aéreo que ocasionou a morte de todos os seus integrantes. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Mamonas_Assassinas. Acesso em 09.nov.2017.

7 Nota da revisora da transcrição – O professor se refere à Campanha da Fraternidade de 2010, lançada pela Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que se chamava "Economia

ALUNO: [*Lendo*] *e quem serve ao mammonae serve em verdade àquele que, posto à frente dos negócios temporais, é em razão da sua perversidade chamado pelo Senhor príncipe deste mundo. [Jo., XII, 31; XIV, 30].*

PROF. MONIR: Ou seja, aquele que está servindo o processo temporal é filho do diabo. O príncipe deste mundo é o diabo. Mas quando você está preocupado em dizer que só interessa mesmo o dinheiro do Olavo Setúbal, você está fazendo exatamente o jogo do príncipe deste mundo! Ou seja, interpretar este versículo da Bíblia como sendo um repúdio ao capitalismo é dar demasiada importância ao capitalismo. Dar importância demasiada ao capitalismo é justamente fazer o jogo do demônio, que é aquele que não quer que se veja que a matéria está abaixo do espírito, e não o contrário. Portanto não há nada mais naturalmente demoníaco do que isso que se fez aí agora, nesse negócio das "*mamomas assassinas*" da CNBB.

Vocês estão entendendo como se consegue emburrecer? O problema da vida é o seguinte: para ser inteligente é uma dificuldade tremenda. É como se a inteligência sofresse assim, como dizem os economistas, do problema dos ganhos decrescentes por escala. Agora burrice não tem ponto de inflexão. A gente sempre consegue ser mais burro do que ontem com a maior facilidade do mundo. Então a burrice é liberada. A inteligência não.

ALUNA: [*Sugere que a burrice é intencional.*]

---

e Vida" e tinha o lema "Vós não podeis servir a Deus e ao dinheiro" – capítulo 6, versículo 24 do Evangelho de São Mateus.

PROF. MONIR: Acho que a maioria dos padres é ingênua. É gente que não estudou o que deveria ter estudado, não leram Santo Agostinho, e então eles não sabem o que dizem. E aí são mais ou menos cooptados pelos ideólogos.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
25 *Portanto vos digo, não andeis cuidadosos da vossa vida, que comereis, nem para o vosso corpo, que vestíreis. Não é mais a alma que a comida? E o corpo mais que o vestido?*	O Senhor, no entanto, nos exorta a lembrar que o que Deus nos dá ao criar-nos e ao nos unir a alma ao corpo é muito mais que o alimento e o vestido, por cujo cuidado não quer que se nos divida o coração. *Porventura* – diz-nos Nosso Senhor – *não vale mais a vida que o alimento?* [Mat., VI, 25], querendo fazer-nos compreender que quem nos deu a alma nos dará muito mais facilmente o alimento. *E o corpo* – prossegue – não é *mais que o vestido?* [Mat., VI, 25], querendo fazer-nos compreender que Aquele que nos deu o corpo nos dará com muito maior facilidade o vestido.

PROF. MONIR: Santo Agostinho está dizendo que esse versículo implica no estabelecimento de uma hierarquia de valores, que começa com as coisas de cima para as coisas de baixo – nunca ao contrário.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
26 *Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem segam, nem fazem provimentos nos celeiros: e contudo vosso Pai celestial as sustenta. Porventura não sois vós muito mais do que elas?*	Ou seja: Não valeis mais vós? O animal racional, com efeito, ocupa na ordem da natureza lugar mais elevado que o dos irracionais, como são as aves.
27 *E qual de vós discorrendo pode acrescentar um côvado à sua estatura?*	Ou seja: Aquele a cujo poder e domínio se deve que o vosso corpo tenha tal estatura pode, igualmente, com a sua providência, vesti-lo; e um sinal de que não se deve a vós que o vosso corpo tenha tal estatura é que não podeis acrescentar um côvado a ela, por mais que queirais e vos esforceis. Deixai, portanto, o cuidado de vos cobrir o corpo a Aquele a cujo poder se deve ter o vosso corpo a estatura que tem.

PROF. MONIR: "*Segam*" é colhem. Um côvado são 45 cm. Você não consegue aumentar a sua estatura, então você deve deixar isso para quem pode. (Deus fala a mesma coisa para Jó.)

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 6	**COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO**
28 *E por que andais vós solícitos pelo vestido? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. 29 Digo-vos mais, que nem Salomão em toda a sua glória se cobriu jamais como um destes.* 30 *Pois se ao feno do campo, que hoje é, e amanhã é lançado no forno, Deus veste assim: quanto mais a vós, homens de pouca fé?*	(...) mas quis aqui o Senhor *deduzíssemos* quanto se preocupa Ele, que é bom e justo, com os que a Ele recorrem suplicantes, uma vez eu até um homem tão injusto, ainda que tão-somente para livrar-se do incômodo, não pôde afinal repelir quem instantemente lhe dirigia as suas súplicas.
31 *Não vos aflijais pois, dizendo: Que comeremos, ou que beberemos, ou com que nos cobriremos?* 32 *Porque os gentios é que se cansam por estas coisas. Porquanto vosso Pai sabe que tendes necessidade de todas elas.* 33 *Buscai pois primeiramente o reino de Deus, e a sua justiça: e todas estas coisas se vos acrescentarão.*	O reino de Deus e a sua justiça são, por conseguinte, bens nossos que devemos buscar e considerar como o fim por que temos de fazer quanto pudermos. Como porém nesta vida militamos para poder chegar àquele reino, e nela necessitamos de algumas coisas para subsistir, diz-nos Nosso Senhor: *estas coisas vos serão dadas por acréscimo;* mas *buscai em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça.*
34 *E assim não andeis inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã a si mesmo trará seu cuidado. Ao dia basta a sua própria aflição.*	Logo, quando fizermos algum bem, pensemos não nas coisas temporais, mas nas eternas, e assim nos será boa, nos será perfeita a obra.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
1 *Não queirais julgar, para que não sejais julgados.*	E, dado que não se sabe com que intenção procedem os homens ao buscar as coisas necessárias para o futuro, ou ao reservá-las quando não há necessidade de as consumir imediatamente, uma vez que as podem buscar ou reservar com coração simples ou com coração dúplice, disse muito bem o Senhor em continuação: *Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, segundo o juízo com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também a vós.* [Mat., VII, 1-2] Em suma, julguemos dos atos manifestos, e deixemos para Deus o juízo dos ocultos: estes, sejam bons ou sejam maus, poderão permanecer ignorados até chegar o tempo de se manifestarem. Há duas ocasiões em que devemos evitar o juízo temerário: quando não se sabe com certeza com que intenção se fez uma coisa, e quando se ignora como será futuramente o que agora aparece como bom ou mau. Assim, por exemplo, se alguém, queixando-se do estômago, deixou de jejuar, e tu, não acreditando nele, o atribuíste à glutonaria, terás julgado temerariamente. Da mesma forma, se percebes em alguém se manifesta glutonaria ou vício de bebida, e o repreendes como se nunca pudesse corrigir-se ou mudar, não menos terás julgado temerariamente.

PROF. MONIR: O coração dúplice é aquele com segundas intenções. O coração simples é com aquela espontaneidade amorosa.

Para podermos entender o que está escrito aqui agora, temos que entender o seguinte:
Há dois tipos de mistérios: os grandes e os pequenos mistérios. Os pequenos mistérios são os cosmológicos, aqueles associados ao cosmos, à ordem geral das coisas materiais, às coisas que pesquisamos como cientistas, por exemplo. Mas existem os grandes mistérios, que são as coisas associadas a Deus. E esses grandes mistérios são impenetráveis.

O que ele está pedindo é para não fazer o seguinte: por exemplo, aparece um sujeito na cadeira de rodas, e vem alguém criar a teoria de que ele está daquele jeito porque em outra vida ele atropelou alguém, fugiu, não deu assistência à vítima e por isso nasceu paraplégico nessa. Se você é espiritista e acha isso, você não está sendo cristão, e então não tem o direito de me dizer que é cristão. Do ponto de vista cristão, isso é uma barbaridade gigantesca! Porque, afinal de contas, isso significa dizer que você lê a mente de Deus, sabe dos desígnios da divindade, que sabe tudo que irá acontecer e não está admitindo nenhum outro mundo a não ser este. Porque quando se fica por aí discursando que aqui se faz e aqui se paga, se está dizendo que há somente uma única referência existencial, que é este mundo. Ora, mas isso não é ser cristão. É justamente o contrário! Isso é ser materialista! Portanto não temos o direito de fazer tal declaração sendo cristãos. Porque existem coisas misteriosas que nunca se compreenderão, nem mesmo talvez no próprio Juízo Final. Há que se partir do pressuposto de que a realidade, tal

como ela é, na sua plenitude, nos é vedada. Não temos condições de saber como as coisas são nem no que elas se tornarão. Por isso é que não devemos julgar, para não sermos julgados.

ALUNO: [*Lendo*] *Há duas ocasiões em que devemos evitar o juízo temerário: quando não se sabe com certeza com que intenção se fez uma coisa, e quando se ignora como será futuramente o que agora aparece como bom ou mau. Assim, por exemplo, se alguém, queixando-se do estômago, deixou de jejuar, e tu, não acreditando nele, o atribuíste à glutonaria, terás julgado temerariamente.*

PROF. MONIR: Você cometeu uma injustiça porque julgou sem saber alguma coisa que estava oculta. Mas isso no caso de alguém que está com um problema físico é muito mais fácil de descobrir. Agora imagine uma criança que nasceu sem cérebro. A imprensa começou uma conversa de que seria um absurdo manter aquela criança viva. Se não tem cérebro, por que mantê-la viva? Qual o raciocínio que está por trás disso? Ela não vai poder ter conta no banco, não terá cartão de crédito, nem celular... então pra quê viver? Vocês percebem a barbaridade que é uma coisa dessas? Como você pode julgar se aquela criança deve viver ou não, se você não conhece o plano de Deus para aquela criança? Você não tem a menor ideia. Você não é Deus! Você não sabe o plano de Deus, portanto não se meta a julgar isso! E se há uma pessoa vivendo em coma, por aparelhos, você sabe se é para desligar o aparelho ou não? Como você sabe uma coisa dessas? Você não sabe o plano de Deus! Portanto, não se meta a julgar isso, só porque você acha, de acordo com a sua perspectiva humanitária, que determinada pessoa não deveria viver. No tempo de Santo Agostinho uma coisa dessas nem era cogitada. Hoje, se fizerem um plebiscito, é muito capaz de votarem que as pessoas estropiadas devem ser condenadas à morte. Só porque nós achamos que

essa gente não vai à academia, não compra automóvel... portanto, essas pessoas não merecem mais viver. Vocês percebem que isso é um equívoco de tamanho gigantesco? Santo Agostinho aqui está dizendo para não fazer isso.

ALUNO: [*Lendo*] *Da mesma forma, se percebes em alguém se manifesta glutonaria ou vício de bebida, e o repreendes como se nunca pudesse corrigir-se ou mudar, não menos terás julgado temerariamente.*

PROF. MONIR: Quer dizer, você está supondo que o sujeito não se emenda. Essa é outra suposição muito grave. Novamente você está julgando, a não ser que você o faça amorosamente. E como você faz amorosamente? Você faz irado, mas não odiando. E aí Santo Agostinho irá estabelecer em seguida a diferença entre a ira e o ódio. A ira pode ser positiva porque foi a reação de Jesus Cristo quando encontrou os vendilhões do templo. A ira pode ser boa, pois pode ser uma reação amorosa a um objeto que está indo mal. O ódio não! O ódio é mortífero e fatal. Temos que impedir o ódio, não a ira. A ira tem viabilidade. O próprio Hamlet diz assim: "é preciso às vezes *ser mau para ser bom*". Está escrito em *Hamlet*, e ele tem toda a razão.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
2 *Pois com o juízo com que julgardes, sereis julgados: e com a medida com que medirdes, vos medirão também a vós.*	Se cometemos um juízo temerário, por acaso nos julgará temerariamente Deus a nós? Ou, se medimos com medida injusta, porventura terá Deus uma igual para medir-nos a nós? Digo isto porque compreendo por medida o próprio juízo. De modo algum são temerários os juízos de Deus, nem a ninguém aplica Ele nenhuma medida injusta. Inequivocamente, o sentido de tais palavras é que a mesma temeridade com que ofendes a outrem haverá de ser o teu próprio castigo; não penses jamais, portanto que a injustiça prejudica tão-só o que é vítima dela e não o que é o seu autor.

PROF. MONIR: Quando a gente diz assim: que nós seremos julgados como nós julgarmos, isso não quer dizer que Deus também será temerário com relação a nós. Porque Deus não pode ser mau, nem errado.

ALUNO: [*Lendo*] *Digo isto porque compreendo por medida o próprio juízo. De modo algum são temerários os juízos de Deus, nem a ninguém aplica Ele nenhuma medida injusta. Inequivocamente, o sentido de tais palavras é que a mesma temeridade com que ofendes a outrem haverá de ser o teu próprio castigo; não penses jamais, portanto que a injustiça prejudica tão-só o que é vítima dela e não o que é o seu autor.*

PROF. MONIR: O que Santo Agostinho acabou de definir? Um negócio chamado **culpa**. Quando você comete uma grande injustiça contra os outros, esta grande injustiça não há de poupar você. Você receberá o mesmo efeito dessa grande injustiça.

É exatamente o que acontece com a caridade cristã. É impossível a ideia de altruísmo. Ela foi uma ideia inventada por Herbert Spencer, um sujeito da turma do Darwin. Uma interpretação possível do darwinismo é que tudo é feito por relações aleatórias, portanto não há Deus, e que a religião deve ser alguma coisa que nasceu como resultado de algum processo evolutivo. Então, já que é assim, há de haver alguma fórmula laica para substituir aquilo que era antes religioso – um derivado disso é o Luc Ferry.

Então Herbert Spencer decidiu criar um negócio chamado altruísmo. O altruísmo é algo para você colocar no lugar da caridade cristã – que não pode mais existir, já não há Deus. O altruísmo é a ideia de que alguém pode fazer um bem a outro fazendo um mal a si próprio. Ou seja, você tem dez reais no bolso; quando você os entrega para um pobre você empobrece em dez reais ao mesmo tempo que ele enriqueceu em dez reais. Esta é uma ideia perfeitamente idiota e completamente inviável, porque não é possível você produzir um mal para si próprio porque fez um bem ao outro. O que você recebeu foi um benefício equivalente a estes dez reais que não se manifesta monetariamente, não tem uma expressão monetária. A mesma coisa acontece quando você faz um mal para o outro. Todo o mal que você faz para o outro reflete no mal que você faz para si próprio. Mais do que isso – quando um ser humano faz uma coisa má, de certa maneira todos

os outros seres humanos sofrem com isso. Quando um ser humano faz uma coisa boa, todos os outros seres humanos ficam bem por causa disso. Portanto, é perfeitamente impossível haver uma coisa chamada altruísmo.

Por isso que para o velho cristianismo a caridade é um método de terapia espiritual. A caridade é feita para quem dá, não para quem recebe. O fato de que o pobre recebeu aquele dinheiro é apenas um efeito colateral do ato maior de todos, que é o de melhorar a sua própria vida. Isso é de fato assim. Toda a vez que você acha que sua vida está indo mal e perdeu um pouco o sentido, uma maneira boa de recuperar tudo é você dar, fazer caridade. Melhora automaticamente. Porque todo o bem gera um bem. Todo o mal gera um mal. Isso é assim logicamente. Não estou dando aula de religião, repito! A ideia de que possa existir uma perda em compensação de um ganho é uma ideia completamente sem sentido. É a ideia do altruísmo, mas é completamente absurda. Não faz nenhum sentido. É isto que está aqui dizendo Santo Agostinho: quando você julga o outro mal e comete uma injustiça, você sofre com isso por ter feito a injustiça, mas não porque Deus vai depois injustiçar você também, vai mandar você para uma parte do inferno que você não merece, por exemplo. Porque Deus não é injusto, de modo nenhum. Portanto, isso não é pantograficamente simétrico. Tem de haver aí uma diferença.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
3 *Por que vês tu pois a aresta no olho de teu irmão: e não vês a trave no teu olho?*	Quanta distância entre a aresta e a trave, ou seja, entre a ira e o ódio! Com efeito, o ódio é ira inveterada, tão robustecida, por assim dizer, pela longa duração, que justíssimamente pode chamar-se viga. Aquele que se encoleriza contra outro pode concomitantemente desejar-lhe a emenda, mas aquele que odeia não lha pode querer.

PROF. MONIR: Aresta, no tempo do tradutor, era uma coisa insignificante. Modernamente é traduzida por cisco.

ALUNO: [*Lendo*] *Quanta distância entre a aresta e a trave, entre a ira e o ódio*.

PROF. MONIR: Pronto! Está aqui ó! A aresta e a trave (ou viga) não são a aresta e a trave materiais. Uma coisa é a ira, que é a pequena, e outra coisa é o ódio. O que não pode ter é o ódio. Ira é bom ter. É até positivo ter. Mas o ódio não se pode ter. Quando você fica bravo com seu filho é porque você quer que ele melhore. Não há nada de errado em ficar bravo com um menino que fez uma besteira. Você quer o bem dele, não é?

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
4 Ou como dizes a teu irmão: Deixa-me tirar-te do olho uma aresta. Quando tu tens no teu uma trave? 5 Hipócrita, tira primeiro a trave do teu olho, e então verás como hás de tirar a aresta do olho de teu irmão.	Ou seja: primeiro livra-te do ódio, e já depois poderás corrigir a quem amas. E com toda a sua justiça diz o Senhor: Hipócrita.
6 Não deis aos cães o que é santo: nem lanceis aos porcos as vossas pérolas, para que não suceda que eles lhes ponham os pés em cima, e tornando-se contra vós, vos despedacem.	Pode-se afirmar que o que é santo e as pérolas são uma só e mesma coisa: o que é santo, porque não se pode corromper; e a pérola, porque não se deve desprezar. Com razão, se pode, por conseguinte, entender por cães os que atacam a verdade, e por porcos os que as desprezam. Por conseguinte, evite-se revelar algo aos que não estejam em condições de compreendê-lo, porque preferirão o que permanece oculto, e odiarão e desprezarão o que se revelou.

7 Pedi e dar-se-vos-á: buscai, e achareis: batei, e abrir-se-vos-á. 8 Porque todo o que pede, recebe: e o que busca, acha: e a quem bate, abrir-se-á.	O pedir visa a obter a saúde e a firmeza da alma, para que possamos cumprir o que se nos manda; o buscar visa a encontrar a verdade; porque, como a vida bem-aventurada é constituída pela ação e pelo conhecimento, e como a ação requer o uso das próprias forças, e a contemplação requer a revelação das coisas, é preciso pedir a primeira, para obtê-la, e buscar a segunda, para encontrá-la. E, conquanto nesta vida o conhecimento do caminho anteceda ao conhecimento do bem que se há de possuir, no momento mesmo, porém, em que alguém encontre o caminho verdadeiro, alcançará a própria posse deste bem, posse que todavia só se abre àquele que bate.

	A fim de que se compreendam claramente estas três coisas, o pedir, o buscar e o bater, imaginemos alguém doente dos pés e impossibilitado de andar. Antes de mais nada o enfermo dever ser curado, para que possa caminhar; e isto se refere Ele ao dizer: Pedi. Mas que lhe vale poder andar, e até correr, se marcha errante por caminhos tortos? Segue-se, assim, que deve primeiro encontrar o caminho que o há de conduzir ao lugar aonde quer chegar. Após ter encontrado o caminho, e após ter chegado à casa onde deseja viver, se porém a encontra fechada, e se não a abrem, de nada lhe terá valido o ter podido andar nem o ter chegado ao objetivo. E a isto se refere Cristo ao dizer: *Batei.*

PROF. MONIR: Por causa desse trecho aqui nasceu esta ideia de que se você quer um BMW novo, basta ir até a catedral e pedir muito, que Deus manda um para você. Pode até ser que mande. Não estou nem dizendo que não vai mandar. Só que essa é uma compreensão muito parecida com a compreensão que o Edir Macedo tem de religião. É muito primário! Analisar as coisas desse jeito é você perder totalmente a profundidade do próprio cristianismo.

Tenho uma lista de convertidos, que eu faço quando encontro um. Todos são convertidos para o catolicismo, nunca para o protestantismo. Aí eu pergunto assim para os convertidos: "Mas por que você escolheu o catolicismo e não

escolheu a igreja anglicana?" Daí eles dizem assim: "É que o catolicismo tem os mistérios". Ou seja, há uma coisa no catolicismo (que manteve os mistérios) que é tão bonito e extraordinário, que é insubstituível. É isso, mais ou menos, que acontece aqui. Nós não podemos entender isso pelo valor de face, precisamos de um pouco mais de sofisticação. É o que Santo Agostinho vai nos ajudar a entender:

ALUNO: [*Lendo*] *O pedir visa a obter a saúde e a firmeza da alma, para que possamos cumprir o que se nos manda; o buscar visa a encontrar a verdade; porque, como a vida bem-aventurada é constituída pela ação e pelo conhecimento, e como a ação requer o uso das próprias forças, e a contemplação requer a revelação das coisas, é preciso pedir a primeira, para obtê-la, e buscar a segunda, para encontrá-la. E, conquanto nesta vida o conhecimento do caminho anteceda ao conhecimento do bem que se há de possuir, no momento mesmo, porém, em que alguém encontre o caminho verdadeiro, alcançará a própria posse deste bem, posse que todavia só se abre àquele que bate.*

PROF. MONIR: Portanto não adianta você pedir um BMW, uma casa na praia, uma caixa d'água azul bem bacana e um jeito de ir almoçar de táxi em Antonina todo o dia, porque isso é de uma futilidade tremenda. O que Deus quer fazer por você é ajudar você a melhorar a sua alma. É isso que Ele fornece, se você pedir. Essas outras coisas todas são ingenuidades. É claro que Deus pode atendê-las. Pode. Mas é uma coisa muito abaixo do que a gente deveria compreender por esta determinação.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
11 *Pois se vós outros sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos: quanto mais vosso pai, que está nos céus, dará bens aos que lhos pedirem?*	Como é que os maus podem dar bens? Sucede que Ele chamou maus aos que ainda amam este século e aos pecadores, e os bens que eles dão devem, segundo o seu mesmo critério, ser chamados bens, porque de fato os têm por tais; e, naturalmente falando, trata-se de verdadeiros bens, mas bens temporais e próprios desta vida efêmera, e, ademais, nada de tudo quanto dá um homem mau é verdadeiramente seu, uma vez que *do Senhor é a terra, e tudo que ela encerra*. [Sal. XXIII, 1], o mesmo Senhor que *fez o céu e a terra, o mar e todas as coisas que neles há.* [Sal. CXLV, 6]. Com quanta confiança, portanto, podemos esperar que Deus nos dará os bens que Lhe pedimos, e quão certos devemos estar de que não seremos enganados, de que não nos dará uma coisa por outra quando Lhe pedimos, se até nós mesmos, que somos maus, sabemos dar o que nos é pedido? Com efeito, não enganamos os nossos filhos, mas quando damos bens, não damos nada de nosso, dado serem todos d'Ele.

PROF. MONIR: Então Ele está dizendo que nós somos maus. Mas é preciso entender o que se quer dizer com "maus" aqui. Somos maus porque somos materiais e temporais – nesse sentido é que nós somos maus.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
12 *E assim tudo o que vós quereis que vos façam os homens, fazei-o também vós a eles. Porque esta é a lei, e os profetas.*	Parece, pois, que este preceito se refere ao amor ao próximo, e não concomitantemente ao amor de Deus, já que alhures afirma o Senhor que são dois os preceitos de que dependem toda a Lei e os Profetas. [Mat., XXII, 37-40]. Se tivesse dito: Tudo o que quereis que vos façam a vós, fazei-o também vós, ter-se-ia abarcado nesta única frase aqueles dois preceitos, uma vez que, então, poderíamos discorrer desta maneira: cada um quer ser amado tanto por Deus como pelos homens, e, assim, no próprio preceito de querer para os outros o que quereríamos para nós mesmos, estaria subentendido o de amar a Deus e aos homens. Como todavia o Senhor se refere expressamente aos homens: *Tudo o que quereis que os homens vos façam a vós, fazei-o também vós a eles,* parece que se refere unicamente ao mandamento: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo.* [Mat., XXII, 39]. Mas notese que no preceito que aqui nos ocupa Ele acrescentou: *porque esta é a Lei e os Profetas* [Mat., VII, 12]. Quanto àqueles dois preceitos, não disse tãosomente que deles dependiam a Lei e os Profetas, mas *toda a Lei e os Profetas* [Mat. XXII, 40], ou seja: todas as profecias.

PROF. MONIR: Reparem que não está no *Sermão da Montanha* o preceito de que devemos amar *"como Eu vos amei".* Aqui ele confirma a ideia de que se deve amar *"como a v*ós mesmos". Ou seja, amar alguém como a você mesmo significa amar **exatamente como** – nem mais, nem menos. E este é um preceito absolutamente importante.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
13 *Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que guia para a perdição, e muitos são os que entram por ela.* 14 *Que estreita é a porta, e que apertado o caminho que guia para a vida! E que poucos são os que acertam com ele!* 15 *Guardai-vos os falsos profetas, que vêm a vós com vestidos de ovelhas, e dentro são lobos roubadores!*	A este respeito, devemo-nos precaver sobretudo daqueles que prometem a sabedoria e o conhecimento da verdade, sabedoria e conhecimento que eles próprios não têm, como é o caso dos hereges, os quais amiúde se recomendam a si mesmos por ser pequeno o seu número. Assim, tendo dito o Senhor que são poucos os que encontram a porta e o caminho estreitos, acrescenta, precisamente para que não se sintam aludidos tais hereges quando fala Ele em poucos: *Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós com vestidos de ovelhas, e por dentro são lobos rapazes.* [Mat., VII, 15] Mas estes não enganam o olhar simples, que sabe distinguir a árvore pelos seus frutos.

PROF. MONIR: Esses aí são o que se chama na vida de *anticristos* – que não é uma pessoa, uma personalidade, um indivíduo, mas o conjunto de doutrinas anticristãs. Elas sempre existiram? Sempre! Com a diferença de

que no tempo de Santo Agostinho você mandava internar o sujeito no hospício e hoje você o coloca como ministro da educação.

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: O reino do anticristo não é o fato de que aumentou no mundo a quantidade de burrice e de perversidade intelectual, mas o fato de que agora nós os apoiamos, os transformamos em professores universitários, em autoridade, fazemos tudo que eles mandam e aí vocês têm o reino do anticristo – que está de fato presente. Podem acreditar em mim!

ALUNA: Ali não seria "lobos vorazes"?

PROF. MONIR: Não. A palavra "rapazes", que ilustra os seres humanos jovens do sexo masculino vem daí porque não há gente tão destrutiva quanto esta turma! De onde você pensa que vem a palavra "rapaz"? Na sua origem vem de rapacidade, pois o que há ser mais destrutivo e perigoso do que um fulano de dezenove anos, com som atrás do carro, tocando *Leandro e Leonardo* bem alto na praça?

ALUNOS: [*risos*]

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
16 *Pelos seus frutos os conhecereis. Porventura os homens colhem uvas dos espinhos, ou figos dos abrolhos?* 17 *Assim toda a árvore dá bons frutos: e a má árvore dá maus frutos.* 18 *Não pode a árvore boa dar maus frutos: nem a árvore má dar bons frutos.* 19 *Toda a árvore, que não dá bom fruto, será cortada e metida no fogo.* 20 *Assim pois pelos frutos deles os conhecereis.*	A esta altura, é preciso ter particular cuidado com o erro daqueles que, fundados nestas duas árvores, deduzem que há duas naturezas: uma que é de Deus, e uma que não é de Deus nem procede de Deus. Deste erro já me ocupei longamente em outros livros, e me ocuparei sempre que necessário; agora, é preciso provar que essas duas árvores não lhes favorecem a teoria. Primeiramente, porque é tão claro que Cristo se refere aqui aos homens, que quem quer que analise o que antecede a estas suas palavras e o que se lhes segue ficará admirado da cegueira daqueles equivocados. Depois, fixamse eles nestas palavras: *Não pode uma árvore boa dar maus frutos*, deduzindo delas que nem a alma boa pode fazerse má, nem a má pode tornarse boa, como se se tivesse dito: Não pode uma árvore boa fazerse má, nem uma árvore má tornarse boa. Mas as palavras do Senhor são exatamente estas: *Não pode uma árvore boa dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos*. Com efeito, a árvore é a alma, ou seja, o homem, e os frutos são as obras do homem; logo, não pode o homem mau obrar o bem, nem pode o homem bom obrar o mal. Se o mal quer fazer obras boas, deve primeiro tornarse bom.

ALUNO: [*Lendo*] *Há duas naturezas: uma que é de Deus e outra que não é de Deus e não procede de Deus*.

PROF. MONIR: Esta é justamente a tese dos maniqueístas, que Santo Agostinho passou a vida combatendo como sendo bobagem. Não é uma tese cristã, não é uma heresia. É uma abordagem, digamos assim, cosmológica diferente da cristã, mas que é insustentável. Não há filósofo sério no mundo que defenda isso. É tão absurdamente errado que não dá nem pro sujeito mais maluco de todos defender.

ALUNO: [*Lendo*] *Com efeito, a árvore é a alma, ou seja, o homem, e os frutos são as obras do homem; logo, não pode o homem mau obrar o bem, nem pode o homem bom obrar o mal. Se o mal quer fazer obras boas, deve primeiro tornarse bom.*

PROF. MONIR: Logo é possível mudar. É por isso que é possível que um homem mau faça uma ação boa. Se o Fernandinho Beira-Mar[8] salvar uma criança lá que estava com câncer, se ele melhorar e salvá-la, então esta é uma ação boa, mesmo vinda do Fernandinho Beira-Mar. Porque na prática da vida humana, as pessoas não são totalmente más ou totalmente boas. É da natureza humana ser conflituoso. Nós estamos sempre naquela condição tensional entre o céu e a terra. Logo é natural que tenhamos uma vida

8 Nota da revisora de transcrição – "Luiz Fernando da Costa, mais conhecido como Fernandinho Beira-Mar (Duque de Caxias, 4 de julho de 1967), é um criminoso brasileiro, líder da organização criminosa Comando Vermelho. É considerado um dos maiores traficantes de armas e drogas da América Latina." Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Fernandinho_Beira-Mar. Acesso em 08/10/2017.

oscilante. O que Santo Agostinho está criticando aqui é que os maniqueus veem estas duas coisas como separadas. Santo Agostinho diz que um homem mau pode se tornar um homem bom, sim. E ele tem toda a razão. É verdade!

ALUNO: O que seria *"Toda a árvore, que não dá bom fruto, será cortada e metida no fogo"*?

PROF. MONIR: Significa não salvará a alma. A simbologia que Santo Agostinho definiu é essa, a árvore é a alma. Portanto a alma que é má não irá para a eternidade. O que não significa "não ir para a eternidade?" É não ser lembrada na hora em que houver o Juízo Final. A morte depois do Juízo Final é quando Deus não lembra que você existe. Você não está mais na mente de Deus. Esta árvore será consumida nas cinzas em que se transformará este mundo material. O mundo material vai virar cinzas, e os que não forem lembrados para subir perecerão com este mundo. Deixarão de existir, pura e simplesmente.

EVANGELHO DE SÃO MATEUS - CAP. 7	COMENTÁRIOS DE SANTO AGOSTINHO
21 Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus: mas sim o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus, esse entrará no reino dos céus. 22 Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não é assim que profetizamos em teu nome, e em teu nome expelimos os demônios, e em teu nome obramos muitos prodígios? 23 E eu então lhes direi em voz bem inteligível: Pois eu nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que obrais a iniqüidade. 24 Todo aquele pois que ouve estas minhas palavras, e as observa, será comparado ao homem sábio, que edificou a sua casa sobre rocha. 25 E veio a chuva, e transbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa, e ela não caiu: porque estava fundada sobre a rocha. 26 E todo o que ouve estas minhas palavras e as não observa, será comparado ao homem sem consideração, que edificou a sua casa sobre areia. 27 E veio a chuva, e transbordaram os rios, e assopraram os ventos, e combateram aquela casa e ela caiu, e foi grande a sua ruína.	Não pensemos, pois, que pelo mero dirigir-se a Nosso Senhor e dizer-Lhe: Senhor, Senhor, alguém produz já aqueles frutos que distinguem a árvore boa. Os únicos frutos bons consistem em fazer a vontade do Pai, que está nos céus, este mesmo fazer a vontade do Pai de que se dignou dar-se-nos Ele próprio como exemplo. Segue-se, então, que há dois modos de dizer: o dos que expressam aquilo que apreendem com o entendimento e querem com a vontade, e o daqueles que somente dizem com a voz. A este sentido é que se referia o Senhor ao afirmar: Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus. Mas dizem com verdade e propriedade aqueles cuja mente e cuja vontade não estejam em desacordo com a sua palavra, e neste sentido é que se expressou o Apóstolo ao afirmar: E ninguém pode dizer Senhor Jesus senão pelo Espírito Santo. Com efeito, não temeu este sábio nenhuma superstição tenebrosa (que outra coisa se pode entender aqui por chuva, usada como está para significar algum mal?); nem os rumores dos homens, que julgo estão aqui comparados aos ventos; nem o rio desta vida, figura das concupiscências carnais que correm, caudalosas e transbordantes, sobre a terra. Aquele que se deixa seduzir pela prosperidade é alquebrado por essas três adversidades, das quais nada tem que temer aquele que edificou a sua casa sobre rocha, ou seja, aquele não só ouve os mandamentos de Deus mas os cumpre.

28 E aconteceu que, tendo acabado Jesus este discurso, estava o povo admirado da sua doutrina. 29 Porque ele os ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas deles, e os fariseus.	E é justamente isto o que está significado pelo Profeta num dos salmos: Nisto procederei confiadamente. As palavras do Senhor, palavras sinceras, são prata purificada no fogo, acendrada no crisol, refinada sete vezes. [Sal.XI,6-7]. É este número o que me levou a relacionar tais preceitos com aquelas sete sentenças proferidas pelo Senhor, no início do Sermão, ao falar dos bem-aventurados, e com aquelas sete operações do Espírito Santo que menciona o profeta Isaías. Seja porém esta a divisão que se adote, seja outra, temos de praticar o que ouvimos do Senhor, se de fato queremos edificar sobre rocha.

PROF. MONIR: E acabou o *Serm*ão da Montanha! Preciso dizer a vocês uma coisa importante sobre isso. Pareceu muito difícil o *Sermão da Montanha* como corpo doutrinal e moral cristão? Ele parece muito menos difícil agora que Santo Agostinho nos explicou, não é?

Eu acho que nesta história toda quem tem mesmo razão não é o Santo Agostinho, mas um monge agostiniano – que portanto de alguma maneira compartilha o que pensa Santo Agostinho. Esse monge agostiniano se chama Martinho Lutero. Ele está com a razão não porque tenha criado o luteranismo e um cisma dentro do cristianismo – acho que ele fez errado, que isso não devia ter acontecido, que não foi uma boa ideia (mas não vamos entrar no mérito desse assunto) – mas Martinho Lutero está certo porque ele resume toda essa história no seguinte:

A vida humana não é santidade.

A vida humana é busca da santidade.

Era muito importante que vocês meditassem um pouquinho sobre isso. Porque o grande gargalo, o grande entupimento de fluxo que se tem no Sermão da Montanha é quando os inimigos do cristianismo (como neste caso do Gandhi que eu relatei para vocês) alegam que os cristãos são um grupo de falsários, uma espécie de quadrilha, porque se dizem cristãos sem, no entanto, cumprirem nada do que está aqui. Esta maneira de ver, me parece, que é a pior possível. Porque afinal de contas, o cristianismo não foi feito para santos, mas para pecadores. E a condição do cristão normal é a condição de devedor. Ficar dizendo que os cristãos pecam é uma bobagem, é a mesma coisa que afirmar que a água é molhada, que os cachorros latem, e coisas do gênero... Pois é óbvio que os cristãos são pecadores! Por isso é que são cristãos, pois se fossem anjos não precisariam de religião nenhuma. A religião não é feita para os santos. A religião é feita para os pecadores.

Portanto ser cristão não é você ser igual ao que está aqui, porque isso não se consegue fazer exatamente – as exigências são tão amplas que é muito difícil que você as conquiste todas, digamos, no espaço de uma vida concreta, sempre muito curta. A vida humana é curtíssima! Mesmo se vivida longamente, ela ainda é muito curta – dentro de uma perspectiva comparativa. Mas se você encara a vida humana, a vida cristã, como sendo uma tentativa de santidade, aí você se encontra numa posição muito diferente, porque afinal de contas há toda a diferença entre a velha Lei e a nova Lei.

A melhor comparação possível é pensar em escultura. Há dois tipos de escultura. Há a escultura propriamente dita, que é o processo pelo qual você desbasta o material, seja pedra, seja madeira. E há um outro tipo de escultura que é mais uma modelagem, por exemplo, com argila – você não desbasta, mas junta. Enquanto no mármore você tira, na modelagem você adiciona. Há uma diferença muito grande nestas duas coisas. Uma vez, perguntaram a Michelangelo – que não era mau escultor – sobre seu trabalho. Um escultor normal diria que transforma um pedaço de pedra numa estátua, mas Michelangelo respondeu que ele tirava o excesso para descobrir a estátua que já estava pronta dentro da pedra. Ele apenas libertava a estátua daqueles pedaços que a encobriam e nos impediam de vê-la.

Pois o processo do Michelangelo é como o processo ao longo do qual você vai chegando lá naquela estátua que você finalmente descobrirá. A vida do ser humano, da perspectiva cristã, é exatamente um processo permanente de desbaste, ou seja, é a tentativa de descobrir a estátua da santidade divina. Às vezes é difícil, às vezes vai lentamente, às vezes você não consegue. Às vezes você quebra um pedaço fundamental e é preciso baixar o tamanho da peça interna senão você não consegue mais manter o projeto inicial. E a vida humana é esse conjunto de imperfeições que, no entanto, precisam ser bem-intencionadas em princípio.

Quando você junta, então, essas duas coisas: a ideia de que não é a santidade, mas é a busca da santidade com a permeação permanente da boa intenção – você descobre finalmente o que é o cristianismo. O cristianismo não exige de você nenhuma perfeição, exige de você a maior boa vontade do mundo para conseguir isso. Essa é a razão pela qual é perfeitamente possível não estar dentro do padrão, digamos, das normas sugeridas pelo Sermão da

Montanha e mesmo assim ser um sujeito aceitável e amável até aos olhos de Deus. Esse me parece o melhor jeito de entender o que está aí, dentro de uma perspectiva de quem esteja olhando para isso como um conjunto de regras nas quais pautar sua própria vida.

ALUNA: [*Comenta que o melhor exemplo disso tudo é a conversão de Santo Agostinho.*]

PROF. MONIR: Sim, tem toda a razão. Santo Agostinho dizia assim: "Ai, Senhor, dai-me a castidade, mas não agora!"

ALUNOS: [*risos*]

PROF. MONIR: Portanto, vamos fazer o seguinte? Vamos deixar de frescura, e apesar de que se tem toda esta expectativa, vamos nos ver de modo misericordioso, porque é o jeito pelo qual nós seremos também objeto de misericórdia. É isso que Jesus queria ter dito aí, obviamente dentro da perspectiva de Santo Agostinho.

[*Aplausos*]

(Resumo feito por José Monir Nasser, com excertos traduzidos por Carlos Ancêde Nougué, retirados de Sobre o Sermão do Senhor na Montanha, 2ª. Edição, Edições Santo Tomás, Campo Grande/Rio de Janeiro, 2003 e com transcrição da Bíblia Sagrada, tradução de Antônio Pereira de Figueiredo, Barsa, 1975.)

Federação das Indústrias do Estado do Paraná - FIEP | Presidente

Edson Campagnolo

Serviço Nacional da Indústria Paraná - SENAI | Diretor Regional Senai - PR

Serviço Social da Indústria Paraná - SESI | Superintendente do SESI/IEL - PR

José Antonio Fares

Assessora Executiva de Assuntos Estratégicos - Sistema FIEP

Maria Cristhina de Souza Rocha

Gerente de Cultura - Sistema FIEP

Anna Paula Zétola

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Thaisa Bonato Lourenço

Analista Técnico – Cultura - Sistema FIEP

Kleberr Wlader

Normalização – Cultura - Sistema FIEP

Pandita Marchioro

Conteudista

José Monir Nasser (in memorian)

Revisão de transcrição

Patrícia Nasser

Revisão Literária e Palestras

Paulo Briguet

Capa e Diagramação

Maria Cristina Pacheco dos Santos Lima

Ilustração Capa

José Monir Nasser

Coordenação Geral

Anna Paula Zétola

Produção Executiva e Prestação de Contas

Luiz Roberto Meira

Assistente de Produção

Gilmar Lima

Assessoria de Imprensa

Rafaela Tasca

Programa Nacional de Apoio à Cultura PRONAC

Ministério da Cultura